

BÉATRICE T. DUPUY
~ ~



ECÔS

~ ~

O MAR É A NOVA LUA

 editora
coerência



ECOS
O Mar é a nova Lua

Béatrice T. Dupuy

Edição Digital
2016

Copyright © 2016 Béatrice T. Dupuy.

Todos os direitos reservados.

É proibida a distribuição ou reprodução total ou parcial de qualquer parte desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio mecânico ou eletrônico, sem o consentimento por escrito do autor.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas ou acontecimentos é mera coincidência.

*Capa: Décio Gomes
Revisão de Texto: Evelyn Santana
Diagramação Digital: L. L. Alves*

Este romance segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Sumário

Agradecimentos

Apresentação

Prólogo

O fundo do mar e suas maravilhosas surpresas.

De volta para onde tudo começou

Remontando fragmentos do passado

Descoberta revolucionária e um desaparecimento inexplicável

Início de uma trajetória fascinante

Uma expedição da vida marinha

Um mundo desconhecido

Talento e comprometimento reconhecidos

“Bloop”, um fenômeno real

Ameaças de um passado obscuro

Decifrando códigos secretos

A diversidade da vida

O impacto inesperado com a realidade

Realidades de uma selva de pedras

Aventuras e desventuras de mundos diferentes

Riscos e desafios

A força da confiança e da cumplicidade

O destino sob uma nova perspectiva

Caminhos paralelos

Do caos para um novo horizonte

Sobre a Autora

Agradecimentos

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Aos meus pais, meu irmão, meu esposo, meu filho e a toda minha família, que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante.

À Vanusa, Daniel e todos que ajudaram a tornar este sonho realidade.

Apresentação

Conspirações, mistérios e uma abordagem contemporânea sobre os assuntos do mar temperam esta obra, que transita de forma suave na nebulosa fronteira da ficção e realidade. Ao retornar para casa, onde passou a adolescência, Alexandre é perturbado por lembranças do misterioso desaparecimento de seu pai, Alfred, que, suspeitando da nocividade dos sonares do governo à vida das baleias, se envolveu em um perigoso mundo de ambição e poderio econômico, que, possivelmente, cala todos aqueles que descobrem seus sórdidos segredos.

A obra "Ecos: o Mar é a Nova Lua", de Béatrice T. Dupuy, é uma incrível e interessante narrativa sobre um homem que viveu no mar a inspiração do questionamento. Tão inexplorada é a porção oceânica de nosso planeta, que muito do que se considera ser ficção pode ser deveras realidade, ludibriada pela falta de conhecimento e, quiçá, ocultada por interesses econômicos e científicos, que represam e censuram informações de acordo com sua conveniência.

Uma história de aventuras, autoconhecimento, temas científicos e de conservação marinha atuais, em uma abordagem que mistura sonhos com a vida real. Consegue despertar no leitor uma vontade incessante de devorar o livro o mais rápido possível, uma viagem a um mundo de sereias em que um homem busca viver de forma incondicional as diversas realidades paralelas de uma vida, para assim evoluir sua existência.

Daniel Botelho é fotógrafo da National Geographic Society e da Walt Disney Company. Contribui para revistas como Time, BBC Wildlife. É correspondente do site www.yahoo.com e do jornal New York Times. Seu trabalho já foi exposto nas redes de tevê CNN, ABC, CBS, e ele ganhou o prêmio internacional Nikon de fotografia nos anos de 2010 e 2011. Daniel teve também uma de suas fotos sendo caracterizada como a mais inspiradora do ano de 2012 pela gigante da internet AOL. Atuante não apenas como fotógrafo, mas como líder de expedição, já planejou e guiou aventuras para a BBC, Globo,

National Geographic Channel e Discovery Channel. Sua última conquista foi realizar uma exibição solo no Museu do Louvre em Paris. Nos dias de hoje, Daniel divide seu trabalho com a conservação da natureza, batalhando pela proteção das criaturas marinhas.

Prólogo

O fundo do mar e suas maravilhosas surpresas.

Enquanto o Espaço continua sendo considerado uma das últimas fronteiras a ser explorada pelo homem, ainda há muito para se conhecer aqui mesmo na Terra, ou melhor, na água.

O fundo do mar tem 300 vezes o tamanho do espaço, é habitado por espécies terrestres e a maior parte do nosso planeta está debaixo d'água. Apesar disso, por uma decisão política encabeçada pelo governo dos Estados Unidos, foi lançada uma disputa para a investigação do Espaço e nenhuma para o Oceano Abissal. A corrida espacial caiu nas graças dos interesses políticos e científicos e as profundezas dos mares ficaram em uma condição de esquecimento.

No século XXI, a superfície da Lua é mais conhecida e estudada do que os oceanos. Até 2014, doze homens chegaram à Lua, enquanto apenas dois pisaram no ponto mais baixo da Terra. Cerca de 90% do fundo dos oceanos nunca foi tocado pelo homem, e menos de 5% foi pesquisado biologicamente. Milhares de espécies submarinas vivem, sem que tenhamos conhecimento de sua existência, no fundo do mar, nas fossas abissais, lugar de biodiversidade tão grande quanto as florestas tropicais.

O real conhecimento de vida no fundo do mar é ínfimo e limitado. Linhagens desconhecidas vivem a cerca de mil metros de profundidade em fendas e rochedos. No entanto, de tempos em tempos, emerge uma nova espécie.

Com as intervenções do homem sobre a natureza, cada vez mais espécies estão ameaçadas de extinção. Por isso, várias delas podem desaparecer antes mesmo de terem sido conhecidas, ou permanecerão vivas justamente porque sabem se esconder.

Com um novo olhar para a escuridão viva, cheia de exércitos incalculáveis de criaturas fantásticas, cientistas vêm descobrindo mais e mais espécies, graças a novos e mais resistentes submarinos e câmeras que mergulham cada vez mais fundo. Os oceanos, em

*especial as águas profundas, têm se revelado um baú de surpresas...
Ainda hoje, um mistério para a humanidade.*

*"A imaginação é mais importante que o conhecimento.
O conhecimento é limitado. A imaginação circunda o mundo."
Albert Einstein*

De volta para onde tudo começou

Numa tarde tépida no início do verão, Alexandre abre a porta daquela casa abandonada. Seu coração aperta e a emoção toma conta de todos os seus sentidos. Quinze anos se passaram. Como flashes, diversas lembranças ocorrem em sua mente. Aquele lugar é rico de histórias da sua vida. Ao caminhar devagar por cada ambiente, recorda momentos intensos vividos na infância com seu pai.

Órfão de mãe desde o nascimento, em virtude de complicações no parto, as lembranças de Alexandre se concentram na figura paterna, que representa para ele tudo o que há de melhor no ser humano. Afastado do seu ente mais querido de uma maneira cruel e intempestiva, ele tem sua vida transformada sem nenhum aviso prévio, ainda na infância.

No tempo vivido com seus tios, Valentina e Gabriel, em New Jersey, Estados Unidos, Alexandre compartilhou espaço, coisas e pensamentos com um número maior de pessoas, mas a essência da convivência em família aprendeu com o pai — um companheiro leal, presente e sempre pronto para qualquer circunstância.

Ao voltar para aquela casa, os sentimentos de saudade e alegria disputam espaço no seu coração. Ele tem vontade de reviver todos os momentos felizes e intensos da sua infância e, ao mesmo tempo, ficar sentado em um canto da sala para observar cada detalhe da mobília, dos quadros, dos objetos e até de alguns brinquedos, que ainda permanecem em um espaço da casa, como se durante todos aqueles anos estivessem aguardando o retorno do seu dono.

Totalmente absorvido nesse momento, Alexandre tem a estranha sensação de que cada detalhe parece pronto para fazer revelações que ele nem imagina. Enquanto tenta decifrar seus sentimentos, perde a noção do tempo, e todo o espaço físico ao seu redor compõe diversos cenários da sua infância. As lembranças e a emoção, reprimidas durante tantos anos, são intensas e geram uma dor incompreensível.

Ele se sente sob o efeito de anestesia, mas sabe que tudo ali é real e faz parte da sua vida. O seu íntimo permanece como um vulcão em erupção.

— Paaaaaiiiiiiiiiiii! Como eu sinto a sua falta! — grita num tom sufocado.

Retornar para sua casa após tanto tempo gera um turbilhão de sensações e emoções. Nos últimos anos, Alexandre havia sufocado todas as lembranças de uma fase importante da sua infância.

A casa está empoeirada, e em outras circunstâncias ele não permaneceria em um lugar naquelas condições por muito tempo. Um processo alérgico, que teve início quando tinha apenas cinco anos de idade, fez seu pai, muitas vezes, perder noites de sono e passar madrugadas inteiras em prontos-socorros da região por causa da sua dificuldade para respirar.

Ele relembra, com muito carinho, o semblante preocupado daquele homem forte, companheiro, dedicado, respeitado e admirado no seu universo de trabalho e nos ambientes sociais, mas que parecia outra pessoa diante do seu filho. Atento às necessidades do pequeno, fazendo todo o possível para diminuir o sofrimento nos momentos de crises respiratórias, adquiriu um aparelho de inalação, adaptado em formato de navio, que era utilizado ao primeiro sinal de irritação na garganta. “Respira, meu filho, respira. Em você há fôlego de vida. ” Seu pai tinha talento para transformar qualquer circunstância em um momento único e lúdico.

Recordar esses episódios tornam as lembranças ainda mais preciosas. Com o tempo, as crises respiratórias cessaram e o pequeno “navio inalador” se tornou uma preciosa peça de decoração.

Após percorrer sem pressa diversos cômodos da casa, Alexandre se senta em um canto da sala e se detém nesse objeto. Observa cada detalhe como se fosse possível capturar lembranças apenas com o toque dos dedos. No canto de seus lábios, surge um tímido sorriso ao se lembrar de uma divertida tarde de domingo, quando seu pai improvisou uma tenda de acampamento, onde os dois brincaram de piratas do fundo do mar — a brincadeira predileta deles. Seu pai dizia que dentro daquele pequeno navio havia um tesouro muito valioso.

— *Pirata navegante! Temos um segredo que jamais poderá ser revelado a outros vivos. Aqui ficará guardado o nosso tesouro — revelava o Alfred, encarnado em seu personagem.*

Normalmente Alfred colocava algum objeto dentro do navio para representar o tesouro, e aquele era o segredo dos piratas até a próxima navegação. Ao lembrar esses momentos, Alexandre não consegue mais segurar o choro.

— *Pai! Por que você me abandonou? — questiona, como se o Universo pudesse responder e eliminar a sua dor.*

Remontando fragmentos do passado

Apesar do empenho e esforços de seus tios para fazê-lo se sentir integrado à nova família, formada por força das circunstâncias, Alexandre sempre se sentiu como um intruso. O sonho de sua tia era ter um filho, mas logo no início do casamento ela foi diagnosticada portadora de endometriose, uma condição que gera infertilidade feminina e, após um intensivo e doloroso tratamento sem resultado positivo, o casal desistiu da paternidade e passou a investir cada um na sua vida profissional.

Com as circunstâncias misteriosas e inexplicáveis do desaparecimento de Alfred, seu irmão, Gabriel, decidiu, junto com a esposa, Valentina, assumir a responsabilidade de cuidar do menino que, desde pequeno, tinha apenas o pai, que vivia em San Francisco, a milhares de quilômetros de distância, motivo pelo qual raramente se encontravam.

Ao ser recebido pela nova família, Alexandre teve uma adaptação difícil. O ritmo de vida do casal precisou ser alterado com a inesperada chegada do sobrinho. Embora fosse uma criança carinhosa e sociável, a dura transformação da sua realidade foi um choque — da noite para o dia, tudo havia mudado.

Quando foi dormir, naquela fatídica noite, se sentia seguro e acreditava que nada de mal poderia lhe acontecer, mas, longe da sua casa, dos seus brinquedos, da sua realidade e sem explicações sobre o desaparecimento do pai, passou a conviver com uma intensa sensação de insegurança, uma trajetória cheia de questionamentos e poucas respostas.

Agradecido aos tios, procurava ser amoroso. Reconhecia que o seu destino teria sido em instituições públicas e orfanatos caso eles não o acolhessem. Com receio de magoá-los, omitia o anseio de voltar para a casa onde morou desde o seu nascimento. Além disso, por questões que nunca haviam ficado claras, o imóvel e o barco, reconhecidos como heranças legítimas, foram embargados por ordem judicial.

Apesar das lutas e conflitos interiores, Alexandre, desde pequeno, se relacionava bem com as pessoas. Embora reservado para expor seus sentimentos, tornou-se excelente ouvinte, aprendeu a se enturmar com facilidade e a conhecer pessoas de todas as classes sociais e culturas.

No último ano do colégio, se deparou com a possibilidade de construir o futuro com base no que sempre teve grande admiração: o amor aos animais e à vida marítima. Sempre se orgulhou da atividade profissional do pai e seguir a mesma carreira era uma opção que o atraía.

Dado tudo com o que conviveu desde muito pequeno, não conseguia ver outra possibilidade de vida — longe das águas, dos animais — e ansiava retomar essa proximidade. Não se tratava apenas de um capricho de criança, a sua aspiração era como a realização de uma missão. Assim, quando chegou o tempo de escolher uma carreira, não teve dúvidas: ingressou no curso de Biologia Marinha, na Universidade da Califórnia. Seguir a profissão do pai era uma forma de preservar a sua memória e retomar momentos marcantes dos primeiros anos da sua vida.

Além das lembranças, entre as poucas coisas que tinha do seu pai, uma pasta com diversos recortes de jornais era o seu tesouro valioso. Ele se recordava vagamente dos acontecimentos citados naqueles materiais. O fato principal da maioria das manchetes apontava o surgimento de várias baleias mortas em uma praia de Washington e, nessas circunstâncias, Alfred encabeçava uma intensa investigação para descobrir a razão daquele acontecimento.

Durante toda a sua infância, Alexandre lembrava-se de trechos de diálogos do seu pai com alguns pesquisadores e, mesmo sem saber o que tudo aquilo significava, entendia que as tais investigações esbarravam em interesses escusos do governo.

— Ainda não tenho provas concretas, mas tudo leva a crer que os testes com o sonar, realizados pela Marinha, estão causando a morte dos mamíferos — comentou Alfred certa vez, com um colega.

— Você está sugerindo um confronto com forças políticas? Eles são muito poderosos. Por que não deixa essa pesquisa de lado? A sua curiosidade pode custar muito caro — retrucou o parceiro.

— Como posso deixar de lado algo que pode colocar em risco o meio ambiente e até mesmo a humanidade? Essas pessoas estão preocupadas apenas com os próprios interesses e não parecem ter consciência de que essas ações podem prejudicá-las seriamente também. Além disso, algo me intriga.

—Ora, Você vive intrigado com tantas coisas.... Esse é um talento de que poucas pessoas são dotadas e acredito que, por esse motivo, você tem feito tantas descobertas — falou o amigo, procurando dar um tom mais descontraído às suas próprias preocupações. — Mas haja curiosidade e paciência! Você chega ao extremo da obstinação quando coloca uma coisa nessa cabeça. Pelo menos, dessa vez, eu insisto que você seja mais cauteloso, afinal, não sabemos a que ponto esses homens do governo podem chegar — advertiu com insistência o amigo.

— Tenho dúvidas disso.

— Disso o quê?

— Tenho dúvidas se esse grupo realmente faz parte do governo e se os oficiais têm conhecimento do trabalho realizado por ele. Se eu estiver certo, algo muito maior que os encalhes das baleias está por trás disso — afirmou certa vez o Alfred, em uma dessas longas conversas.

Sempre que conferia as matérias dos jornais da época, Alexandre associava esses diálogos às constantes pesquisas e às investigações que seu pai passou a realizar a partir dos registros de movimentação do governo, que eram a captação dos sons melancólicos das baleias e uma série de ruídos emitidos por uma criatura desconhecida.

No início, as pesquisas foram concentradas na busca das causas dos sucessivos e assustadores números de mortes das espécies marinhas, mas, sem o apoio do governo, os avanços nas investigações ficaram cada vez mais difíceis. Apesar da ampla cobertura da imprensa e das contestações de ambientalistas, uma explicação pouco convincente (que os animais normalmente estão com doenças que afetam seu sistema nervoso ou auditivo e, logo, sua capacidade de se localizar) sobre as ocorrências das mortes encobriu os protestos em defesa dos animais.

Durante um bom tempo o assunto foi abafado, até que um novo episódio de surgimento de baleias mortas, na Califórnia, se tornou conhecido mundialmente e fez reacender a motivação do Alfred para descobrir as razões desse misterioso evento.

— Veja com seus próprios olhos. Como posso ser omissos diante dessa grande catástrofe? Desta vez eu consegui ser mais rápido do que eles e peguei restos parcialmente devorados de um animal que, até agora, não sei a origem, mas a partir dele vou investigar o que tem gerado essas ocorrências.

— Tome cuidado. Até agora, você conseguiu manter seu prestígio profissional. As pessoas o respeitam e admiram seu trabalho, mas sabemos que isso dura enquanto você não pisa no calo de ninguém.

— Nunca neguei a minha paixão pelo mar e seus habitantes. O número de baleias mortas, por si só, é assustador, mas sinto que existe algo ainda mais estranho nessa história e não estou disposto a deixar isto passar despercebido.

Alexandre se lembrava de que, a partir do surgimento de fragmentos daquela espécie desconhecida, a rotina de seu pai mudou. Ele havia conseguido a permissão de um juiz para fazer pesquisas naqueles restos mortais com formas totalmente diferentes de tudo que já havia catalogado até o momento.

Trancado em um laboratório, aquele homem foi impulsionado por sua intuição e entendeu que os impedimentos do governo, ou quem quer que representasse aquele grupo, não eram por acaso. Isso o tornava cada vez mais obcecado por uma definição — estava determinado a descobrir o misterioso enredo daquela história.

Após passar dias com comportamentos bem diferentes do habitual, em determinada noite, Alfred atendeu a homens estranhos na porta de sua casa. Em tom de intimidação, eles discutiram e fizeram diversas ameaças.

— O senhor está mexendo onde não deve! Limite-se a fazer experiências entre as quatro paredes do seu laboratório e não se atreva a revelar nada sem o prévio conhecimento do governo — avisaram os homens de aparência sombria e nada amigável.

— Falta muito pouco para eu concluir minhas investigações e não estou disposto a obedecer às imposições de um grupo que não deixa claro quais são seus verdadeiros interesses. Sei perfeitamente o que vocês não querem revelar. As baleias são apenas um pretexto para não trazer à tona uma questão tão surpreendente.

— O senhor já sabe demais e o silêncio é a sua melhor opção — ameaçou um dos homens, com a voz ainda mais rude e alterada. — Seria muito mais prudente se o senhor não soubesse de nada, por isso aviso que o seu silêncio é um preço justo para manter a integridade do senhor e da sua família!

Após a acalorada conversa dessa noite, os homens desapareceram na escuridão. Essa foi a primeira vez que Alexandre viu seu pai profundamente abatido e sem forças. Preocupado, no alto da sua inocência, ele pediu uma explicação, mas Alfred desconversou e procurou acalmá-lo.

Com um clima tenso e a situação constrangedora, a saudação de boa noite que, normalmente, era afetuosa e declarada em meio a sorrisos, cócegas e cumplicidade, deu espaço a um silêncio angustiante, que foi cortado apenas com uma frase recheada de emoção e ternura.

— Boa noite, meu filho! Esqueça tudo que viu e ouviu esta noite. Durma em paz!

Sentindo-se seguro nos braços do pai, Alexandre olhava para o semblante triste daquele homem, que normalmente refletia vida, e adormeceu. Horas depois, acordou assustado, com pessoas estranhas dentro da sua casa. Ao chamar o nome do pai, uma voz masculina, fria e impiedosa preencheu todo o ambiente com uma notícia que ultrapassou seus tímpanos e coração como uma lança afiada.

— Esqueça o seu pai, menino. Ele não volta mais!

Sem nenhuma compaixão, Alexandre foi retirado da sua casa e afastado de tudo que constituía a história da sua vida. Homens com uniformes escuros transitaram por todos os ambientes em busca de algo que ele nunca soube exatamente o que era. Seu coração batia acelerado e calafrios terríveis percorriam a sua espinha. Sentia-se desprotegido, sozinho e ameaçado. Não conseguia juntar os fatos e chegar a uma conclusão.

— Onde está o meu pai? O que está acontecendo?

Sem obter respostas, a única coisa que lhe restou foi chorar. Não adiantou perguntar ou pedir ajuda. Aquelas pessoas não estavam dispostas a entender a sua dor, muito menos dar explicações. Elas buscavam uma coisa e tudo levava a crer que não estavam interessadas em facilitar nada para um menino assustado.

Nos braços de uma mulher, vestida com uniforme da Polícia Secreta dos Estados Unidos, apenas observou a movimentação intensa. Nessa operação, a polícia e os oficiais do governo reviraram tudo. O reservado ambiente de trabalho foi totalmente remexido e quase tudo confiscado: documentos de estudo, pesquisas, anotações, certificados de descobertas e inovações, resultados de testes de laboratórios. Tudo que, durante anos, havia sido cuidadosamente guardado, foi colocado em um automóvel sem nenhuma identificação e desapareceu em meio à neblina daquela inesquecível e tortuosa manhã fria.

Aquele foi o dia mais longo e angustiante na vida de Alexandre. O medo tomou conta da sua mente e, desde então, sua vida nunca mais foi a mesma. Sentindo-se abandonado e sem saber se um dia reencontraria o pai, restou-lhe apenas uma dor intensa.

— Onde está meu pai? O que está acontecendo? — Todas as noites fazia a mesma pergunta, entre soluços, com a esperança de um dia acordar e constatar que tudo não passou de um terrível pesadelo.

Não houve um dia sequer que Alexandre deixasse de pensar naquela angustiante situação. Com apenas dez anos de idade, sua vida mudara totalmente de rumo.

Para não entristecer os tios, decidiu levar a vida como se tudo estivesse muito bem resolvido, embora a saudade o consumisse. Desde o dia em que colocou os pés na nova casa, sua rotina mudou completamente. Ele se tornou um garoto reservado, mas sempre soube conduzir uma boa conversa e, quando queria, sabia muito bem atrair a atenção do pessoal. Seu jeito de ser confundia as pessoas e o seu perfil sempre foi difícil de ser definido.

Alguns amigos diziam que Alexandre era de lua. Às vezes, muito envolvente, e em outras ocasiões parecia apático e distante. Só ele próprio sabia que, em momentos de muita dor e saudade, preferia

ficar sozinho. Isso afastava a possibilidade de revelar seus verdadeiros sentimentos e de se tornar alvo de especulações.

Aos quinze anos, quando a maioria dos adolescentes dá início a uma série de questionamentos sobre si mesmos e a vida, Alexandre já tinha claros alguns posicionamentos que fariam total diferença no seu destino. Sua real expectativa era ser um excelente profissional e, paralelamente, desvendar os mistérios que envolviam o desaparecimento do homem que sempre foi tudo para ele.

Com pensamentos nesses objetivos, ele seguiu sua vida atento a todas as oportunidades que pudessem conduzi-lo a uma explicação e o fizessem entender os acontecimentos que envolviam a história do seu pai, mas pouco avançava, devido às suas próprias limitações.

No terceiro ano do ensino médio, o colégio em que estudava promovia eventos com profissionais de diversas áreas. Em certa ocasião, o coordenador de classe anunciou a data da próxima palestra de orientação vocacional e, para a sua surpresa, docentes do departamento de Biologia Marinha da Universidade de San Francisco fariam uma abordagem sobre essa área. Como já não havia dúvidas sobre o rumo que daria à sua vida, a expectativa era absorver todo conhecimento possível para não perder tempo.

Dali a mais alguns meses ele estaria em um campus da universidade, iniciando a sua trajetória rumo às conquistas muito mais elevadas que um simples título de graduação. Almejava reviver os passos do pai e entender o rompimento repentino entre eles. No íntimo, sentia que um dia o veria novamente, mas, como isso seria possível, não sabia explicar.

Descoberta revolucionária e um desaparecimento inexplicável

O universo profissional do renomado cientista Dr. Alfred, pai de Alexandre, sempre foi altamente competitivo, repleto de obrigações e responsabilidades. A realidade cotidiana desse grande pesquisador escapava da compreensão daquela criança que o admirava.

Poucos profissionais conseguiram o mesmo prestígio e reconhecimento mundial em sua área de atuação que o seu pai; suas descobertas e pesquisas surgiram quase todas do improvável. A persistência, somada à intuição altamente aguçada, sempre o levava a achados incríveis. Uma peculiaridade do seu perfil profissional era a introspecção. Ele contava com a ajuda de alguns assistentes, mas seu raciocínio, extremamente rápido e intuitivo, o levava a trabalhar mais tempo sozinho.

— Dr. Alfred, quero muito ajudá-lo, mas sinto-me inútil neste laboratório — comentou o assistente com voz fraca, como se tivesse receio de expor seu posicionamento. — Desde que o senhor recolheu aqueles fragmentos desconhecidos, eu não consigo mais acompanhar o trabalho.

— Calma, Andrews! A sua presença é muito importante, mas admito que me isolei e não tenho dado espaço para você. O que observo é algo novo, para o qual eu mesmo não tenho respostas, e, por isso, prefiro seguir com as investigações no meu canto — argumentou Dr. Alfred. — Peço que encaminhe as pesquisas que já vínhamos desenvolvendo e, pelo menos por enquanto, deixe-me sozinho nesta questão, pode ser?

— Pode ser, sim, Dr. Alfred — lançou o assistente. — Mas eu só quero entender por que o senhor não permite que eu o acompanhe.

— Andrews, não é nada pessoal — respondeu, procurando ser o mais natural possível. — Prefiro, por enquanto, trabalhar sozinho nesta fase da pesquisa. Você tem muita coisa para encaminhar. Não se preocupe com o que estou fazendo. Concentre-se nas outras

questões e, no momento oportuno, compartilharemos nossos avanços, ok?

Inconformado com o posicionamento do pesquisador, Andrews continuava as outras pesquisas, mas uma curiosidade grande passou a dominar seus pensamentos. O assistente fazia de tudo para conquistar a confiança do Dr. Alfred. Estar perto desse ilustre pesquisador era a oportunidade que ele sempre almejou, mas ainda faltava muito para chegar aonde realmente queria.

Aqueles meses estavam sendo bem tensos para Alfred. Suas recentes investigações científicas contrariavam interesses de um grupo que aparentava ser do alto escalão do governo e, apesar disso, ele pretendia chegar às últimas consequências. Recebia ameaças anônimas por telefone, tinha o pressentimento de que era seguido, tudo isto o deixava muito abalado. Contrário ao seu comportamento habitual, andava impaciente e extremamente nervoso.

Nos últimos anos, havia iniciado um novo projeto com a missão de entender e prever mudanças no meio ambiente, conservar e administrar recursos costeiros e marinhos, o que incluía uma investigação profunda sobre as condições para a preservação de baleias e golfinhos em diversos países no mundo, tudo isso junto com as pesquisas que desenvolvia.

Essa ideia surgiu a partir de relatos sobre encalhes massivos de baleias. Os números de ocorrências eram crescentes e os investimentos para desenvolver providências não saíam do papel. Alfred se perguntava o que estaria provocando esse tipo de acidente ecológico e como essas ocorrências poderiam afetar a vida no mar. Questionava-se, ainda, por qual motivo aquela situação vinha se repetindo e as autoridades não tomavam providências. Isso era o que mais o intrigava. Um grupo de pesquisadores iniciou a investigação, mas logo se deparou com diversos entraves, revelando que uma grande e poderosa organização poderia estar por trás desse terrível crime ambiental.

Quando Alfred começou a juntar evidências sobre as fatalidades, observou que a intervenção humana no meio marinho chegava a ameaçar a vida de espécies nobres do reino animal. Baleias

e golfinhos, cuja inteligência e sensibilidade surpreendiam a ciência, sofriam com interferências humanas obscuras em seu habitat.

A situação já era conhecida, porém jamais investigada com profundidade, muito menos denunciada, pois envolvia grandes corporações e governos com interesses financeiros, chegando até mesmo às autoridades e organizações que deveriam estudar e proteger os mares. Com a pressão exercida sobre o grupo de pesquisadores, a maioria dos integrantes desistiu e restou apenas Alfred.

Dois meses após o início das suas observações e o abandono do grupo, surgiu um novo episódio de encalhe de baleias. Assim que soube das circunstâncias e da quantidade de mamíferos em óbito, ele pegou sua maleta de trabalho e foi para o local das ocorrências. Por sorte, foi um dos primeiros a chegar e se deparou com uma cena indescritível. Havia centenas de espécies mortas espalhadas na praia. Aquele era o maior encalhe de baleias na história dos Estados Unidos.

Indignado, ele se aproximou de cada mamífero e registrou imagens impressionantes. Em determinado momento, algo chamou a sua atenção e, ao chegar ainda mais perto, constatou que estava diante de uma espécie diferente. Antes que pudesse averiguar mais em detalhes do que se tratava, um grupo o afastou do local, proibindo qualquer aproximação ou pergunta.

Impedido de prosseguir com suas observações em campo, se limitou a observar de longe a ação daquela equipe. Estranhamente, notou que eles recolheram muitos materiais e sem falar entre si. Mais de uma hora se passou e, quando terminaram, saíram e deram espaço para outros profissionais, imprensa e curiosos.

Alfred pensou que aqueles homens fossem servidores do governo, mas, para sua surpresa, um grupo identificado com patentes da corporação chegou logo depois. O material colhido pelos homens que haviam acabado de sair foi só daquela espécie ainda não identificada, e os pesquisadores oficiais nem tiveram acesso.

— Capitão! Como vai? — falou Alfred, se dirigindo ao comandante da equipe, um velho conhecido do pesquisador.

— Olá, Dr. Alfred, o senhor por aqui! O que está acontecendo?

— Eu tenho uma observação importante para fazer — declarou Alfred, procurando chamar a atenção do grupo. — Cheguei um pouco antes dos senhores e, enquanto observava esse desastre, um grupo se aproximou e grosseiramente afastou-me das baleias mortas.

— Como pode ser, Dr. Alfred? Assim que recebemos o aviso viemos o mais rápido que podíamos. Não existe outra equipe responsável por essas ocorrências nesta região. Quem mais poderia ter vontade de observar esses restos mortais? — comentou o Capitão, com pouco entusiasmo.

— Parece-me que essa informação não faz diferença para o senhor, mas garanto que a atitude daqueles homens pode impedir a ciência de ter direcionamentos importantes.

Inconformado com a falta de explicação e a indiferença do oficial, o pesquisador passou a buscar esclarecimentos para aquela ação e, a partir desse encontro, sua carreira passou a sofrer sensíveis abalos. Pessoas de seu círculo de contato passaram a tratá-lo com indiferença, mas como a sua preocupação era intensificar as pesquisas, a princípio, presumiu que seria apenas falta de curiosidade. Semanas depois, um contato anônimo deu um novo impulso ao seu trabalho.

— Dr. Alfred, eu não quero me envolver nessa investigação, mas tenho uma informação importante para o senhor — sussurrou uma voz aflita do outro lado da linha, em plena madrugada.

— Quem está falando? Desculpe-me, eu não reconheço a sua voz — respondeu, Alfred, espantado, sem entender ainda o que estava acontecendo.

— Dr. Alfred, pouco importa saber quem está falando. Aconteceu um novo episódio de encalhes de mamíferos. Dez exemplares adultos e cinquenta e nove filhotes de baleias morreram. Eles estão na praia e, certamente, a Marinha ainda não foi notificada. Se o senhor quiser colher material para a sua investigação, precisa ir até lá agora.

Até aquele momento da ligação, as conclusões daquele acontecimento só haviam sido discutidas entre os meios de interesse, mas parecia que todos estavam apáticos a qualquer tipo de providência que colocasse foco naquele assunto.

Assim que desligou o telefone, Alfred foi ao local que a voz misteriosa indicou e averiguou cada detalhe com muita atenção. Aparentemente, nada de excepcional havia naquela circunstância, mas algo o direcionava a manter o foco e, como um cão farejador, observou os mínimos detalhes, até que alguns destroços atraíram a sua atenção. Sem perder tempo, colocou as luvas, tirou da maleta alguns instrumentos, um saco plástico e recolheu o máximo de material possível, saindo do local antes que algum daqueles estranhos chegassem.

— Enfim! Consegui este material e espero chegar a uma conclusão com estes restos — sussurrava baixinho, enquanto dirigia de volta para casa.

A partir da mostra recolhida, Alfred deu início a uma pesquisa minuciosa. Os restos pareciam claramente um crânio com aspecto humanoide: uma mandíbula sem dentes, órbitas oculares vazias e parte de uma espinha dorsal o conduziam à possibilidade de uma espécie marinha intrigante.

Estava diante de uma determinada espécie ainda desconhecida, não catalogada, e sua única e exclusiva intenção era desvendar aquele mistério. Nesse período, trabalhou dias e noites em busca de respostas.

— Já posso apostar que tenho à minha frente restos mortais de um hominídeo adaptado às condições abissais — murmurou Alfred, depois de começar a montar o quebra-cabeça com os pedaços resgatados para análise. — Isto é surpreendente. Extraordinariamente surpreendente! Agora começo a entender por que tantos impedimentos para prosseguir as importantes pesquisas no fundo do mar. Mas até que ponto já se sabe sobre a existência dessa espécie e, principalmente, quem está escondendo essa informação?

Dando asas a essa nova linha de raciocínio e achando que era melhor sair a campo, após ter ficado muito tempo em uma investigação entre quatro paredes, Alfred achou que seria mais seguro manter sua pesquisa em alto-mar. Com o que havia constatado no laboratório, passou a observar evidências que, muitas

vezes, haviam passado despercebidas. Estava próximo de uma revelação.

Desde o primeiro dia da sua pesquisa, em alto-mar, Alfred observou movimentações diferentes na superfície da água. Os golfinhos rodearam o navio e chamaram a sua atenção com brincadeiras que pareciam coreografadas, muito diferentes das habituais, comumente observadas por pesquisadores. Isso aconteceu algumas noites seguidas e, numa madrugada quente, iluminada pela claridade da lua cheia, enquanto observava o horizonte, a bordo de seu barco, seus olhos se depararam com algo além dos golfinhos.

— Meu Deus! O que é aquilo? — perguntou com voz embargada, entre susto e surpresa. — Acho que o cansaço está me fazendo enxergar coisas.

Ele distinguiu os já conhecidos golfinhos, mas, dessa vez, estavam acompanhados de um grupo de espécie marinha diferente de tudo que já vira antes, a não ser em livros de histórias infantis e lendas. Em estado de choque, Alfred desvendou um intrigante enigma da humanidade. Além de perceber que, assim como os golfinhos, essa nova raça parecia dócil e inteligente.

— Por que ninguém descobriu a existência de vocês até hoje? — inquiriu, sem saber se obteria uma resposta, mas, para seu completo espanto, teve o retorno no seu próprio idioma.

— Para nos proteger dos humanos, temos permanecido no anonimato há milhares de anos. Incentivando e criando lendas e mitos sobre nós. Quanto menos desconfiarem de nossa real existência, melhor para todos — respondeu aquele ser diferente.

— Estou falando com sereias! Vocês são sereias? Devo estar delirando! — segredou, sem conseguir definir seus sentimentos perante sua grande descoberta.

— Não é delírio. Você está diante de uma espécie autêntica — replicou o que aparentava ser o líder do grupo.

— Eu pensei que já soubesse muito da vida, mas acabo de crer que não conheço nada ainda — falou Dr. Alfred, sem conseguir conter a emoção.

As respostas que buscava no laboratório pareciam absolutamente insignificantes ante a grandiosa realidade vivida

naquele momento, uma espécie que sempre foi um mito, permitia o contato. O som, gravado em uma expedição com um grupo de cientistas, que ele mantinha como material de estudo e pesquisa, agora fazia sentido. Entre os ruídos característicos de baleias e golfinhos, o rumor desconhecido era daqueles hominídeos aquáticos, que, além de emitirem sons melodiosos, também falavam nosso idioma. Ele admitiu para si mesmo que desta vez não poderia assumir o mérito de uma descoberta, porque foram os novos amigos que decidiram se apresentar.

— Existimos há milhões de anos. Estamos espalhados nas profundezas do mar do mundo inteiro. Aprendemos a nos esconder dos humanos porque muitos não têm respeito à vida e parecem ter a intenção de exterminar a nossa espécie.

— Então por que vocês me escolheram?

— Há muito tempo temos observado a sua conduta nas viagens em alto-mar. Muita gente não acreditou nas histórias do seu pai, quando ele se referia a nós. Ele ficou tão entusiasmado quando conheceu alguns dos nossos, que não conseguiu guardar segredo, mas, quando ele contava para as pessoas, era chamado de maluco, lunático e coisas semelhantes. Nunca deram crédito aos seus comentários.

— O quê? Você está dizendo que meu pai sabia da existência de vocês?

— Sim, ele sempre soube, e, quando você era pequeno, alguns anciãos da nossa espécie o observavam à distância. Você tem um filho pequeno, um pouco mais velho que minha filha, e já vimos vocês nessa mesma embarcação, admirando o alto-mar. Temos, inclusive, uma história bem parecida. Assim como você, eu perdi a minha esposa quando nasceu a minha única filha.

— Que loucura! Então vocês sempre souberam da minha existência enquanto eu buscava uma pista do que nem imaginava o que era?! — comentou com a voz embargada, num misto de emoção e surpresa.

— Durante muito tempo, seu pai e alguns dos nossos anciãos mantiveram contato. Eles estreitaram relacionamento e se respeitavam mutuamente. No nosso meio, privilegiamos os mais

velhos, respeitamos princípios e passamos a nossa história de geração em geração.

— Gostaria de dizer o mesmo em relação aos humanos.

— Seu pai faleceu nos braços de um dos nossos. Como não tínhamos mais o que fazer, ficamos perto dele até a chegada do resgate. Ele não estava sozinho quando morreu.

— Vocês conhecem muito mais da história da minha família do que eu. Quero saber tudo! Me conte mais sobre a sua vida.

Com esse inusitado encontro, Alfred aproveitou cada segundo. Ficou surpreso com tanta informação e conhecimento daquele hominídeo. Perdeu a noção de quanto tempo permaneceram conversando como se fossem velhos amigos. Quanto mais conhecia, mais admirado e interessado ficava.

Os primeiros raios de sol colocaram ponto final àquele primeiro encontro. Ao se despedirem, Alfred foi tomado por um estranho sentimento de gratidão, identificação e, espontaneamente, se comprometeu a não revelar a sua descoberta. Para manter segredo, decidiu (como o seu pai) que abriria mão da própria vida, se assim fosse necessário.

Após horas de vislumbre e fascinação, ele se sentia feliz, inquieto e orgulhoso, tudo ao mesmo tempo. Voltou para a sua casa e permaneceu algum tempo sentado em um pequeno sofá, no canto da sala, relembrando toda a sua trajetória até aquele dia. Ficou deslumbrado com a experiência vivida naquela noite.

— Até que ponto a existência dessas criaturas já foi descoberta por humanos? — questionava-se baixinho.

Alfred manteve total sigilo sobre essa descoberta, não fazendo nem mesmo registros de navegação, anotando apenas que saiu com o barco, mas não para onde foi. Não tinha vontade de trazer à tona a existência das sereias. A partir dali, a sua principal preocupação foi manter, em local secreto, as gravações dos sons daquela espécie, dar um sumiço nos restos mortais que resgatou em sigilo e preservar na memória cada detalhe daquele encontro. Não confiou nem mesmo no seu assistente a ponto de compartilhar qualquer parte da sua descoberta. Naquela circunstância, não confiava em ninguém do seu meio profissional para dividir a sua experiência.

Desde o encontro com os seres especiais, sua vida deu uma reviravolta. A reunião com as sereias o fez enxergar novos parâmetros de vida, uma nova visão da humanidade e a certeza de que existe muito a se conhecer no mar. No meio profissional, apesar do seu silêncio e da recusa em prosseguir com as pesquisas, o cerco se fechou e ele entendeu exatamente os motivos. Homens desconhecidos passaram a persegui-lo e questioná-lo enfaticamente sobre suas pesquisas e as afirmações da existência de seres ainda não catalogados, mas Alfred permaneceu irredutível. Ele não fazia ideia de que maneira esses homens tinham descoberto sobre as sereias, mas estava certo de que havia mexido num vespeiro e que o empenho de seus perseguidores nada tinha de científico. Tinha certeza de que, se eles soubessem os caminhos para encontrar as sereias, até então aceitas apenas em lendas e conversas de pescadores, em nome da ciência, não hesitariam na exploração indiscriminada da espécie.

— Se vocês desconfiam da existência de seres ainda não conhecidos no fundo do mar, então investiguem com os próprios recursos e conhecimentos. Eu não tenho nenhuma informação para vocês. Investiguei exaustivamente, com os recursos que tinha para tal pesquisa, mas foi tudo desperdício de tempo e dinheiro — respondia, sempre que era abordado com ameaças.

Nos meses seguintes, ele manteve novos contatos com aqueles inusitados amigos, mas criou uma estratégia para não ser surpreendido. Conseguia executar seu plano sempre nas madrugadas, nunca seguindo a mesma rota, levando sempre seu filho, como se fosse apenas navegar com o garoto. A cada encontro, retornava mais surpreso e fascinado.

A única pessoa com quem compartilhava essas experiências era com o Alexandre, mas contava como uma história infantil fictícia, que deixava o garoto boquiaberto. Nas brincadeiras de piratas, a preferida do menino, Alfred incluía as informações que havia recebido diretamente dos seres marinhos, num misto de realidade e fantasia. Esses eram os seus momentos de descontração, pois ameaças cada vez mais incisivas o torturavam emocionalmente.

Aqueles homens não estavam brincando e passou a temer pela própria vida. Estava sozinho para tomar uma decisão muito

importante. Temia fazer qualquer coisa que afetasse seu filho. Não suportava a ideia de deixá-lo desamparado. Um conflito interior o afligia intensamente.

Certa noite, dois homens abordaram Alfred em sua casa, já era bem tarde. Eles fizeram os mesmos questionamentos, mas de forma muito mais agressiva. Embora mantivesse uma postura indiferente, tudo parecia desmoronar. Estava dividido, aflito, à beira de um ataque de nervos.

Após a saída daqueles homens, ele teve plena consciência de que, se revelada, a sua descoberta daria uma tremenda reviravolta no mundo científico e na humanidade. Precisava romper barreiras e aquela noite seria decisiva.

Início de uma trajetória fascinante

Após anos do desaparecimento de seu pai, aliado ao fato de crescer sem respostas para suas dúvidas e questionamentos, pisar na universidade foi uma das emoções mais fortes para Alexandre, até então. As turbulências do período da adolescência davam lugar a novas experiências.

— Quanta gente bonita, cheia de vida e expectativas! — observa extasiado.

Para as boas-vindas dos alunos, o reitor da Universidade ministrou uma palestra e enfatizou aspectos específicos para a turma de Biologia Marinha.

— Ser biólogo marinho é mais que uma profissão. Para se dar bem nessa área, é necessário muito mais que técnica, experiência e curiosidade. O quesito principal para um biólogo bem-sucedido é a paixão pelo mar, um universo repleto de mistérios que podem revolucionar o mundo e o mais íntimo de cada um de nós — ressalta o reitor. — Muitos homens já dedicaram a vida para nos trazer informações preciosas das profundezas do oceano, e hoje vocês estão aqui iniciando uma etapa importante...

Aquela declaração fez Alexandre flutuar no tempo. Cada palavra reforçava a admiração que manteve pelo pai e se sentia imensamente satisfeito por estar ali, participando daquela palestra e iniciando a sua carreira.

— Escutar esse discurso é revigorante para mim. Se o quesito mais relevante é a paixão, então estou no caminho certo — comenta Alexandre, descontraidamente, com um rapaz que estava ao seu lado.

Logo após o início do ano letivo, ele se mudou para uma casa compartilhada com mais dois rapazes. Voltar para San Francisco, entrar na Universidade e fazer o curso de Biologia Marinha sempre foram seus maiores desejos. Sentia-se feliz e em casa. Estava prestes a iniciar uma nova e importante etapa de vida e se aproximava cada vez mais do seu objetivo. Em breve, daria prosseguimento às

pesquisas de seu pai e se engajaria de vez em um universo que sempre foi seu grande atrativo.

— Estou procurando um lugar para trabalhar e ganhar o suficiente para me manter aqui. Vocês têm alguma indicação? — pergunta para seus colegas.

— Alexandre, você está numa maré de sorte — responde o Marcelo. — O espaço de Recreação Nacional de Golden Gate está recrutando alguns estagiários e dão preferência para quem está iniciando o curso.

~~— Nossa! Isto é maravilhoso. Fui muitas vezes àquele lugar com o meu pai e, mesmo após tantos anos, eu ainda me lembro bem de cada detalhe. Seria maravilhoso conseguir uma oportunidade de trabalho naquela área. Você tem algum nome para me indicar?~~

~~— Não, eu não tenho mais nenhuma informação, mas sei das vagas por fonte segura e vale arriscar um contato na cara de pau.~~

~~— Então vou lá agora. Alguém quer ir comigo?~~

~~— Estou fora. Quero aproveitar mais algum tempo a mordomia de estudar e fazer o que eu bem entender — retruca o Eduardo, largado na cama. — Meus pais vão bancar as minhas despesas e eu vou aproveitar isso até o último segundo... Ele riu.~~

~~— Vocês devem estar à beira de um esgotamento por ócio. Ficam aí só pensando em baladas e mulheres. Entre uma balada e outra, que tal trabalhar um pouco? Isso também faz muito bem à saúde física e mental.~~

~~— Pronto! Agora temos aqui um biólogo marinho e conselheiro — brincam os amigos.~~

~~— Eduardo, você é um irresponsável mesmo — comenta o Marcelo, esparramado no carpete. — Sou bem sincero. Não vou com o Alexandre porque não quero, de forma alguma, tirar a oportunidade dele — fala, tentando ficar sério, mas logo explode numa espalhafatosa gargalhada.~~

~~— Então eu vou seguir o meu caminho — responde Alexandre. — Estou vendo que o único responsável neste lugar sou eu, mas já vou avisando: vocês não terão mordomias nesta casa não, viu? — Ao terminar a frase, joga uma almofada em cada um, pega a sua mochila e segue em direção a uma possibilidade de trabalho.~~

~~Duas horas depois, ele retorna com a vaga de estágio garantida. Quer compartilhar com os colegas, mas não encontra ninguém. Estão levantando os pontos badalados da cidade para garantir a diversão noturna e dos finais de semana. Ele está feliz e quer contar a notícia. O salário semanal é suficiente para manter um estilo de vida modesto e a carga horária permitirá conciliar estudos e trabalho.~~

~~— Onde estão aqueles caras? — fala em voz alta para si mesmo. — Tenho uma notícia maravilhosa e ninguém para contar.~~

~~Sem pensar, ele pega suas chaves e sai sem destino. A faculdade fica perto da casa onde está instalado e ele decide passar no campus para dar uma olhada no pessoal. É início de noite de uma sexta-feira. A movimentação é pequena, mas logo ele enxerga os dois amigos, que já vêm ao seu encontro.~~

~~— E aí? Conseguiu o estágio? — pergunta o Marcelo.~~

~~— Claro que sim. Sou um cara competente, interessado e a fim de trabalhar — fala, em tom de gozação, com um leve empurrão no ombro do parceiro. — Vocês vieram para este lugar maravilhoso com muitas intenções, exceto virar homem de verdade. Começo o trabalho na próxima segunda-feira.~~

~~— Já?! Então temos bons motivos para comemorar o final de semana inteiro. Vamos nos divertir — anunciam os amigos.~~

~~— Vocês não têm outro pensamento, mas eu entendo. Vou dar a vocês o privilégio da minha companhia. O que têm programado para hoje? — questiona Alexandre.~~

~~— Onde, nós ainda não sabemos, mas esta é uma informação muito importante e vamos descobrir agora mesmo. — Após esta frase, os três saem ao encontro de outros colegas.~~

~~A empatia entre os rapazes, apesar do recente contato, é admirável. Para Alexandre, o entrosamento com a turma é sempre tranquilo e, apesar do seu jeito reservado, gosta de manter boas amizades.~~

~~— Nem estou acreditando que o nosso amigo trabalhador e estudioso vai nos dar a honra da sua presença. Aí está um cara diferente. Ele sai menos que nos, mas conhece a universidade inteira. A mulherada toda fica de olho nele. Isso é uma concorrência desleal.~~

~~— Não estou entendendo essa conversa. Sobre o que ou quem vocês estão falando? — expressa com ar de desentendido.~~

~~— Eu estou falando de você, cara. É desleal a concorrência. Hoje, cheguei numa garota linda que estava na minha mira e, quando eu consigo me aproximar, sabe por quem ela pergunta?~~

~~— Por quem? — responde Alexandre, fingindo inocência.~~

~~— Não. Não é possível. O cara está tirando uma com a minha cara — fala o Eduardo, tentando dar um tom de seriedade à conversa. — Estou falando de Don Juan de Marco.~~

~~Nesse clima descontraído, o grupo decide o destino da noite. A comemoração de Alexandre vai muito além da sedução com as mulheres. Ele está feliz com as recentes conquistas e quer aproveitar cada segundo daquela nova fase.~~

~~Alexandre é uma pessoa intrigante, misteriosa e fascinante. Reservado e gentil, no alto dos seus 1,90m de altura, pele morena e cabelos castanho claros, levemente ondulados, não passa despercebido aos olhos femininos.~~

~~O final de semana é intenso. Alexandre intercala as baladas com horas de lazer no surf. Surfar é um dos seus hobbies prediletos. Também gosta de praticar mergulho. Assim como ele, suas amizades são bem ecléticas.~~

~~Na sala de aula, a facilidade com as matérias desperta a atenção dos professores. Alexandre não vê a hora de chegar à etapa das aulas práticas em alto mar. Enquanto isso, se aprofunda em estudos paralelos. Muitos mestres o consideram um autodidata. Ele, por sua vez, tem pressa de aprender e praticar. Viver o presente é uma tarefa árdua para Alexandre. Suas expectativas teimam em tirá-lo dos eixos.~~

Uma expedição da vida marinha

— Rapaziada, vamos acordar. Chegou o grande dia. Hoje é a segunda-feira mais especial do ano. Acordem. — Com todo entusiasmo, Alexandre chama a atenção dos colegas, que ainda brigam com o sono.

Numa agradável manhã de outubro, a turma do terceiro ano do curso de Biologia Marinha está pronta para a primeira expedição marítima promovida pela Universidade. O grupo com trinta e cinco pessoas, entre alunos, pesquisadores, professores e tripulantes, está eufórico. Todos os preparativos para a realização deste trabalho é algo inédito para os alunos. Durante cinco dias consecutivos, as atividades de pesquisa desenvolvidas em alto-mar abrangem as diversas áreas de conhecimento da biologia marinha.

— Prestem atenção! Esta é uma atividade prática muito importante — anuncia o comandante da expedição. — Vocês terão a oportunidade de verificar e analisar ecossistemas marinhos, suas características físicas, químicas e biológicas, a detecção dos efeitos e impactos naturais e antrópicos sobre diversos organismos.

O grupo entra em uma confortável embarcação de 65 pés, com um exclusivo design de casco e engenharia superior — uma das mais avançadas para expedição de vida marinha, com cabine aquecida, espaçoso deque e capacidade para velejar em alta velocidade.

O cenário da fascinante expedição é San Francisco. A região tem um panorama incrível, reconhecido como um dos mais ricos e notáveis ecossistemas na face da Terra. A costa do Pacífico, adjacente a San Francisco, e as pitorescas Ilhas Farallon são conhecidas por sua rica e diversa vida marinha e o grupo está ansioso para descobrir a beleza do oceano e dos seus habitantes nesta aventura.

— Pessoal; as águas costeiras da Califórnia, fora de San Francisco, têm padrões de migração anual para baleias. De junho a novembro, os aventureiros marítimos podem se deparar com baleias

azuis e jubartes e, de dezembro a maio, a chance maior é encontrar baleias cinza, cachalotes e orcas — anuncia um dos instrutores. — Então, estamos com tudo a nosso favor para encontrar belas e amigáveis baleias, além de divertidos golfinhos.

Alexandre e todos os seus colegas de classe têm grandes expectativas para desfrutar da visão deslumbrante da Ponte Golden Gate, dos deques de seu catamarã ecologicamente correto e, ainda, realizar diversos tipos de pesquisas em alto-mar. Está prevista a observação de várias espécies de baleias, golfinhos, botos, pássaros, os famosos leões-marinhos, tubarões brancos de San Francisco e a intensa vida selvagem.

— Daqui a pouco, vamos iniciar a navegação em direção às Ilhas Farallon, aproximadamente 43 quilômetros do litoral de San Francisco depois de cruzar por baixo da Ponte Golden Gate e passar pelo exuberante litoral do Pacífico, na Califórnia.

As Ilhas Farallon são reconhecidas como o ponto perfeito para observação de baleias em migração. Esses animais, de uma forma geral, fazem migrações pendulares, se deslocando, durante o verão, para latitudes mais altas, procurando as águas mais frias e altamente produtivas em volta das calotas polares. Durante o inverno, retornam às águas tropicais ou temperadas, onde ocorre a maior parte da atividade sexual e dos nascimentos.

— Essa expedição representa muito para mim — confia Alexandre ao colega. No seu íntimo, ele encara aquela oportunidade como um encontro direto e empolgante com a natureza, com o seu passado e com as experiências que viveu com o pai em alto-mar. — Isto aqui é muito mais do que uma aventura científica.

— Para mim também, cara. Neste marzão todo, eu quero conhecer, entre uma concha e outra, uma bela sereia — brinca o rapaz, sem compreender, exatamente, o que Alexandre está dizendo.

— Realmente, não seria nada mal encontrar uma sereia por aqui. Eu até me deixaria levar pelos seus encantos — responde Alexandre, sem dar muito crédito ao seu próprio comentário.

Na expedição, além da importância de estudo, há um clima de expectativa amorosa típica de jovens. Com um grupo misto e a sensação de liberdade, longe das formalidades sociais, alguns

homens e mulheres demonstram intenções muito além das pesquisas. Conhecer o fascinante dia a dia dos animais marinhos é o objetivo principal, mas, para grande parte dos jovens, não mais interessante que o clima de sensualidade e romantismo que paira no ar.

Com todos a bordo, as âncoras são recolhidas e a navegação tem início. Tripulantes e professores do grupo já estão acostumados com o que, para a maioria, é novidade. Entre os alunos, apenas Alexandre já viveu, ainda na infância, uma experiência semelhante.

Nas primeiras horas da viagem, os universitários parecem crianças em um parque de diversão. Tudo é motivo de alvoroço e gritarias. Os barcos vizinhos são abordados com gritos e acenos. Já passa do meio-dia e muitas milhas percorridas quando o grupo começa a se concentrar no real propósito da expedição. Eles assistem a uma explanação de todas as atividades programadas para aquela semana e distribuem as responsabilidades para a manutenção e limpeza do barco. Nada de mordomias e privilégios. O primeiro dia da expedição é bem agitado.

O segundo dia começa com grandes novidades e aventuras. O barco permanece parado para estudos e observações em um lugar conhecido pela aparição de golfinhos e baleias. Passa pouco das nove horas da manhã quando alguns jovens começam a se exclamarem, anunciando a chegada de um grupo de golfinhos que parecem dar boas-vindas aos visitantes.

— Olha ali! Há dois golfinhos se aproximando e fazendo piruetas. Parece que estão improvisando uma apresentação especial para nós! Olha, olha! — grita uma garota. — A cada mergulho surgem mais golfinhos. Parece que combinaram entre si. Professor, esses sons que eles emitem são o meio de comunicação deles?

— Sim. Essa é a forma de os golfinhos se comunicarem. Observem o sincronismo perfeito que eles têm. Parecem direcionados por um maestro — comenta um mestre, que também está surpreso com aquela recepção inusitada. — O tipo de som que os golfinhos emitem não tem um nome específico, mas não há dúvida de que, em seu modo peculiar, esses animais "falam" abundantemente.

O grupo fica maravilhado. A cada salto, os golfinhos voltam a mergulhar e ressurgem com mais um e, assim, as manobras nos ares

e os mergulhos amistosos vão acontecendo até serem contados dez golfinhos, que realizam saltos e rodopios.

— Eu sinto como se estivesse em um show! — fala uma estudante, que parece hipnotizada.

É o momento perfeito para a aproximação dos golfinhos no seu habitat natural. Os botes infláveis, boias e roupas de mergulho providenciados para os momentos de maior proximidade com as águas são disponibilizados, e a aula começa.

— Atenção, pessoal. Os golfinhos são mamíferos, e não peixes. Assim como os humanos, eles são animais de sangue quente e bastante sociáveis entre eles, com outros animais e também com os homens. Existem trinta e sete espécies conhecidas de golfinhos entre os de água doce e salgada. Normalmente afáveis e brincalhões, eles demonstram apreciar a companhia humana. Os raros casos de agressividade acontecem apenas quando são provocados. Quem vai ser o primeiro a pular no mar?

Alexandre não hesita. Pula rapidamente e é o primeiro a se aproximar de um lindo golfinho de focinho longo, espécie mais conhecida, com aproximadamente dois metros de comprimento. Ele está ansioso e sente uma vontade enorme de abraçar aquele mamífero, como se aquela espécie pudesse compreender o mais íntimo de seus pensamentos e desejos.

Ao conquistar a confiança do animal, ele se aproxima ainda mais e dá o primeiro abraço. Tal como o corpo humano, os golfinhos têm muitos nervos, e isso explica por que eles são dóceis e gostam de ser acariciados. A pele também é extremamente delicada e pode se ferir facilmente em superfícies ásperas — uma unha afiada pode causar ferimentos.

— Escutem aqui! Enquanto se maravilham, prestem atenção ao que vou dizer — profere um instrutor. — A capacidade de mergulho de um golfinho é surpreendente. Eles têm apenas uma narina no alto do crânio e, por meio dela, podem renovar 90% do volume de ar a cada vez que inspiram.

Entre as diversas informações passadas pelos instrutores sobre os golfinhos, uma, em particular, remete Alexandre a uma lembrança bastante peculiar que o faz rir com seus próprios pensamentos.

Quando criança, sempre que começava uma tosse seca e insistente era sinal de alerta, e seu pai logo tratava de umedecer as fossas nasais com soro fisiológico e algum medicamento prescrito pelo médico. Para tornar aqueles momentos menos sofridos e evitar corridas às pressas a um pronto-socorro, o aparelho de inalação, em formato de navio, logo surgia — até isso remetia ao mar e ninguém tinha um inalador com aquele formato exclusivo.

Aquela fora uma invenção do seu pai e, como tudo o que ele fazia, tinha exclusividade e apontava para seu fascínio pelo mar. Durante as crises de falta de ar, seu pai dizia que, um dia, ele teria a capacidade de respiração parecida com a dos golfinhos. “Respire, meu filho. Em você há fôlego de vida!”, recordava.

Ninguém imagina o que tudo aquilo significava em sua vida. Os colegas desconhecem que Alexandre é filho de um grande e renomado cientista e ele não tem vontade de divulgar essa informação, para evitar especulações e perguntas inconvenientes para as quais ele mesmo nunca teve resposta.

Durante as explicações de um dos instrutores, Alexandre faz uma intervenção importante, que chama a atenção de todos.

— Cientistas que convivem com os golfinhos são unânimes em afirmar que essa espécie mantém algum tipo de comunicação auditiva. Alguns garantem que essa comunicação tem regras e serve para organizá-los socialmente, como acontece com os homens.

— Sua observação está correta, Alexandre. É isso mesmo! — responde o instrutor, admirado com sua colocação bem pontuada.

Após retornar ao bote, Alexandre coloca a sua mão na água e, inesperadamente, um golfinho se aproxima, o toca com o focinho e emite um som como se estivesse dizendo alguma coisa. Em seguida, outros golfinhos o cercam e iniciam movimentos sincronizados. Um pouco mais afastado, outro grupo de golfinhos começa a saltar e emitir muitos sons, com volumes e ritmos diferenciados. De repente, alguns alunos, que observam da embarcação os golfinhos mais afastados, começam a gritar e falam repetidas vezes:

— Olha aquilo! Você viu? Você viu?

— Viu o quê? Estou tentando ver tudo, mas parece que esses golfinhos querem nos deixar confusos. O que eles estão fazendo? Eu

nunca vi nada igual — revela um instrutor.

— Olha ali! Eu vi uma coisa com os golfinhos. Tem uma cauda diferente entre eles. Eu tenho certeza que vi alguma coisa estranha.

— Eu também vi — retruca outro aluno. — Pensei que fosse ilusão, mas eu vi exatamente o que ela está dizendo! Eu não sei explicar o que é, mas estava na mesma sincronia que os golfinhos — enfatiza.

A maioria não entende nada. Os alunos, tripulantes e professores estão encantados com movimentos surpreendentes dos golfinhos. Mesmo acostumados com aquele tipo de expedição, os mestres nunca haviam presenciado algo tão incrivelmente especial, e algumas pessoas continuavam gritando e apontando para um lado.

— Gente, não estou ficando louco! Além dos golfinhos, havia uma coisa diferente com eles. Não dá para saber o que é, mas tem algo diferente, sim. Eu tenho certeza.

Com o barulho dos jovens, os golfinhos diminuem o ritmo da dança e, aos poucos, vão se afastando. Ao longe, emitem sons entre si. Alguns se erguem sobre a superfície do mar, sustentam todo o corpo apenas sobre a cauda e, de frente para a embarcação, seguem para o seu destino. Depois de algum tempo, todos somem na imensidão do horizonte. Após esse espetáculo, os professores se voltam para os quatro alunos:

— Não foi permitido que qualquer tipo de bebida alcoólica ou entorpecente fosse trazido à expedição. O que vocês consumiram para delirarem dessa forma? — pergunta um dos tripulantes em tom de brincadeira.

— Nós estamos sóbrios e vimos algo além dos golfinhos — respondem indignados. — Não é possível que ninguém mais tenha visto. Tinha um animal diferente mergulhando com o grupo de golfinhos mais afastado.

Na ânsia de provar que fala a verdade, o pequeno grupo repete as mesmas afirmações seguidas vezes. Enquanto isso, a maioria conversa entre si, lembrando a cena inusitada. Alexandre não consegue pronunciar nenhuma frase. As pessoas viram toda a cena de longe e ele viveu aquele momento no centro de um grupo de golfinhos.

— Pessoal, vamos conversar um pouco! — anuncia um dos instrutores. — Preciso falar algo importante para vocês. É bem provável que estranhem o meu comentário, mas confesso que, em toda a minha vida, com toda a experiência que tenho com os golfinhos, eu nunca vi nada parecido com o que aconteceu hoje. Assim como vocês, eu tive o privilégio de ver um comportamento desses mamíferos nunca antes presenciado.

— Eu concordo com o meu parceiro — enfatiza outro instrutor. — O que aconteceu aqui hoje foi algo inusitado, tanto pelo número de mamíferos quanto pelo comportamento deles. Entre nós, observamos que, de alguma forma, houve uma espécie de celebração entre os golfinhos, e Alexandre foi o privilegiado por estar no centro daquele grupo.

— Vamos analisar pelas imagens que gravamos o que é a “tal coisa” que alguns alunos dizem ter visto. Agora, cada um deve tratar de cumprir as suas obrigações e, logo depois do jantar, vamos nos recolher. Amanhã o dia será intenso e espero ter mais surpresas como as de hoje. Podemos combinar assim?

No horizonte, o pôr do sol denuncia a chegada da noite. O dia foi extraordinário, mas cansativo. O grupo está exausto e, após os afazeres necessários, os jovens se recolhem, ainda absorvidos em seus próprios pensamentos, e, nos poucos diálogos trocados, o assunto principal é a maravilhosa dança dos golfinhos.

Alexandre quer ficar isolado. Discretamente, pega seu cobertor, sai do dormitório masculino improvisado e se instala na parte externa do barco, no deque traseiro. Sob o firmamento estrelado e a lua cheia, que ilumina aquela escuridão, ele sente a brisa suave em seu rosto e se deleita naquele momento solitário. Com os olhos fechados, decide respirar fundo e, inconscientemente, testa a capacidade dos seus brônquios e pulmões. Ao relembrar as informações passadas ao grupo naquela tarde, tem a nítida impressão de escutar a voz do seu pai dizendo: “em você há fôlego de vida”.

Essas lembranças são acalentadas com muito carinho e, ao mesmo tempo, fazem crescer imensa saudade. Depois do desaparecimento de seu pai, Alexandre viveu dia após dia sem planejar o futuro. De alguma forma, pensar em planejamento o assusta. Ainda carrega o trauma de ver toda a sua vida transformada de uma hora para outra. Mas, naquele momento, sente o desejo de se aprofundar mais nos estudos e conhecer melhor as diferentes espécies de golfinhos. Essa expedição, definitivamente, seria um marco na sua vida.

No deque ele consegue observar parte do interior do navio. As poucas pessoas ainda acordadas trocam cochichos entre si e não há mais ninguém na parte externa. Mesmo assim, tem a impressão de estar sendo observado. A sensação aumenta após perceber uma movimentação na água, mas, ao direcionar a sua lanterna para as laterais do navio, não vê nada.

Intrigado, se levanta e decide fazer uma inspeção ao redor da embarcação. Caminhando cuidadosamente, observa uma leve agitação em alguns pontos e pensa na possibilidade de alguns golfinhos estarem por ali. Nesse momento, nota uma cauda azulada mergulhando lentamente, como se tentasse atrair seu olhar. Então, se lembra dos comentários dos colegas, mas após algum tempo, a brincadeira acaba e, apesar da máxima atenção, não vê ou ouve mais nada. Já exausto e com muito sono, decide se acomodar ali mesmo e adormece.

Alexandre acorda com os primeiros raios de sol batendo em seu rosto. A movimentação no barco já é intensa, com previsão de muito estudo e surpresas. O grupo começa o planejamento das atividades do dia. Tudo tem de ser bem organizado e é preciso controlar a ansiedade para realizar um trabalho em equipe. Todos os equipamentos necessários são preparados e chega o momento da observação. Essa primeira etapa requer muita aplicação e paciência. A expectativa é grande. O tempo passa e, após três horas, surge a

primeira baleia, uma jubarte filhote, também chamada corcunda ou preta.

— Quem vai ver a primeira baleia hoje? — pergunta um professor.

— Cara, eu já vejo algo imenso no horizonte. Aquilo não é uma ilha, certamente tem baleia surgindo no pedaço. Pessoal, vejam ali — anuncia um dos alunos.

Logo em seguida, surge uma baleia adulta. Uma das tarefas dos alunos é registrar a localização exata dos mamíferos. Cada um tem a sua função, mas o encantamento é tão grande, que o grupo se dispersa. Nenhum dos alunos tinha vivido experiências tão incríveis com animais marinhos, e a atração das baleias é fascinante. A curiosidade natural do filhote o fez se aproximar de um barco, ocupado por um grupo de alunos, e se deixar ser tocado.

— As baleias, assim como os golfinhos, geralmente se sentem confortáveis na presença de humanos e gostam de fazer uma social no seu habitat natural.

— A aproximação e a atenção das baleias são uma grande sorte para os humanos — responde Alexandre. — Historicamente, o tratamento que elas têm recebido não é nada positivo. Por duas vezes, o homem quase acabou com as baleias cinzentas na Califórnia por causa da caça comercial: a primeira vez foi em 1800 e, depois, na virada para o século XX, por causa do negócio econômico.

— Professor, eu me lembro de ter lido que, em séculos passados, o óleo de baleia era precioso e utilizado na iluminação, como argamassa na construção de casas e, fundamental, na produção de óleo — complementa outro aluno. — As baleias foram afetadas pela caça porque são dóceis.

— Eu acho incrível a capacidade de perdão ou de esquecimento desses animais — enfatiza Alexandre.

Esse tipo de argumentação surpreende as pessoas. Alexandre acredita nos sentimentos dos animais e a própria ciência passa a defender que, se não todos os bichos, ao menos os mamíferos apresentam certas formas de emoção.

— Existem biólogos capazes de analisar as condições de vida dos animais, mas alguns parecem ter uma sensibilidade ou intuição

intensa com relação aos sentimentos deles — explana um professor.

— Instrutor — chama Alexandre. — Eu diria que, assim como alguns seres humanos têm a capacidade de se colocar no lugar do outro, em situações de dor, sofrimento ou muita alegria, os animais também têm essa sensibilidade aflorada.

— Sim, Alexandre. Você tem razão. A ciência ainda não conseguiu explicar de que forma isso acontece, mas é fato que a sensibilidade dos animais e a capacidade de relacionamento com os humanos são aspectos fantásticos.

Sob o céu azul e um sol forte, o grupo permanece atento às novidades e troca informações entre si. Com uma espécie de arco e flecha com um pequeno depósito na sua extremidade, um professor aponta para uma das baleias e atira.

— Impossível dizer que ela não sinta nada, mas esse recurso é utilizado por uma boa causa. Esse artifício é usado para extrair amostras que serão analisadas em laboratório.

Ligada a um extenso fio, quando a flecha é recolhida, traz no seu pequeno recipiente um concentrado de gordura e, dessa amostra, é possível levantar muitas informações.

— Nosso objetivo com esse material é analisar a saúde das baleias. Cada uma tem uma marca digital na cauda, que é o que determina a diferença entre elas.

Apesar de não enxergarem o que acontece debaixo da água, os universitários ouvem o som emitido pelas baleias, com aparelhos apropriados. O grupo fica encantado. Observa cantos melancólicos, ouvidos em período de reprodução, que duram mais ou menos quinze minutos cada um e podem ser repetidos diversas vezes.

— Escutem! Tem um som mais agudo nessa gravação — observa Alexandre. — Conseguem perceber?

Os tripulantes permanecem atentos, mas não reconhecem o som que Alexandre ressaltava. Curioso, ele questiona sobre o ruído, mas, apesar da atenção dos professores e tripulantes, ninguém consegue esclarecer o que é. Alguns integrantes do grupo pegam binóculos para buscar no horizonte algum sinal do emissor daquele som discreto, mas perceptível.

— Engraçado. Eu não sei o que é, mas esse som não é desconhecido para mim. Eu não lembro em qual circunstância, mas tenho certeza que já ouvi esse barulho antes. Esse som é familiar — afirma Alexandre, quase sussurrando.

Apesar do cansaço, os pesquisadores programam uma reunião extraordinária e, juntos, escutam diversas vezes aquele som capturado no áudio das baleias. Estão reunidos profissionais experientes, que conhecem muitas espécies marinhas, fazem parte da equipe docente da Universidade e acompanham a expedição, mas uma incógnita aguçava a curiosidade daqueles homens. Alexandre acompanha a discussão de longe e percebe a frustração da tripulação por não reconhecerem o “Bloop” misterioso.

Reservado no seu canto, ele não consegue lembrar onde ou quando, mas aquele som, de alguma forma, era familiar. Nem imagina o que poderia ser, mas as colocações de cada profissional, naquela rápida conversa, apontam um mistério no ar. Com muitas indagações e nenhuma resposta sobre o misterioso som, a equipe anuncia o início dos trabalhos naquela tarde.

— Vamos seguir adiante com nossos trabalhos. Além de investigação de área nas profundezas do mar, vocês vão mergulhar para colher amostras para pesquisa de espécies aquáticas. O tempo de permanência de cada equipe no fundo do mar é de, no máximo, trinta minutos. Período suficiente para colher material, apreciar e capturar imagens inebriantes, animais multicoloridos e aproveitar a incrível sensação de bem-estar, paz e muita tranquilidade. Entendido?

Tudo corre conforme o previsto e as equipes obedecem à risca às ordens, porém, uma visita inusitada dificulta a concentração dos últimos dois grupos que aguardavam a vez para viverem suas próprias experiências.

— Vejam, temos alguns visitantes. Olhem aqueles golfinhos se aproximando.

— Isso indica que teremos outros privilégios no fundo do mar — comenta alguém da equipe.

— Vamos continuar os mergulhos mesmo com a presença desses anfítríões. Faltam apenas duas equipes para mergulhar e não

devemos perder o foco do trabalho de hoje.

Alexandre, que ainda espera a sua vez, quase pula de alegria. Procura controlar seus pensamentos para que ninguém imagine quais são as suas intenções, já que a orientação principal dos instrutores é não se dispersar com os encantamentos dos golfinhos.

Conforme o grupo avança para o fundo do mar, Alexandre acompanha os movimentos de três golfinhos que fazem manobras suaves e sincronizadas. Eles chamam a sua atenção e se aproximam, como se quisessem ser acariciados. Absorvido, nem se deu conta de que estava muito mais perto dos golfinhos que do grupo e, na verdade, não se importava com isso.

Esses golfinhos têm um magnetismo especial e transmitem uma paz indescritível. Parecem conversar entre si e brincam com Alexandre de tal forma, que o faz perder a noção do tempo e da sua localização. De repente, ele não consegue enxergar os companheiros de mergulho e não sabe qual rumo tomar para encontrá-los. As águas estão turvas e ele não consegue enxergar nada ao seu redor, nem mesmo os golfinhos. Essa circunstância inesperada o deixa tenso e preocupado, mas como ainda escuta os sons dos animais, procura se localizar pela audição. Os mamíferos encantadores querem brincar ou se expressar de alguma forma, mas, naquela escuridão, ele não sabe direito em que se concentrar.

Sente o toque da pele lisinha deles, o focinho pontudo tocando em seu rosto, os sons e, em determinado momento, percebe a presença de outro ser além dos golfinhos. Alexandre fica apreensivo. Uma sensação estranha e um arrepio intenso percorrem todo o seu corpo. A princípio, pensa ser alguém do grupo indo ao seu encontro, mas, de repente, escuta bem próximo o som já conhecido e, ao mesmo tempo, mãos macias percorrem a sua face.

Ele tenta tocar o que está ao seu redor, como criança brincando de cabra-cega, tateia de um lado para o outro e, o que quer que seja a criatura, parece se divertir muito com os golfinhos. Aquela brincadeira dura algum tempo, e eles atingem uma área de águas cristalinas novamente. Quando isso acontece, Alexandre vê, ao longe, os golfinhos se distanciarem, mas, em vez de três caudas, vê quatro, uma delas de cor levemente diferenciada, translúcida e azulada.

O nível do oxigênio dá sinais de alerta. A respiração fica difícil e Alexandre sente vertigens. Faz um esforço tremendo para chegar à superfície o mais rápido possível, mas se sente exaurido e perde as forças. Quase inconsciente, percebe que alguém o sustenta por trás e o leva à superfície. Aos poucos, retoma a consciência, mas não consegue ver quem o sustenta.

Confuso e sem saber a sua localização, percebe que havia corrido riscos. Ao virar de um lado para o outro, para sua surpresa, avista o barco bem distante e teria que dar muitas braçadas para chegar a um ponto em que pudesse ser avistado. Só depois de um tempo passa por seus pensamentos o fato de não ter seguido as instruções dadas ao grupo, mas tem plena convicção de que ninguém tem uma experiência como a sua para contar. Mas, se eu contar, as pessoas vão acreditar? — questiona a si mesmo.

Nem mesmo ele tem claro o que aconteceu naqueles momentos de escuridão no fundo do mar, então, como as pessoas dariam crédito à sua experiência? Os colegas acreditariam que ele fora seduzido por um grupo de golfinhos e atraído ao encontro de um quarto ser que não sabia dizer qual era? Eles dariam crédito à experiência de ter escutado o som desconhecido bem perto dos seus ouvidos?

Nem mesmo Alexandre sabe definir o que acontecera. Sem condições físicas para continuar o percurso rumo ao barco, ele começa a ficar com receio de a equipe sentir sua falta e iniciar buscas no fundo do mar, e não na superfície. Tenta gritar, acenar, mas a distância é muito grande. Procura manter a tranquilidade e espera. Algum tempo depois, ouve a aproximação de uma lancha. Com seu desaparecimento, a equipe de resgate foi acionada e seguia ao seu encontro. Ao ser trazido para o interior da embarcação, o capitão da equipe pede que retornem à base, mas Alexandre resiste. Ainda com voz fraca, ele suplica:

— Por favor, eu não quero interromper a expedição. Acabei me distanciando do grupo, mas estou bem e em condições de permanecer em alto-mar.

Com diversos argumentos e após um exame geral para avaliar as suas condições, foi autorizado a permanecer no grupo de estudos. Mesmo apreensivo com as broncas que levaria de toda a tripulação,

ele está radiante com o resgate, com as experiências e com a oportunidade de continuar a expedição.

Naquela noite, cada aluno é encarregado de colocar para os colegas as observações e análises realizadas na experiência do mergulho. Quando chega a vez de Alexandre, ele começa a falar da sua distração com os golfinhos, mas é interrompido com brincadeiras e gozações dos alunos.

— Ah! Agora ele vai dizer que foi seduzido pelos golfinhos — comenta um colega em meio a gargalhadas.

— Cada um de nós tem uma experiência interessante, mas Alexandre vai nos contar algo surreal — brinca o outro, contagiando toda a equipe. — Só falta ele dizer que escutou o canto da sereia.

— Isso é bem provável, porque o cara deu um trabalho para ser encontrado. Será que ele estava num lugar misterioso, nas profundezas do oceano?

— Vocês têm toda razão — concorda ele, intimidado com a reação dos seus colegas. — Na verdade, eu quebrei as regras, distanciei-me da equipe e me perdi. Não sei direito o que aconteceu, mas ainda bem que me resgataram.

Para a maioria, ele simplesmente perdera a oportunidade de apreciar o fundo do mar, mas ele sabia que ninguém tinha vivido nada parecido. Aquela era a última noite da expedição. No dia seguinte, o grupo realizaria mais algumas atividades e, depois, teriam o tempo livre.

Alexandre fica na parte baixa do deque, pensando em suas experiências. Está confuso. Não sabe explicar o que aconteceu. Nem mesmo para os tripulantes se sente encorajado a contar a sua experiência, mas, no íntimo, tinha plena convicção de que algum ser, ainda desconhecido, tentou contato com ele, e está disposto a descobrir o que é.

Um mundo desconhecido

Os colegas de expedição brincam com a possibilidade de sedução dos golfinhos, o encantamento de uma sereia e não levam a sério a observação de Alexandre. Ele mesmo não sabe explicar aquele acontecimento.

— Gente, vamos parar de brincadeira. Como aspirantes a biólogos, sabemos que mais de 250 mil espécies marinhas já foram catalogadas, porém, os próprios cientistas afirmam que existe um universo ainda desconhecido no fundo do mar — explica um aluno, procurando dar seriedade à questão, mas com nítido tom de brincadeira. — Vamos lá. Se suspeita que mais de quatro mil espécies habitem o fundo dos oceanos, e nós nem fazemos ideia da sua existência. É provável que Alexandre tenha visto algo que ninguém mais viu nesta expedição.

Ao concluir o comentário, a turma cai na gargalhada. Alexandre ainda tenta esboçar um sorriso, mas o que importa para ele é a certeza de que, enquanto a vida corre em terra firme, mistérios acontecem nas profundezas oceânicas.

— Nossa. A brincadeira foi longe demais hoje. Quase fui descoberta. Como se não bastasse o dia em que aquela humana começou a berrar, dizendo que tinha visto algo diferente, hoje quase fico frente a frente com aquele homem — diz a sereia mais curiosa e espevitada do grupo.

— Pandora, o Rei Nereu já avisou diversas vezes para você parar de se expor em brincadeiras perigosas. Você gosta de se divertir com os humanos, mas corre riscos e, ainda, coloca a nossa comunidade em perigo — fala uma sereia alguns anos mais velha que Pandora.

— Desculpe-me, mas eu não resisti. Foi algo muito mais forte que eu. Desde que os golfinhos começaram a brincadeira com aquele

humano, senti algo diferente. Ele tem algo especial.

— Seu pai não vai gostar nada de saber disso, Pandora. Nereu está sempre nos alertando para não termos nenhum envolvimento com as espécies terrestres, e logo você está falando isso.

Procurando dar um tom menos sério àquela situação, Pandora, a princesa do mar, brinca com alguns golfinhos que se aproximam e, propositalmente, desvia o rumo da conversa.

— Vocês estão preocupados demais. Aquele humano desperta a minha atenção, nada mais. Já nos divertimos muitas vezes com pessoas que passeiam nas embarcações e que fazem mergulhos e nada aconteceu. É a mesma coisa. Vamos parar com essa conversa e passear um pouco.

— Espere, sereiazinha. Vamos encerrar esse assunto, sim, mas antes vou clarear a sua mente. Você pode não ter visto, mas já tem sido passado de geração em geração o que os humanos são capazes de fazer com a nossa espécie. Quanto mais longe permanecemos deles, melhor. Você entende?

— Sim. Eu entendo. Não precisa ficar nervosa.

— Eu não estou nervosa — rebate a amiga. — Só estou sendo prudente, porque sei o quanto você é curiosa e fala de um jeito muito animado sobre as experiências que teve nesses dias. Então, antes que qualquer coisa mais séria aconteça, é melhor ter prudência.

— Nossa. Nada tão sério aconteceu. Eu já me desculpei. Agora relaxe e vamos passear.

Apesar de demonstrar convicção na sua argumentação, Pandora sente uma curiosidade diferente por aquele humano. Não sabe como, mas acompanharia aquele navio e seu ocupante. Enquanto isso, procuraria levar a sua vida normalmente.

Mantendo sua vontade em acompanhar o barco, e com a ajuda dos golfinhos, a jovem sereia atraiu a atenção de Alexandre no dia do mergulho. Embora não parecesse, ela comandava a brincadeira, que ficou bastante séria quando o oxigênio faltou e ele perdeu os sentidos. Sem pensar nas consequências, ela segurou Alexandre pela

cintura e o suspendeu até a superfície do mar, sustentando-o até que ele retomasse os sentidos.

Com audição aguçada, Pandora percebeu a aproximação de uma lancha, mergulhou para o seu habitat e apenas observou, de longe, o resgate do jovem. Ficou muito preocupada, mas não podia fazer nada. Esse foi o contato mais próximo que ela havia tido com um humano, e um desejo intenso de conhecer a vida, os costumes e os pensamentos daquele homem afluíam.

No dia seguinte ao episódio do salvamento de Alexandre, Pandora quer se certificar da situação dele. Para isso, com o argumento de brincar com os humanos, chama algumas sereias para rondar a embarcação mais uma vez. Apreensivos, eles advertem sobre os avisos do Rei Nereu, o soberano das sereias, e sobre as observações da amiga mais velha.

— Pandora, nós não devemos nos aproximar novamente daquela embarcação. Tudo indica que eles não estão procurando nada diferente, apenas observando as espécies marítimas, mas é bom obedecer ao rei. Já corremos riscos, você avançou mais do que devia, agora é bom ficar quietinha.

— Tudo bem. Entendo a preocupação de vocês. Não vou me aproximar nem ficar fazendo brincadeiras. Serei prudente.

Ao dizer isso, Pandora se distancia do grupo e se junta aos golfinhos. Misturada com eles, decide observar a embarcação do fundo do mar, mas, em seus pensamentos, busca uma forma de rever o humano, mesmo à distância.

No final daquele dia, após observar bem de longe e constatar que Alexandre estava bem, Pandora volta para o seu espaço e procura a avó.

— Vovó Stela, quero fazer uma pergunta.

— O que foi, Pandora? Lá vem você com as suas perguntas incríveis — replica a anciã, com afagos no rosto da neta.

— Meu pai fala muito sobre os perigos do contato com um humano, mas...

Pandora não consegue concluir a frase. Sua avó logo a interrompe.

— Pandora, eu não acredito que você está pensando em humanos ainda. Será que não bastam as repreensões que tem levado por causa das suas brincadeiras?

— Vovó, o que eu quero saber não tem nada de mais. É só uma curiosidade.

— Então diga, Pandora. Vamos à sua curiosidade. Essa menina tem uma imaginação muito aguçada. Tenho até receio do que pode sair dessa cabecinha — glosa a avó, acolhendo a pequena sereia em seus braços.

— Vovó, os humanos podem viver para sempre?

— Olha só! Eu sabia que vinha surpresa pela frente. Por que você quer saber sobre isso, Pandora? Tem muita coisa da nossa espécie que você precisa conhecer ainda e, em vez disso, quer saber sobre o tempo de existência dos humanos? O que isso tem a ver com a sua vida, minha querida?

— Sobre a nossa espécie, certamente, vou conhecer à medida que meu pai considerar apropriado, mas é errado ter outras curiosidades?

— Mocinha, não há nenhum problema em ter curiosidade. Ser curiosa é bom e sadio, desde que não coloque a sua vida ou a vida de outros em risco. A questão é que você vem demonstrando muito entusiasmo pelos humanos. Você pensa que engana a vovó com essas perguntinhas fora de hora?

— De forma alguma quero enganá-la. Só que eu não posso perguntar isso para mais ninguém além da senhora, que é a sereia mais esperta e inteligente que eu já conheci.

Pandora é uma sereia cativante, envolvente e bem curiosa. Filha única de Nereu, o soberano das sereias, ela tem um relacionamento amistoso com toda a comunidade. Logo após o seu nascimento, sua mãe foi atacada por um tubarão. Os restos mortais foram engolidos pelo predador e o que restou foram apenas lembranças. Quem criou Pandora, desde muito pequena, foi a avó paterna, com o apoio de toda a comunidade, e o relacionamento entre elas sempre foi de muita confiança.

— Está bem, Pandora, o que é que você quer saber?

— Vovó, os humanos podem viver para sempre?

— Não, minha filha. Os humanos têm uma vida mais curta, comparada à nossa.

— Mas, se um humano decidisse viver no nosso meio, morar no fundo do mar, isso seria possível?

— Pandora, minha filha, você está perguntando coisas muito complexas. Ainda não é tempo de você fazer perguntas dessa natureza, minha pequena.

— Como não, vovó? Nereu sempre diz que quando pensamos em alguma coisa e questionamos sobre isso, é porque estamos preparados para saber. Tenho pensado muito nisso e quero uma resposta.

— Desde os nossos antepassados, existe um código de honra cujos itens são discutidos secretamente. Assim como nós temos a nossa origem, os humanos também têm a história de surgimento deles. Cada espécie surgiu a partir de escolhas e, como para toda escolha existem consequências, não devemos reclamar do que vivemos hoje. Certamente, muito em breve, seu pai conversará com você sobre esse assunto e, só então, você entenderá muitas coisas. Enquanto isso, se afaste dos perigos, inclusive desses que andam rondando os seus pensamentos — fala a anciã, ao mesmo tempo em que bate levemente a cauda reluzente na cabeça da neta.

Não existe ainda nenhuma comprovação da existência das sereias porque, para a preservação da espécie, elas aprenderam a se esconder. Existem muitas lendas, histórias, contos, filmes, documentários, depoimentos e conversa de pescadores em torno do assunto, mas, em pleno século XXI, não há nada catalogado sobre a espécie. Porém, divididas em comunidades, elas têm uma história, uma tradição e princípios transmitidos de geração em geração, ao longo da existência de vida no Planeta.

A conversa com a avó deixou Pandora intrigada. Ela percebeu que existe algum segredo que envolve a existência das sereias e dos humanos, mas não tem ideia de que tipo de mistério pode ser. Com isso, não resta alternativa a não ser aguardar o momento considerado ideal por seu pai, Nereu, para saber o que tudo isso significa. Esperar era uma habilidade difícil de ser exercitada para aquela jovem sereia.

Talento e comprometimento reconhecidos

Uma semana após o retorno da expedição, Alexandre é chamado para uma reunião com o chefe do Departamento de Biologia Marinha, também responsável pela iniciativa de levar os alunos à viagem em alto-mar. Ele enxergou, naquele aluno, características importantes para a formação de um cientista, e, apesar de não ter concluído a graduação ainda, já despertava a atenção no meio acadêmico e científico. A sua curiosidade e a sua espontaneidade ante a proposta da expedição foram singulares.

— Alexandre, se sente e fique à vontade — fala o chefe. — Tenho algo muito importante para comunicar e não vou fazer rodeios com você. A curiosidade e, principalmente, a sua desenvoltura durante as aulas práticas na expedição e também com os mamíferos, durante a viagem, atraiu a atenção dos instrutores e até da tripulação, bastante experiente com aquele tipo de atividade. A sua aptidão de observação e a sensibilidade no trato com os animais marinhos são notáveis.

— Observamos a sua atenção e em todas as intervenções você levantou questões relevantes — continua um instrutor, que participou da expedição. — As suas suposições e observações são sempre bem colocadas e corretas.

— A sua percepção amplia a dimensão social e biológica de diferentes espécies. Sua visão sobre sustentabilidade e preservação dos animais responde aos diversos questionamentos explorados em convenções internacionais, e, na sua simplicidade, você dá respostas assertivas para um panorama muito complexo.

— Estávamos procurando um profissional com o seu perfil e, por isso, o chamamos para fazer uma proposta de trabalho.

Sem ter conhecimento das suas próprias competências, Alexandre fica surpreso com o convite, mas não hesita em aceitar. O que os mestres enxergam no seu relacionamento com o ambiente marinho, para ele, não era nada de excepcional, exceto a paixão pelo

mar e pelas espécies. Nem mesmo ele entende o motivo da intensa atração. Acima de posição profissional, status ou interesses financeiros, a oportunidade de estreitar a distância entre a sua vida e o mar é o que realmente importa. Sempre gostou muito das aulas e das experiências de estudo, mas, pelo menos naquele momento, não imaginava fazer parte de um grupo de pesquisa com profissionais de prestígio. As coisas caminhavam mais rápido do que imaginava. Novas perspectivas se abriam.

— Você aceita trabalhar como assistente de pesquisas em um estudo sobre a biodiversidade marinha, no entorno da baía, para ajudar no desenvolvimento de algumas pesquisas?

— Nossa, professor Andrews. Isso é tudo que eu quero! Será uma honra e um imenso prazer trabalhar com essa equipe. Quando posso iniciar o trabalho?

— Tenha paciência, rapaz. Não precisa atropelar as coisas. O primeiro passo foi dado. Com a resposta positiva, vamos fazer os encaminhamentos necessários para a sua contratação. Enquanto isso, pedimos descrição. Você é o único aluno convocado. Só permitiremos o anúncio da sua efetivação quando todos os trâmites estiverem ajustados e devidamente encaminhados.

Aquilo, sim, espantou Alexandre. Durante a expedição, notou que alguns colegas tinham até mais conhecimento técnico que ele, mas nenhum foi convidado para compor o novo grupo. Os outros quatro integrantes eram cientistas de carreira de diversas universidades e, entre eles, o professor Andrew Smith, um ilustre estudioso que foi parceiro de trabalho de seu pai.

Alexandre já tinha diversas linhas de pesquisas para se aprofundar e esperava a oportunidade adequada para comentar. Antes, como mero aluno na universidade, não tinha acesso nem o respaldo dos mestres para transitar livremente. Todo trabalho proposto no curso tinha sempre o acompanhamento do professor e isso não dava autonomia ao aluno para avançar em pesquisas que julgasse interessante. Agora, como integrante do grupo, teria respaldo para ir e vir quando bem quisesse aos laboratórios da universidade.

Andrew Smith, um reconhecido pesquisador e mais expressivo cientista do grupo, trabalhara com seu pai em determinadas pesquisas e, apesar dos anos, ele se lembrava das diversas visitas daquele homem em sua casa. Não se esquecia, de forma alguma, dos seus traços fortes e do olhar penetrante, porém, tinha dúvidas se ele sabia das suas origens. Na dúvida, Alexandre acreditou ser melhor não revelar que se conheciam.

Na primeira reunião com toda a equipe, são apresentadas diversas linhas de trabalho que o grupo é incumbido de investigar. Cada um fica responsável por determinado segmento e, para Alexandre, cabe a responsabilidade de colocar em estudo tudo que considerasse relevante do resultado da expedição com os alunos.

— Vocês estão dizendo que eu posso escolher uma linha de pesquisa, mesmo que não tenha nenhuma ligação com as investigações já iniciadas?

— De certa forma, é isso mesmo, Alexandre — responde o professor Andrew. Muitos cientistas estão olhando o mar para tentar resolver algumas grandes questões sobre o papel que ele desempenha no clima da Terra. O objetivo é manter o foco nessas questões na universidade, mas você pode ir além dessas alternativas. Queremos que seus olhos cheguem aonde ninguém viu ainda.

Durante a semana de trabalhos em alto-mar, foram recolhidos muitos materiais orgânicos, pequenas espécies, plantas, filmagens e áudios dos mamíferos marinhos. Entre os sons havia um ainda não reconhecido pelos pesquisadores, e, sem desvalorizar qualquer outro, esse é o que mais chama a atenção de Alexandre.

Tudo é novidade. Os cientistas se reuniam diversas vezes por semana para a elaboração do planejamento de pesquisas. Alexandre admira essas reuniões, mas se sente ansioso para colocar a mão na massa e iniciar suas buscas. Pouco fala durante os encontros, procura entender o método de planejamento adotado por aqueles profissionais, mas eles sempre parecem muito interessados em todas as suas intervenções, principalmente o professor Andrew Smith.

Depois de diversas discussões, decidiram criar o Programa de Pesquisas Acústicas, sob a responsabilidade de Alexandre, que quase

explode de alegria quando é incumbido de analisar e investigar os áudios gravados durante a expedição.

O trabalho é exaustivo e solitário. Cada som pode ter um significado importante e, por isso, é necessário dar atenção aos mínimos detalhes. Alexandre faz isso com prazer. Deseja avançar mais e mais nas investigações e, para isso, decide sair a campo para ver qual a reação dos mamíferos marinhos ao ouvir os sons gravados nas fitas. Tem liberdade para solicitar os recursos necessários, o que garante agilidade na execução das ideias. Alexandre se sente realizado com sua atuação profissional e investe muito do seu tempo no trabalho e em suas descobertas.

“Bloop”, um fenômeno real

Em vez de seguir para o laboratório, Alexandre parte para a marina e aluga uma pequena embarcação. A ideia é tocar as gravações em alto-mar e observar a resposta. Ao chegar a determinado ponto, já programado previamente, ele aciona o aparelho e o som parece ecoar sob a superfície. Não demora muito e surgem alguns golfinhos, que saltam alegremente. Durante algum tempo, eles parecem em festa, com uma algazarra surpreendente. Observando aquela atração magnífica, Alexandre se dá conta de que algo além daqueles atraentes mamíferos salta por trás de um deles, como se quisesse se manter no anonimato. Aquela é a sua primeira abordagem em mar aberto como aspirante a cientista. Sente-se desafiado e sua intuição o direciona em busca de respostas.

— Será que aquele som desconhecido tem alguma ligação com essa inusitada atração dos golfinhos? — fala sozinho em voz alta.

Daquele dia em diante, seu tempo é dividido em estudos, pesquisas no laboratório e em campo. As suas saídas frequentes começam a chamar a atenção, mas, com a justificativa de fazer abordagens investigativas, nada poderia barrá-lo, exceto o líder do grupo, professor Andrews, mas este parece o mais interessado de todos.

Certo dia, o professor chega inesperadamente ao laboratório e inicia um debate estranho sobre algo que está longe das discussões com os outros integrantes da equipe. O empenho em descobrir a origem daquele som diferente parecia tirá-lo dos eixos — esta obsessão o deixa visivelmente abalado. Seu comportamento, sempre prudente e comedido, se altera quando o assunto é o tal “Bloop”, o nome ainda indefinido com que é conhecido.

— Alexandre, você precisa de algum recurso para avançar em suas pesquisas? — pergunta Andrew. — Obter resultados do seu trabalho é muito importante, por isso você está autorizado a solicitar o que for necessário. — Aquele renomado pesquisador tem

responsabilidades específicas no grupo, mas seu foco se concentra no trabalho de Alexandre.

— Professor, eu tenho me dedicado ao trabalho e também desejo obter respostas, mas, para isso, eu preciso que o senhor tenha paciência e confiança para eu realizar as pesquisas.

— Você tem registrado todos os seus avanços e observações?

— Claro, professor Andrew. Tenho feito relatórios de todos os meus passos.

— É bom que você faça isso. Cada pequena ação é muito importante. Conto com você, rapaz. Confio no seu trabalho.

Todos os seus avanços são realmente registrados e compartilhados nas reuniões, mas omite suas impressões sobre as inusitadas aparições dos mamíferos, afinal, cientistas buscam evidências e não ideias subjetivas.

Como já havia feito diversos testes durante o dia, Alexandre decide mudar o horário e realizar umas experiências à noite. Agora, mais que o próprio professor Andrews, ele tem uma motivação pessoal para encontrar respostas. Apesar da alteração da sua rotina, não comunica a ninguém sobre suas intenções. Como não sabe o que encontrará, prefere seguir sozinho. Não quer compartilhar esse momento com ninguém, afinal, nem sabe em quem pode realmente confiar.

Conforme planejara, quando chega a determinado ponto, mergulha seu pequeno aparelho e dispara o som misterioso. Ele não espera nenhum espetáculo dos mamíferos àquela hora da noite, mas sente que algum sinal diferente poderia descobrir. Na primeira vez, não identifica nada além de uma certa movimentação distinta na água. Persistente, permanece ali até o surgimento dos primeiros raios de sol. Mesmo sem nenhum resultado, já está decidido a repetir a façanha.

Na noite seguinte, faz o mesmo trajeto e para no mesmo ponto da noite anterior. Desta vez, ao colocar o aparelho sob as águas e acionar o “Bloop”, alguma coisa fisga o equipamento. Não podia ser peixe, pois aquela região não é apropriada para peixes com hábitos noturnos. O acontecimento inesperado deu um susto em Alexandre.

Sem entender o motivo, ele percebe o coração bater forte e um tremor percorre todo o seu corpo.

De repente, observa uma agitação na água e, quando se vira rapidamente para enxergar o que poderia ser, o seu pequeno aparelho é lançado de volta para dentro do barco, pelo outro lado.

— Nossa, que susto! O que está acontecendo? — fala com voz embargada.

Com o corpo trêmulo, decide entrar no jogo e lança de volta ao mar o equipamento. A cena se repete. Enquanto de um lado aquela coisa indefinida faz barulho para chamar a sua atenção, o aparelho é lançado de volta no barco pelo outro lado.

— O que está acontecendo? Que espécie de animal teria essa habilidade? — sussurra. — Nenhum peixe ou espécie marinha teria essa destreza, nem mesmo os mamíferos. Será que estou ficando louco?... Quem está aí? — chama na escuridão.

Silêncio total. Num impulso, Alexandre pula no mar para ver pessoalmente o que está acontecendo e, enquanto tenta girar de um lado para o outro, o que está ali “brincando” arma um redemoinho, seguido de uma rajada de água tão forte, que o desorienta. Aquilo o fez ficar momentaneamente sem visão. Ele não sabe o que está acontecendo, mas tem certeza de que aquela espécie é amigável, gosta de brincar, mas não quer ser vista.

Ao voltar para a embarcação, observa ao redor e sente que também está sendo observado. Algo concreto está acontecendo. Há ali um ser vivo tão inteligente quanto os golfinhos e que ele ainda desconhecia a existência. Quem acreditaria naquela experiência? Ele mesmo, se não tivesse passado por aquela situação, certamente consideraria uma loucura, se alguém a contasse.

Ao retornar para casa, já planeja como seria o seu tempo investigativo naquele mesmo dia. Está disposto a tirar um rápido cochilo e voltar para o mar, mas, desta vez, seguiria antes do pôr do sol e ficaria lá o máximo que pudesse. Quando para em frente ao prédio, para procurar a chave perdida no fundo da mochila, ao levantar a cabeça, se depara com professor Andrews.

— Olá, Alexandre, bom dia. Você tem permanecido ausente do laboratório, então decidi vir pessoalmente saber o que está

acontecendo — fala o cientista, com tom de voz controlado.

— Não está acontecendo nada, professor. Apenas estou fazendo umas investigações de campo, com foco justamente no que o senhor deixou sob a minha responsabilidade — retruca, tentando controlar a surpresa e se manter o mais natural possível.

— Tudo bem, mas você tem avançado? Descobriu algo importante sobre o “Bloop” esta noite? Se puder, gostaria que me passasse um relatório agora mesmo.

Aquela pergunta denuncia que, de alguma forma, o professor Andrews sabia que algo novo acontecera. Mas como seria possível?

— Oh! Professor, eu não tenho grandes novidades, pelo menos nada que justifique eu ter que passar para o senhor agora. Estou chegando de uma noite intensa de pesquisa e já não consigo coordenar os pensamentos de tanto sono.

Temendo que a insistência denunciasse sua pressa para saber detalhes de cada avanço, o cientista pede desculpas, ajeita o paletó, que parece não ter sido tirado do corpo desde a noite anterior, e entra no seu automóvel.

— A que horas posso encontrá-lo no laboratório?

— Não sei dizer agora, senhor. Preciso dormir um pouco. Há dias tenho negligenciado o sono. Preciso reestabelecer as forças e organizar os pensamentos, mas, assim que estiver mais alerta e recuperado, entro em contato com o senhor e aviso quando chegar no laboratório.

— Tenha um bom descanso. Quando chegar ao laboratório, você me passa um relatório das últimas investigações.

Antes de ligar o carro, o celular do professor Andrews toca e, ao olhar o visor, ele fica transtornado. Constrangido e quase sem cor, dá a partida, arranca em alta velocidade e desaparece na primeira curva. Parado em frente ao prédio, com as chaves ainda nas mãos, Alexandre intui que aquela ligação tem a ver com a visita inesperada daquele homem à sua casa.

Intrigado, entra no prédio e segue para o seu apartamento. Deseja relembrar todos os episódios vividos naquela madrugada, mas o sono é mais forte e, em segundos, após se jogar na cama, adormece

e sonha. Há muito tempo não sonha com seu pai e, desta vez, tudo parece muito real.

O cenário é o mesmo das últimas horas, mas seu pai também faz parte daquele contexto e fala alguma coisa que ele não consegue compreender. Com mímicas, mostra que continua amando o filho e que ele tem fôlego de vida. Num sobressalto, Alexandre acorda, todo molhado de suor, e demora alguns minutos para se dar conta de que está na sala do seu apartamento. Ainda surpreso com a veracidade do sonho, ele respira profundamente como se quisesse testar sua capacidade de fazê-lo.

Quando tem consciência de que sonhou e de que a sua realidade é responder às demandas e responsabilidades do laboratório, apesar de amar tudo que fazia, se sentia cansado. Queria continuar o trabalho e a investigação pessoal, mas a pressão, os nervos aflorados, as cobranças começam a tirar dele a satisfação de ir para o serviço. Precisava de um descanso, de uma trégua para renovar suas energias.

É pensando nesta possibilidade que ele escuta o toque da campainha do seu apartamento soar. Ao atender o interfone, recebe o aviso sobre uma correspondência que precisa ser protocolada.

— Deve ser coisa séria — fala baixinho para si mesmo. Em poucos minutos, está diante de um portador de uma notícia que o faz estremecer. É um telegrama judicial e com um aviso extremamente importante: a restituição dos seus bens. — O quê? A casa e os bens interditados, desde o desaparecimento do meu pai, estão liberados para o único herdeiro legal? Eu sou o herdeiro legal — ele fala para o mensageiro, que não entende nada. — Eu nem pensava mais em ter de volta esse imóvel. Isso é incrível!

. A notícia chega num momento muito delicado. Tem curiosidade e medo ao mesmo tempo.

— Nossa. Depois de tantos anos, eu posso voltar para a casa em que vivi os melhores anos da minha vida?

Lágrimas teimam em correr por sua face, pois ele se dá conta de que bastavam poucos quilômetros para voltar ao lugar que traria à tona todos os melhores, e também mais sofridos, acontecimentos vividos com o seu pai.

Ao se despedir do mensageiro e voltar para dentro do seu apartamento, muitas considerações cercam a sua mente. Não gostaria de se deparar com o professor Andrews, mas havia uma possível descoberta que o instigava a continuar na equipe. Como se já não bastasse, agora estava livre para retornar à casa em que viveu toda a sua infância.... Aquilo tudo era muita informação.

— Vamos lá, Alexandre, uma coisa de cada vez — orienta a si mesmo em voz alta.

Ao tentar controlar as emoções, sente uma agonia intensa. Estranhamente, tem o desejo de sair daquele apartamento e se refugiar na sua velha casa. Durante muitos anos havia desejado justamente isso, mas durou tanto tempo, que deixou o desejo esquecido. Agora, o sonho estava se tornando realidade.

Com a mente agitada por tantas emoções conflitantes, decide manter a programação que fez antes de retornar para o seu apartamento, naquela manhã. Toma uma rápida chuveirada, coloca uma roupa, pega a mochila e vai para uma lanchonete perto dali. Precisa se alimentar para manter a energia e o pique. Durante a rápida refeição, repassa os acontecimentos dos últimos dias. Com as evidências observadas e coletadas, já tem plena convicção da existência de uma espécie muito inteligente. Possivelmente tão ou até mesmo mais inteligente que os humanos.

Quando chega ao seu destino, passa pouco das 16h30min, mais cedo do que havia programado. Acerta os detalhes para a locação do barco e segue mar adentro. No local planejado, reinicia os procedimentos com o pequeno aparelho sonoro e o som misterioso que, alternado com o de golfinhos, se propaga no fundo do mar. Pacientemente, aguarda algum sinal. O tempo passa e, diferente das outras vezes, demora muito para surgir qualquer novidade. Aquele trabalho solitário exige muita paciência. A noite já está chegando quando o seu aparelho é fisgado. Alexandre leva um susto e se levanta com rapidez.

Com o binóculo, procura observar a origem daquele ato inesperado e não consegue ver nada além de uma trilha se distanciando do barco em direção a uma pequena ilha. Mantém a sua visão naquele rastro, até desaparecer na imensidão do mar.

Decepcionado, conserva o binóculo direcionado às águas e, lentamente, observa cada centímetro cúbico da superfície, até onde consegue alcançar, quando, de repente, observa em um local bem distante um vulto humano. Aquilo é estranho, pois não há nenhuma embarcação próxima àquela pequena ilhota.

Confuso, ele baixa o binóculo, esfrega os olhos, balança a cabeça na intenção de eliminar qualquer coisa que atrapalhasse sua visão e, em seguida, ergue novamente o aparelho para tirar a prova da sua estranha impressão. Quando localiza novamente o vulto, nota que também é observado, e o que é desliza sem pressa para dentro do mar e some.

— Devo estar delirando — exclamou, assustado com o que via.

Alexandre não vê sinal de presença humana, mas tem certeza de ter visto um vulto e aquilo era uma incógnita. O mar está calmo, a noite muito estrelada e, por ser muito tarde, ele decide voltar. Mais uma vez retorna para terra firme sem nenhuma novidade concreta. Já não sabe o que pensar e o que procurar. Àquela altura, só consegue perceber uma intensa sensação de tristeza e solidão. Quer refúgio e, naquele momento, tem uma ideia.

No dia seguinte, acorda cedo, prepara uma pequena mala, organiza alguns dados para compor um relatório e sai rumo ao trabalho. É o primeiro a chegar e nota um grande alívio. Não está com vontade de conversar com ninguém. Respira profundamente, olha ao redor de todo o laboratório e sente um aperto no coração. Tem necessidade de ajustar as ideias e, acima de tudo, não deseja encontrar aquele homem que, em parte, é o motivo da sua agonia.

Sem perder tempo, ele senta em frente ao computador, digita algumas considerações sobre as suas investigações e manda por e-mail uma breve mensagem para o chefe da sua equipe:

“Sr. Andrews, bom dia. Eu sei da sua vontade por um resultado com as pesquisas que venho realizando. Precisa da identificação do som e sei que isso é importante para o mundo científico, porém, estou exausto e necessito de alguns dias para colocar a mente em ordem. Não tenho novidades, mas, para o seu conhecimento, segue um breve relatório das minhas últimas observações. Darei notícias. Espero que o senhor compreenda. Até breve”.

Com o receio de que alguém chegasse e interrompesse seus planos, ele envia o e-mail rapidamente, recolhe as suas coisas e sai do laboratório. Seu destino é certo. Voltaria à sua velha casa e se refugiaria por lá alguns dias. Ninguém saberia do seu paradeiro e estaria isolado do mundo.

Quando Andrews chega ao laboratório e vê a sala vazia, retorna à portaria e pergunta ao guarda se Alexandre havia passado por ali. Sabendo que ele chegara bem cedo, mas já saíra, o velho cientista volta para o escritório e tenta iniciar o expediente. Quando encontra a mensagem de Alexandre, tem uma síncope nervosa. Seu semblante cansado fica visivelmente alterado. Exasperado, cerra o punho e dá um soco na mesa.

— Como esse menino pode deixar as coisas desta forma? — resmunga com a voz rouca, que denuncia extremo nervosismo. — Como eu vou explicar que ainda não tenho nenhuma resposta conclusiva para esta investigação? É impossível que esse garoto não tenha encontrado vestígios daquela espécie e ainda me coloca em risco. Tenho de dar uma resposta àqueles bandidos. Eles não vão tolerar esta situação. Estou enrascado.

Sem saber o que fazer, o homem levanta e anda de um lado para o outro naquela sala espaçosa. Sua situação é preocupante. Há semanas vinha recebendo sérias ameaças, pois há cobiça do alto escalão para obter, por intermédio de Alexandre, informações sobre a existência de hominídeos no fundo do mar. A segurança e a força que aquele homem apresentava deram espaço para nervosismo, medo e cansaço. Situações obscuras ligavam a vida de Sr. Andrews e Alexandre.

Ameaças de um passado obscuro

Tomado pelo desespero, àquela altura, Andrews não sabe o que fazer. Sente-se ameaçado por sua própria conduta. Alexandre é a sua única chance de retomar velhos anseios e desvendar um grande mistério nas profundezas do mar. Anos antes, quando iniciou o trabalho de pesquisa com habitantes marítimos, ambicionava ser um ilustre cientista — queria tornar-se uma celebridade, ser um cientista com grandes descobertas no currículo e extremamente respeitado no meio, assim como Alfred, seu antigo mentor. Ao ser convidado para assumir a função de assistente daquele profissional, vislumbrou a possibilidade de concretizar o seu sonho.

Naquela época, Andrews era integrante da equipe científica do governo. Havia pedido exoneração do cargo, porque sua linha de pesquisa apontava para uma revolucionária descoberta e, como membro de uma organização, os méritos não seriam atribuídos exclusivamente a ele.

Embora fosse um jovem em início de carreira, a ambição subiu-lhe à cabeça e pouco importava quais seriam os meios para alcançar seus objetivos. Por isso, quando teve a chance de trabalhar junto a um reconhecido profissional do meio científico, não hesitou. Sabia que Dr. Alfred avançara na investigação do “Bloop” e, por meio dele, tencionava sustentar uma tese e ter o seu nome em destaque.

Ao fazer parte da nova equipe, planejou cada passo da aproximação, revelou informações importantes do governo e conquistou a confiança do cientista. Passaram a trabalhar juntos, mas, apesar de fazer de tudo, jamais teve acesso às informações que o levariam ao ponto almejado. Da parte do cientista, a amizade e o companheirismo profissional sempre foram verdadeiros, mas, durante muito tempo, Andrews, ainda jovem e de caráter imaturo, só correspondia ao que o interessava.

Assim, como equipes do governo, o cientista veterano havia descoberto nas profundezas do mar evidências de um tipo de

hominídeo, uma espécie bastante semelhante à raça humana, com inteligência igual ou superior à dos golfinhos, mas, para proteger seus interesses, a organização jamais concordou em divulgar essa possibilidade, muito menos que informações secretas vazassem.

Um comando secreto fez muita gente calar o que já tinha presenciado nas profundezas do mar. Os raros burburinhos que surgiam acerca da existência de sereias eram abafados e as possibilidades de avançar em pesquisas não vingaram, porém, o pai de Alexandre não se deteve e reuniu provas contundentes sobre a existência de uma espécie ainda não conhecida no mundo científico e buscava formas de manter a comunicação sem colocá-la em risco.

Com a convivência, o cientista passou a desconfiar das intenções do seu parceiro de trabalho e redobrava o cuidado para proteger informações e descobertas. O que ele nem imaginava, é que aquele homem acabaria se associando a pessoas inescrupulosas, com desejo em manter no anonimato qualquer fato concreto sobre a existência das sereias.

Mas a ambição de Andrews chegou a um ponto que colocaria em risco a sua própria vida. Sem calcular as consequências, ele se tornou informante de uma facção secreta que o obrigou a seguir, passo a passo, as pesquisas do Dr. Alfred. Membros desse grupo mantinham investigações paralelas aos interesses do governo.

Durante anos, Andrews permaneceu sob a influência dessa organização secreta. Por seu intermédio, e de forma obscura, conquistou ascensão profissional de uma maneira inexplicável. Para ele, tudo isso era confortável, mas chegou um momento em que seus parceiros se tornaram algozes e queriam respostas concretas que estavam longe das suas reais possibilidades e competências. Agora, sentia na pele o poder das ameaças que, durante muito tempo, incitaram o grupo a exercer sobre o pai de Alexandre, o que durou até seu inexplicável desaparecimento.

Anos depois, quando Alexandre se destacou na expedição realizada pela universidade, uma luz de esperança reacendeu. A partir daí, sem que a equipe tivesse conhecimento, o então professor Andrews projetou nele novas possibilidades de explorações e, contrariando todas as regras, o convidou para integrar uma equipe

de trabalho na universidade. O que o cientista não imaginava era que aquele jovem superaria as expectativas do grupo e conquistaria tão rapidamente o seu próprio espaço e autonomia.

A vida do professor estava degradingando. O cerco se fechava e os agentes impiedosos queriam respostas. Sentia-se fracassado, impotente, frustrado e sem nenhuma direção. Naquele momento, revivia circunstâncias de anos atrás, mas o toque do aparelho celular o trouxe à realidade.

— Andrews, a sua passividade está nos incomodando — ouve do outro lado uma voz que o faz estremecer. — Quer mais quantos anos para nos dar respostas de algo em que já investimos demais? Devo lembrar que você não está trabalhando com moleques e que não aguentamos mais a sua ineficiência. Traga-nos respostas concretas ou teremos de tomar atitudes mais radicais.

— Vocês deveriam ser mais tolerantes — objeta, tentando dar um tom firme e agressivo à sua voz. — Hoje temos uma isca que pode nos levar ao ponto que queremos, mas preciso de tempo.

— Tempo é o que você mais teve até agora. Essa argumentação já não cabe na nossa negociação, Andrews. Volto a lembrá-lo de que você não está trabalhando com moleques e a nossa paciência zerou.

— Aquele garoto está perto de nos dar as respostas que precisamos — fala com insegurança, referindo-se a Alexandre. — Estou atento a cada passo de suas descobertas e, muito em breve, terei novidades. Confie em mim.

— Como você pode fazer essa afirmação? Tenho notícias de fontes seguras que a “sua isca” tem seguido as pesquisas, mas você nem sabe agora qual é o seu paradeiro. Para onde foi o seu jovem pesquisador?

Andrews estremeceu. A voz ameaçadora tinha toda razão. Ele realmente perdera o controle das pesquisas de Alexandre. Saber que este fato era conhecido por aqueles homens fez seu estômago gelar.

— O que você tem a nos dizer agora, Andrews? O seu tempo esgotou. Trate de nos trazer informações concretas o mais breve possível. Localize o seu rapazinho e obtenha todos dados colhidos até agora. Não importa o teor, queremos um relatório completo de todos os passos desse frangote metido a cientista. Você entendeu?

— *Sim. Vou localizar Alexandre e logo entrego notícias para vocês.*

— *É o que esperamos, e lembre-se de que, a partir de agora, você não terá mais autonomia para conduzir este caso. Você deve obedecer à risca às nossas ordens, e a primeira é encontrar esse rapaz e confiscar tudo que ele levantou de material até hoje, você entendeu?*

— *E se eu não acatar as suas ordens?*

— *Talvez eu não tenha sido tão claro, Sr. Andrews. Você não tem alternativas. É melhor não pagar para ver as consequências. Está com alguma dificuldade para compreender o que digo? — A voz flui ironicamente, mas longe de qualquer tom de brincadeira. O cerco se apertava e, com o emocional bastante abalado, Andrews sente uma ponta de remorso por ter se envolvido num jogo tão sujo em troca de um status que trouxe mais aborrecimentos e confrontos que realização e poder.*

Andrews compreende, naquele momento, que havia perdido o controle. O afastamento inesperado de Alexandre o fez perceber que a sua atuação não foi tão discreta quanto imaginava — sua vida está por um fio e precisa arrumar uma forma de retomar as rédeas da situação.

Decifrando códigos secretos

Em frente à sua antiga casa, Alexandre sente seu coração disparar. Aquele é um momento muito esperado, está diante do seu lugar secreto, do seu esconderijo. Percebe um misto de ansiedade, medo, alegria e saudade. Sabe que, ao abrir aquela porta, muitas lembranças virão à tona. Passaram-se anos e a ausência do pai jamais foi superada. Está a poucos passos para entrar em um novo nível de sentimentos e tem a impressão de que será arrebatado no tempo. Tira a chave do bolso, respira fundo e dá mais alguns passos. Basta estender as mãos para tocar na fechadura da porta. Hesita por alguns instantes e, poucos minutos depois, ali está ele, cara a cara com a sua história de vida.

Há anos saíra daquele lugar uma criança e agora volta um homem, um profissional com carreira promissora, mas abalado com as pressões do professor Andrews.

— Que bom estar de volta neste lugar! — murmurou para si mesmo.

Diversos pensamentos invadem a sua mente e ele se permite sentir profundamente cada emoção. Passa a manhã inteira numa espécie de reconhecimento emocional e resgate de inúmeras lembranças. Cada metro quadrado daquele lugar está repleto de história.

A casa precisa urgente de uma boa faxina e, embora quisesse permanecer ali, não há condições. No meio da tarde, Alexandre vai até a cidade e contrata uma empresa de limpeza, para dar uma geral no local, e se programa para dormir em uma pequena pousada na região.

No dia seguinte, bem cedo, enquanto a casa recebe cuidados para se tornar habitável, decide rever o velho barco do seu pai, que também fora interditado nos últimos anos. Apesar do tempo sem uso, a embarcação está bem conservada. Um velho amigo de seu pai garantiu a preservação do Constelação Azul.

— Meu Deus, o barco está inteiro, muito bem conservado! Talvez ele tenha condições de navegar em alto-mar sem problemas.

Preciso verificar isso e não vou perder mais tempo.

Ao olhar ao redor, vê um senhor observando a sua movimentação, à distância, e rapidamente segue em sua direção.

— Bom dia, rapaz. Algum problema? — fala o homem.

— Bom dia. O senhor mora por aqui? — pergunta Alexandre. — Preciso de alguma informação sobre esse barco.

— Essa embarcação não está à venda, rapaz. Ela foi interditada há alguns anos e, como o dono era muito meu amigo, tenho cuidado dela desde o seu desaparecimento.

— Que bom ter essa informação. Eu sou Alexandre, filho do dono da embarcação, e agora tenho permissão para utilizá-la. Sou o herdeiro legal do seu velho amigo — informou, extremamente animado por encontrar alguém com lembranças de sua infância.

Os dois homens ficam visivelmente emocionados. Passada a surpresa dos primeiros instantes, o senhor se aproxima de Alexandre, olha firmemente no fundo dos seus olhos e o abraça demoradamente.

— Eu sou o Peter e o seu pai foi um grande amigo. Quando você era ainda bem pequeno, a minha falecida esposa Maria ajudava a cuidar de você. Certamente, você não se lembra, mas, nos poucos momentos de descanso do Alfred, estávamos sempre juntos, inclusive a bordo desse estimado barco. Depois de você, esse era o mais precioso bem do seu pai.

— Quero que o senhor me conte sobre o tempo que passaram juntos. Realmente, eu não lembro de muita coisa, mas quero saber tudo. Parece que estou vivendo um sonho. Quero desatracar esse barco e seguir mar adentro. Vou realizar um grande desejo.

Mesmo feliz por ter uma referência viva do seu pai, Alexandre deseja naquele momento seguir sozinho naquela embarcação. O dia está claro, com pouco vento e, para aproveitar a navegação, está disposto a fazer novas experiências com os sons.

Alexandre sabia que, naquele período do ano, determinado trecho daquela extensão marítima era rota migratória das baleias. Descobriu que a criatura emissora do som misterioso navegava com

as baleias e brincava com os golfinhos, então, decide fazer a experiência. Com as informações que descobrira, mas não revelara ao professor Andrews, suspeita da existência de uma espécie que até então era tratada apenas como lenda. Está assustado com a possibilidade, mas precisa de provas. Então, foi em busca de um grupo de baleias migrando e a gravação do “Bloop” seria uma forma para fazer contato.

Em alto-mar, toca o som da gravação dentro da água. Depois de algum tempo, surgem umas baleias, e, assim, ele tem a certeza de que está no lugar certo. Continua tocando por diversas vezes e permanece atento, quando, de repente, surge um diálogo entre golfinhos, e, além do som dos mamíferos, percebe algo semelhante ao “Bloop”.

Alexandre apura ainda mais a audição e permanece com olhos fixos na superfície do mar. Não demora muito para perceber alguns vultos e tem certeza de que não são os golfinhos ou mesmo baleias.

Aquele momento de êxtase não dura muito. Absorvido com a movimentação que vê na água e o som que responde à gravação, ele não se dá conta de que outra embarcação se aproxima com um grupo de policiais. Sem muitas palavras, aqueles homens apreendem todo material que fora gravado. Sem entender direito o que está acontecendo, mesmo porque não falara a ninguém sobre o seu paradeiro, fica claro que suas atividades estão sendo observadas.

— O que está acontecendo? — vocifera, desesperado, quando percebe que boa parte do seu trabalho está em mãos desconhecidas.

— Não temos explicações para você, rapaz. Apenas recebemos uma ordem e estamos cumprindo. Devemos levar essas gravações, e você fique quieto.

— Vocês não podem fazer isto. É violação à propriedade privada. É crime.

Sem ter a quem recorrer, ele encerra as atividades naquele dia. Já suspeita dos motivos que levaram aqueles homens a confiscarem seu material de pesquisa e, por causa da sua suposição, decide ser mais cuidadoso com as cópias que guarda em casa.

— Meu Deus. Que ousadia desses seres. Existem pessoas interessadas nas minhas pesquisas, mas essa atitude não vai me

barrar. Seguirei em frente, custe o que custar.

Desolado e confuso, Alexandre decide retornar e, quando chega à sua casa, encontra outro ambiente. Tudo limpo, com cheiro agradável, como nos velhos tempos. Muito cansado, deita no confortável sofá e, apesar da irritação, adormece.

Durante o sono vê seu pai com um objeto nas mãos. Mesmo com certa dificuldade, reconhece que é o seu aparelho de inalação em formato de navio. Eles brincam de pirata e se divertem muito. Seu pai gesticula como um maestro à frente de um coral, mas não larga o barquinho. De repente, o cenário muda e surge a cena daquela noite terrível que mudou o rumo da sua vida. Num sobressalto, Alexandre pula assustado do sofá. O suor corre frio pela sua face. Tudo aquilo parece muito real.

O aparelho em formato de barco há muito tempo havia sido transformado em um objeto de decoração, e está ali à sua frente. Aquela peça remete a muitas lembranças e, estranhamente, não saía da sua cabeça. Emocionado, ele envolve o barco entre os braços, como se estivesse resgatando o abraço do pai.

Após esse tempo de intensa emoção, ele passa a analisar o objeto em cada detalhe e observa que a base daquele brinquedo fora modificada.

— Opa! O que é isso? Tem alguma coisa estranha. Será que meu pai guardou algum tesouro precioso aqui? — brinca consigo mesmo, sem imaginar o que está prestes a descobrir. — Nossa! Uma fita de áudio semelhante às que utilizo. Por que isso está aqui? Parece que faz muito tempo. Será que meu pai escondeu aqui algum objeto de pirata?

Rapidamente, ele se levanta e busca o aparelho para reprodução da fita. Todo seu corpo estremece quando escuta a voz querida do seu velho pai:

— Nesse pequeno barco existe um valioso tesouro.

Alexandre faz uma viagem no tempo e revive momentos de menino. Relembra o sonho recente com o seu pai e se sente como um pirata prestes a desbravar um mundo misterioso.

Após um longo chiado, escuta o som desconhecido, o mesmo gravado na expedição e do qual ele vinha buscando identificar a

origem. A gravação tem um tempo bem mais longo e, logo em seguida, escuta um relato minucioso na voz rouca do seu pai.

— Homens que desconheço a identidade me perseguem. Estou sendo ameaçado e temo pela vida do meu filho, o meu grande tesouro. A minha mais recente descoberta fez mudar a forma de enxergar o mundo. O “Bloop” é um fenômeno verdadeiro e é gerado por uma criatura fantástica. Existe um mundo desconhecido na escuridão das profundezas do mar. Uma sociedade mais civilizada, que respeita a vida e o próximo. Tive o privilégio de conhecer alguns integrantes, eles permitiram isso. Existem pessoas interessadas em revelar essa descoberta apenas para corresponder aos seus próprios benefícios, e essas criaturas correm risco de extinção, mas estou disposto às últimas consequências para mantê-las vivas, longe das mãos desses impiedosos humanos. Até algum tempo atrás, eu não admitiria a existência dessas criaturas, mas elas existem! Ao mesmo tempo em que descubro a nobreza de seres mais civilizados que os humanos, eu me decepiono com pessoas como Andrews, que decidiu conviver comigo por proveito. Estou extremamente decepcionado com a postura de um homem que tem tudo para ser um brilhante profissional, mas se submeteu a uma organização violenta e sem escrúpulos, me traiu e quer para si os louros de uma descoberta. Jamais permitirei isso. Hoje entendo que a ciência não tem resposta para tudo. A definição da história humana deveria ser revista, mas isso significa colocar em risco essa espécie maravilhosa. Filho, eu gostaria de compartilhar isso com você. Uma criança certamente compreenderia muito melhor o que estou vivendo. Você dorme agora o sono dos justos. Espero que você tenha aprendido a respeitar e amar ao próximo como a si mesmo. Essa é a lição que tenho aprendido com meus novos amigos. Amo você, meu filho!

Enquanto escuta a gravação, o rosto de Alexandre é lavado por lágrimas. Seu pai descobrira algo que revolucionaria o mundo, mas temia a extinção dessa espécie.

— Realmente, nesse barco existe um tesouro valioso — admirou-se falando baixinho, para si mesmo. — E a cada nova descoberta, surgem muitos outros questionamentos em minha mente.

A experiência vivida naquela manhã denuncia que Alexandre também está na rota das evidências. Não há dúvidas de que o Andrews citado na gravação era o mesmo que agora o pressionava. Ele entende que, de alguma forma, a tal criatura inteligente sabe com precisão quando e por quem pode se fazer notada com segurança.

Já havia passado quase uma semana que não dava notícias. Desligara o celular justamente para não permitir interferências no seu tempo de reclusão. Agora, precisava voltar para analisar, em equipamento mais potente, aquela fita encontrada no interior do seu “barquinho de brinquedo”. Precisava desvendar esse mistério.

A diversidade da vida

A noite no reino dos mares está calma. Todas as sereias e os demais seres marinhos dormem, menos Pandora. Inquieta, ela decide nadar mansamente nas profundezas misteriosas daquele imenso mar. Absorvida em seus pensamentos, viaja por muitos quilômetros, sem se dar conta da distância que percorria, e se afasta do local seguro em que vive.

Quando menos espera, enxerga uma movimentação estranha na superfície das águas e é atraída. Ao observar mais atentamente, observa um barco diferente do que está habituada a ver naquela região. Seu coração fica agitado. Uma mistura de ansiedade, alegria e medo toma conta dos seus sentimentos. Sem entender direito as suas próprias emoções, se sente impulsionada a se aproximar.

Chegar mais perto daquela embarcação é um risco que pode colocar em perigo a sua vida e a de toda a sua espécie, mas o desejo de rever aquele desconhecido, que a fascinou desde a primeira vez que o viu em alto-mar, é muito maior. Ela não tem certeza se realmente é ele quem ocupa a embarcação e, por isso, procura de todas as formas tirar a dúvida sem ser vista.

Silenciosamente, desliza de um lado para o outro no fundo mar e, favorecida por sua capacidade de visão de longo alcance, chega o mais próximo possível da superfície, mas, apesar das diversas manobras que faz, na tentativa de ver o que acontece no interior do barco, não consegue.

— Não vou embora desse lugar sem saber o que está acontecendo nesse barco — fala Pandora.

Sem pressupor o que se passa debaixo do seu barco, Alexandre se mantém introspectivo em seu trabalho. Naquela noite, está decidido a fazer testes com aquele material encontrado no seu “barquinho de estimação”. Aquela novidade o deixa ainda mais intrigado e ansioso por respostas. Ele está pronto para fazer mais uma experiência.

Quando inicia as suas pesquisas com o som que encontrou nas gravações deixadas pelo pai e semelhante ao trecho capturado durante a expedição, Pandora, que costuma fazer passeios solitários, a contragosto de Nereu, seu pai, reconhece a voz de alerta do guardião — uma sereia eleita para ir à frente de grupos em percursos mais longos. Sua função é ficar em alerta a qualquer ameaça à colônia.

— Nossa! Jamais esquecerei esse aviso aterrador. — Pandora é atraída por aquele som inconfundível que ressoa nas profundezas do mar. Mas como poderia escutar aquilo novamente?

O som que chama a atenção de Pandora é de uma sereia que havia dado a sua vida para proteger a colônia.

— De onde vem isso? Ouvir essa voz ecoando no fundo do mar dá uma tristeza — fala Pandora, quase chorando. Apesar do medo, ela segue em direção ao som e descobre que é reproduzido por um pequeno aparelho lançado ao mar.

É nessa circunstância que Pandora vê novamente aquele humano fascinante que despertou a sua atenção um tempo atrás. Desde então, ela o observa todas as vezes que a sua embarcação surge em alto-mar. Um sentimento diferente e jamais experimentado faz com que seus pensamentos estejam sempre ligados àquele homem. Ela considera o mundo dos humanos um lugar maravilhoso, mas desde muito pequena foi orientada a fugir de qualquer aproximação com essa espécie, ainda mais depois do que ocorrera com o guardião.

— Meu pai ficará enfurecido se souber que estou aqui, mas eu preciso ver novamente esse humano e quero entender por que esse aparelho emite o som de um dos nossos. Eu não sei, mas sinto que ele não tem nada a ver com a morte do nosso amigo e que é um ser humano diferente.

De longe, ela o observa, sem entender como se identifica com ele. Uma batalha interior invade a sua mente. Deseja sufocar esse sentimento e obedecer às ordens do seu pai, mas almeja descobrir mais sobre a espécie humana, especialmente sobre aquele ser fascinante que tinha em mãos um som da sua espécie.

Levada pela ânsia de ver mais uma vez aquele humano, Pandora faz mais manobras para encontrar um melhor ângulo. Depois de diversas tentativas, frustrada por não conseguir enxergar o interior da embarcação, ela decidiu se afastar, quando, de repente, escuta um barulho estranho e, ao se virar rapidamente em direção ao som, que corta o silêncio das profundezas do mar e transforma todo o ambiente, fica aterrorizada.

A poucos metros, um tubarão ameaçador segue furiosamente em sua direção. Ela olha para um lado e outro e vê que não existem obstáculos que possam protegê-la do iminente ataque. Se coração dispara, sua face fica pálida e, direcionada pelo instinto de sobrevivência, emite sons desesperados. Apesar da incrível capacidade auditiva das sereias, seus semelhantes não a escutam. Ela havia navegado para muito longe do lugar seguro. Sua vida estava em perigo.

Na superfície, uma inesperada agitação chama a atenção do tripulante da embarcação solitária. As águas calmas do mar começam a se agitar de uma forma diferente e faz com que o seu barco responda a uma estranha movimentação submersa.

Deitado no interior do barco, com os braços cruzados sob a cabeça e as mãos apoiando a nuca, Alexandre observa as estrelas e pensa na sua vida. Naquela noite, em especial, queria muito ter alguém com quem pudesse conversar abertamente, sem medo de se sentir incompreendido.

O retorno para a casa em que viveu os anos mais felizes da sua vida mexeu com todos os seus sentimentos, mas esse clima de total introspecção foi interrompido quando Alexandre sentiu uma batida forte no fundo da embarcação.

— O que é isso? — Assustado, levanta rapidamente, e com a lanterna mira para todos os lados na imensa escuridão. Sente um calafrio no estômago, arrepios percorreram todo o seu corpo e permanece em estado de alerta.

A movimentação na água fica mais intensa e, de repente, escuta um som. Batidas mais fortes no fundo do barco fazem o frio no estômago aumentar. Assustado, ele fica de joelhos, as mãos espalmadas no assoalho do barco, olhando rapidamente ao seu redor.

— Meu Deus! O que está acontecendo? — questiona, apavorado.

Naquele momento, uma fração de segundos parece uma eternidade, e quando, de repente, levanta a sua cabeça para frente, leva um susto. Uma linda mulher, com olhos mel esverdeados e assustados, cabelos dourados lisos e longos, surge do fundo das águas, apoia as belas e delicadas mãos no barco e pronuncia um longo e desesperado grito de socorro.

Sem tempo para pensar no que está acontecendo, ele dá as mãos àquela mulher e a puxa para dentro do barco. O impulso faz os dois caírem de costas no fundo da embarcação. Com respiração ofegante, aterrorizados um com o outro, eles se olham e permanecem paralisados por alguns segundos. Com a escuridão iluminada apenas pela lua cheia enorme e as estrelas suspensas no firmamento, o silêncio é cortado com a voz de Pandora.

— Você me livrou de um tubarão.

Alexandre não sabe o que fazer ou dizer. Fica paralisado por mais alguns instantes, sem entender como aquela mulher de aparência frágil, olhos lindos e traços delicados pôde surgir naquele lugar isolado da movimentação do mundo. Considera-se distante de qualquer entendimento racional para o seu repentino aparecimento. Sem falar qualquer palavra, ele olha atentamente nos olhos de Pandora e, passados os primeiros segundos da surpresa, decide fazer um reconhecimento total da estrutura física da espécie que está à sua frente e, de repente, salta para trás:

— Você é uma sereia?

Assustada com a reação de Alexandre, Pandora se encolhe, com os braços cruzados na frente dos seus belos seios, cobertos apenas por uma espécie de rede, decorada com conchas do mar. O seu tronco esguio termina onde tem início uma longa cauda de peixe meio azulada — um ser meio mulher, meio peixe.

Com medo de pular de volta às águas e se deparar com aquele tubarão, ela decide permanecer no barco, onde parecia mais segura.

— Sou Pandora, uma sereia.

— Você quer que eu acredite nessa fantasia. Ora, eu sou um cientista e não acredito nessa brincadeira — contesta Alexandre, sem

pensar no que estava dizendo.

— Então, como um cientista, tire suas próprias conclusões — desafia Pandora.

Ao dizer isso, ela ameaça retornar ao mar, mas rapidamente se lembra do perigo que a aguardava. Um tubarão ameaçador ainda circulava ao redor da embarcação e não parece disposto a sair dali tão cedo. Com isso, tinha de escolher entre enfrentar aquele humano ou ser despedaçada pelos dentes afiados daquele aterrorizante predador. Pelo menos, naquele momento, a primeira opção é a mais segura. Não entende como, nem por que, mas, apesar da possível ameaça, percebe que pode confiar naquele humano.

— Todos os meus semelhantes dormem agora e eu não conseguia parar de pensar em você...

— Pensar em mim? Como assim? Como você pode dizer que pensa em mim? Nós nunca nos vimos. Aliás, eu nem sabia da sua existência.

— Você não sabia da minha existência, mas eu penso em você desde a primeira vez que o vi solitário, na proa de um barco. Nesse dia, muitas pessoas se movimentavam naquela embarcação, mas por um bom tempo você ficou sozinho, olhando o horizonte, totalmente alheio a tudo que se passava naquele lugar. — Pandora se refere à primeira expedição que ele fez com a turma da Universidade.

— Mas isso já faz algum tempo. Hoje eu já sou um profissional quase formado e, como cientista, tenho certeza de que a vivência da sua espécie nunca foi catalogada. Ninguém nunca provou a existência de sereias.

— Pode não haver registros, mas, mesmo naquela época, você sentiu a minha presença. Os meus amigos golfinhos fizeram uma festa especial para você e, à noite, eu o observei durante muito tempo. Você quase me descobriu naquele dia — observa com tom de graça.

— Então quer dizer que foi você a responsável por aquele evento inusitado, que causou espanto e admiração geral?

— Os humanos não têm conhecimento da nossa existência, mas nós sabemos sobre vocês.

— *Você tem certeza que nenhum humano tem conhecimento das sereias?*

— *Hum! Realmente é um erro dizer que não se tem conhecimento da nossa existência. Nós não sabemos por que, mas há alguns humanos que sabem de nós e insistem em nos capturar. As buscas por sereias são diferentes do que fazem com os golfinhos, as baleias e outros animais. Meu pai diz que existem interesses obscuros no fato de não revelarem a nossa vida.*

— *Interesses obscuros!?* — *repete Alexandre, em tom baixo, e permanece, durante algum tempo, com os olhos elevados e a testa franzida, como se buscasse, em seus arquivos mentais, uma explicação para tudo que estava ouvindo naquele momento, uma verdadeira incógnita para ele, mas, associada à mensagem do pai, fazia total sentido.*

Alexandre está diante de uma espécie não catalogada, ainda desconhecida no meio científico, mas real. Até então, a sereia é citada no meio acadêmico e nos ambientes profissionais como piada ou lenda. Tudo aquilo é novo e o fascina. Boquiaberto, custa a acreditar no que está acontecendo. Com toda a sua vivência acadêmica e experiência profissional, nunca havia se deparado com um ser admirável como Pandora. Ela se expressava de forma inteligente e objetiva.

— *As sereias têm medo dos seres humanos?* — *Sem pensar muito, Alexandre faz a pergunta, mas já imagina a resposta.*

— *Na verdade, temos mais respeito do que medo. O ser humano é muito perverso e pode colocar a nossa espécie em risco.*

— *Por que você fala isso com tanta certeza?* — *pergunta indignado.*

— *Simplesmente porque observamos o que muitos humanos têm feito. Não valorizam a vida do próprio semelhante, que dirá de uma espécie desconhecida, ainda mais uma sereia. A intervenção do homem na natureza tem colocado em risco a vida do Planeta e isso tem gerado ameaça a todas as espécies. Os valores dos humanos são bem diferentes dos nossos.*

Alexandre não tem argumentos para contradizer as considerações de Pandora. Bastava uma rápida busca sobre

acontecimentos recentes envolvendo a natureza para constatar a veracidade das suas observações. A ação humana tem sido cada vez mais perturbadora para o ambiente. A água, o ar e o solo são recursos que devem ser preservados para o próprio bem da humanidade, porém, o homem tem alterado tanto o ambiente em que vive que a maior parte do globo terrestre sofre com a sua influência negativa.

— A Terra foi ferida pela ganância, justificativas infundadas de enriquecimento e pela ânsia por posição no poder — afirma Pandora categoricamente.

— Eu tenho que concordar. O homem procura justificar a devastação natural com o grande crescimento demográfico. Com o aumento do número de pessoas, crescem as construções, prédios e rodovias. Os tremores detectados em diversas regiões do mundo podem ser uma resposta ao dano causado no solo — observa Alexandre.

— São diversas as formas com que o homem tem devastado a natureza — enfatiza Pandora. — Petróleo, combustíveis e outros produtos químicos chegam às águas dos oceanos. Plásticos, ferros, vidros são lançados dos navios ou nas praias. A natureza é perfeita, mas a atuação do homem tem causado sério desequilíbrio ecológico.

Sem argumentos, Alexandre limita-se a ouvir e admirar a compreensão de mundo que aquela criatura é capaz de revelar.

— A diversidade da vida, na profundidade do oceano, é muito, muito maior do que os humanos imaginam. O fundo do mar é um lugar espetacular, que abriga espécies fascinantes, assim como devem ser as maravilhas existentes em terra firme. Mas o que passa na cabeça humana para destruir essa riqueza?

Naquele momento, ele, que, até então, se considerava um homem inteligente e avançado, percebe que a evolução do homem como ser tem um valor questionável.

— Alexandre, os humanos são descendentes das sereias, uma evolução da espécie marinha que, atraída pelos encantos da terra firme, se rebelou contra as regras da nossa sociedade e foi em busca de novas descobertas e aventuras.

— O que você disse? Humanos descendentes de sereias? Isso é um absurdo.

— Absurdo é ver no que se transformaram aqueles que decidiram ficar em terra. Aqueles que mantiveram suas raízes continuaram a vida nas profundezas do mar e sobrevivem até hoje em uma harmoniosa sociedade.

— Você quer dizer que existem comunidades de espécies semelhantes a você espalhadas pelo mundo? Isso é loucura.

Pandora fica muda. Nesse momento, tem receio de revelar a existência de uma grande comunidade de sereias no fundo do mar. Durante toda a sua vida, ela fugiu dos humanos porque aprendeu que eles não sabem preservar a natureza. Tudo que havia falado já é bastante comprometedor, mas decide continuar:

— As sereias rebeladas criaram a sociedade dividida em que os humanos vivem hoje. Pelo que observamos, os humanos criaram hierarquias baseadas em valores e bens materiais. A ganância tem levado à matança entre seres da mesma espécie. Não há respeito, não há consideração e prevalece a lei do poder. No mundo das sereias, o que prevalece é a hierarquia baseada em conhecimento, idade e sabedoria.

— E como você sabe falar o meu idioma?

— O idioma das sereias é universal. Em qualquer parte do mundo, nós nos comunicamos por meio de um único idioma, mas quando alguns membros da nossa sociedade decidiram viver em terra, criaram um novo dialeto, e é esse que vocês humanos utilizam nesta região.

— Para você, o nosso idioma é um dialeto? Está dizendo que a sua espécie é ancestral dos humanos? Isso é imaginação pura.

— Eu disse que nós sabemos mais de vocês do que vocês de nós — rebate Pandora, num tom de graça.

— O que mais que vocês sabem dos humanos? — questiona Alexandre ironicamente. — Uma coisa é certa, você tem uma imaginação muito fértil.

— Meu pai, o Rei Sereia, é muito sábio. Seus ancestrais, desde que um bando de sereias se rebelou e foi para a terra, continuou mantendo contato com eles e rapidamente aprendeu a língua. As

sereias são seres extraordinariamente evoluídos, inteligentes e, graças a isso, a nossa espécie tem sobrevivido.

Alexandre e Pandora passam a noite inteira conversando, trocando considerações e confidências. Eles não percebem o tempo passar. De uma forma incomum, ele encontra em Pandora todos os atributos e qualidades raras na humanidade. Ela, já estava apaixonada desde que o viu pela primeira vez. Duas espécies diferentes compartilham do mesmo sentimento.

O impacto inesperado com a realidade

Absorvidos um com o outro, Alexandre e Pandora só notam os primeiros raios de sol quando a sereia leva um susto e fica visivelmente apreensiva. Com os olhos arregalados e o semblante assustado, ela estica o pescoço para o lado, apurando a audição. Ao mesmo tempo, coloca as mãos nos lábios de Alexandre, impedindo que ele fale qualquer coisa.

— O que foi? — pergunta assustado.

— Uma lancha está vindo em nossa direção. Preciso ir embora — replica, aflita.

Ao dizer isso, Pandora fica agitada e bate sua cauda no assoalho do barco, procurando ajeitar a postura e se colocar em posição de defesa e mergulho. Ela sabe da sua pouca agilidade fora da água e, por isso, se preocupa com a proximidade do som cada vez mais perto, agora, tanto que Alexandre consegue ouvir o motor e se desespera. Seu receio é colocar em perigo a vida daquela espécie. Apavorado com a despedida iminente, ele pergunta:

— Espere! Como faremos para nos encontrar outra vez?

— Eu não sei. Sinceramente, eu não sei quando isso será possível. Agora eu preciso ir.

Pandora levanta o tronco, se apoia na lateral da embarcação e, antes de pular nas águas, olha fixamente nos olhos de Alexandre. Os dois se aproximam e trocam um apaixonado e aflito beijo. Depois se abraçam por alguns segundos e, após dizer adeus, ela volta para a posição de mergulho, quando os dois tremem ao escutar bem perto uma voz áspera e autoritária:

— Passageiros da embarcação Constelação Azul 234, se apresentem aos agentes de investigação do governo.

Pandora fica paralisada. Tinha a mesma sensação da noite anterior quando se deparou com aquele tubarão. Sem tempo para elaborar estratégias, velozmente, Alexandre se volta para Pandora e

dá as coordenadas. Ele chamaria a atenção dos agentes enquanto ela pularia rapidamente de volta ao mar.

— Eu jamais vou me esquecer de você! — fala Alexandre, convicto de que em momento algum de sua vida havia percebido o amor e a ternura de forma tão intensa por alguém além do seu pai.

— Eu vou te procurar — responde Pandora.

Ao ouvir pela terceira vez o anúncio daquela voz nada receptiva, Alexandre se levanta com as mãos para cima, simulando um bocejo, como se tivesse acabado de acordar. Com arma mirada em sua direção, ele mantém os olhos fixos nos agentes, mas a atenção voltada para a movimentação de Pandora no fundo do barco. Com cuidado para não fazer gestos bruscos, ela tenta acomodar seu corpo e se posicionar para pular na água.

— Senhor, tem mais alguém no interior desse barco? — pergunta o agente.

— Não, apenas eu. Algum problema?

— Suspeitamos que tenha mais alguém com o senhor. Podemos revistar o seu barco?

O cerco se estreita e o perigo é iminente. Não há alternativas. Seria mais perigoso permanecer no interior da embarcação. Impulsionado por seus instintos, Alexandre abaixa e, em seguida, dá comando para que Pandora pule. Ao mesmo tempo, os dois saltam, e a atitude inesperada deixa os agentes confusos. Um deles dispara dardos tranquilizantes na direção de Pandora, mas a atinge apenas de raspão e não a impede de ganhar distância rumo às profundezas do mar, enquanto Alexandre se debate na superfície para atrair a atenção daqueles homens.

— Estou aqui. O que vocês querem? Deixem-me em paz! — grita Alexandre, agitando as mãos para o alto.

Pandora precisava ser rápida para chegar a um lugar seguro. O objeto que passa de raspão no seu braço esquerdo faz um pequeno ferimento, que deixa rastro de sangue no fundo do mar. Ela não sente

dor, mas sabe que o sangramento despertaria o faro de predadores e ela está em um território perigoso.

— Eu preciso nadar, eu preciso avançar para um lugar seguro o mais rápido possível — fala Pandora para si mesma.

Quando consegue atingir um limite menos perigoso, exausta, ela usa o resto de força que tem para pedir ajuda e, após diversas tentativas, perde o sentido. Desacordada durante longo tempo, quando retoma a consciência, percebe que está nos braços de Nereu, o seu amoroso e sensível pai.

— Fique calma, minha filha! Agora você está segura. Descanse e, mais tarde, conversarei com você — adianta o Rei Sereia, com tom calmo, mas firme.

— Sim, pai, conversaremos assim que eu me sentir melhor — responde, tentando ganhar tempo para colocar suas próprias ideias em ordem.

Enquanto isso, Alexandre passa por momentos difíceis. É resgatado por homens que se dizem agentes do governo e levado para um lugar escuro, sujo e muito frio. Não tem noção de como chegara naquele lugar. Retirado do mar, é coagido a falar sobre Pandora, mas se nega a dizer qualquer coisa que coloque em risco a vida das sereias. Ante o seu silêncio, é agredido fisicamente até desmaiar. Quando recobra os sentidos, seus pensamentos são confusos. Tudo aquilo parece um pesadelo.

Realidades de uma selva de pedras

Com dor por todo o corpo, leve sangramento na testa e no canto da boca, Alexandre começa a constatar na própria pele tudo o que Pandora comentou sobre as atitudes humanas.

— O homem, considerado animal racional, é um dos poucos capazes de atitudes irracionais com seres da própria espécie — lembra a voz da doce Pandora.

Alexandre leu a respeito de tortura com presos políticos e coisas parecidas, mas nunca imaginou passar por aquela circunstância em plena era da liberdade de expressão e de Direitos Humanos. Naquela condição, tem a certeza de que ainda existem métodos nada convencionais para obter informações que não desejam ser reveladas.

— Quem são esses homens? Que lugar é esse? Quando tempo será que já estou aqui? — Com a mente confusa, Alexandre tenta se situar no tempo e no espaço.

Sua memória não consegue repassar, em uma sequência lógica, tudo que aconteceu após a fuga de Pandora. Ele se lembra de ter escutado muitos tiros em direção ao mar e uma agitação intensa dos indivíduos que ocupavam a lancha. Fizeram muitas perguntas e, com o silêncio, inesperadamente acertaram a sua cabeça com uma forte pancada. Quando acorda, está naquele lugar sombrio.

“Por que agentes do governo agiriam dessa forma?”, ele se questionava silenciosamente.

Quando está em um estágio mais lúcido, Alexandre ouve barulho de um pesado portão se abrindo e, em seguida, passos rápidos anunciam a presença de algumas pessoas. Na escuridão, busca ao redor um lugar para se encostar. Rapidamente, percebe que o espaço é bem pequeno e não há nenhum móvel ou objeto. Tão logo consegue se acomodar, a porta se abre e uma fraca iluminação toma conta do ambiente. Dois indivíduos surgem e, sem rodeios, iniciam o assunto que desencadeou aquele sequestro.

— As pesquisas que você tem realizado são do nosso interesse e, com as evidências recentes, estamos aqui para que você relate, com detalhes, tudo o que sabe sobre a espécie que se evadiu do seu barco nesta manhã.

— O que vocês estão falando? — pergunta, tentando ganhar tempo. — Estava no meu barco, analisando material de trabalho, e, de repente, surgem vocês, dizendo que devo relatar evidências. Que evidências são essas? Quem são vocês?

Mesmo apreensivo, naquele momento nota um alívio tremendo. Agora tinha a certeza de que Pandora não fora capturada, mas também revelava que eles já sabiam de algo relacionado à sua existência.

— Temos acompanhado as suas pesquisas, garoto. Tenho de reconhecer que você tem uma percepção especial e chegou a informações que há anos temos investigado, mas não estou aqui para relacionar suas qualidades e tecer elogios. Ordeno que você relate tudo o que viu e ouviu nesta manhã.

— O senhor “ordena” que eu relate o quê? Sou um biólogo marinho e simplesmente estava em alto-mar, analisando uma pesquisa, quando fui bruscamente interrompido. Eu trabalho para a Universidade da Califórnia e não sei por que vocês estão tão preocupados com o meu trabalho a ponto de me trazer à força para esse lugar. Estamos tratando de um estudo científico ou de um caso de polícia?

— Estou chegando à conclusão de que a sua inteligência se limita às questões relacionadas ao mar — rebate o homem num tom irritado e bastante agressivo. — Pare de fazer rodeios e comece a dizer o que você descobriu sobre as sereias.

— Sereias?! O senhor não deve ter entendido o que eu disse. Sou um cientista e não um contador de histórias e lendas — fala Alexandre, procurando demonstrar indignação e total desconhecimento do teor daquela conversa.

— Rapaz, o que você está vivendo realmente não é uma fantasia, e a sua condição não é uma brincadeira de “faz de conta”. Abra logo essa boca. Não temos mais tempo a perder.

Diante do questionamento e certo de que não poderia confiar naqueles homens, Alexandre decide se manter em silêncio, mas não consegue sufocar os gritos e gemidos de intensa dor após os incontáveis socos e pancadas que leva em diversas partes do corpo. Está certo de que a sua atitude poderá lhe custar a morte, mas está decidido ao sacrifício.

Nem ele mesmo consegue entender como é capaz de tal atitude, mas, no seu íntimo, tem total convicção de que fará tudo para preservar a vida de Pandora. A forma totalmente inesperada como a conheceu, a conversa, o clima aconchegante, a percepção de mundo e da humanidade que ela revela e a sua forma direta de expor suas emoções despertam em Alexandre um sentimento jamais experimentado.

Ele já acompanhara alguns filmes com histórias em que homens e mulheres são capazes de atitudes extremas por amor, mas sempre acreditou que isso se limitava às histórias melodramáticas. Naquela circunstância, por mais contraditório que pudesse parecer, o apego por Pandora era a única coisa capaz de acalmar seu coração e diminuir a sua dor.

Os interrogatórios acontecem frequentemente, e aqueles homens agem da mesma forma fria e agressiva. Sem noção de tempo e da sua localização, ele fica naquela condição até que, mais uma vez, a porta se abre. Com dois “velhos conhecidos”, mais homens entram na sala e, sem qualquer pronunciamento, o sufocam com um pano umedecido por uma substância muito forte.

Mais tarde, quando acorda, se sentindo bastante fraco e debilitado, constata que está no seu barco. Com dificuldade para abrir os olhos por causa da claridade, ele se levanta, faz um reconhecimento da área e observa que está atracado em uma ilha no meio da imensidão do mar.

Apesar do corpo dolorido, não há hematomas, e as suas roupas estão limpas, sem nenhum vestígio da sujeira e do mau cheiro daquele lugar horrível em que ficou preso. Com o alívio de ver novamente a luz do dia, surgem também muitas dúvidas: quem seriam aqueles homens? Quais as reais ambições deles e como estaria Pandora?

Com a palma da mão sobre os olhos levemente cerrados, percorre toda aquela imensidão na esperança de encontrar algum vestígio da sua presença e permanece assim até que, depois de algum tempo, consegue avistar, bem distante, um ponto em movimento.

Num impulso, ele se levanta o mais rápido que pode e tenta apurar a visão. Seu coração dispara e um fio de esperança surge. O que seria aquilo? Com a distância e a distorção gerada pela luz do sol, ele não tem dúvidas de que algo se move no ar ou no mar e vem crescendo no horizonte, apontando a sua aproximação.

Passados alguns instantes, consegue enxergar que, em vez de um ponto, existem duas formas se aproximando. Aos poucos elas vão se definindo e avançam ao seu encontro: uma lancha e um helicóptero. Paralisado, tem medo de passar novamente pelos mesmos momentos difíceis.

— Será que aqueles malditos se arrependeram de ter me deixado vivo e decidiram voltar? — questiona.

Apreensivo, pensa em mergulhar para se esconder, mas logo se dá conta de que seria inútil. Além do barco que chama a atenção, tudo indica que aqueles velozes objetos metálicos tenham destino certo. Nada há para fazer, senão esperar.

— Aqui é o comandante da Capitania dos Portos de San Francisco. Estamos aqui para resgatá-lo. O senhor está bem? Pode se movimentar normalmente? Se a resposta é positiva, mova os dois braços acima da cabeça.

Lentamente, Alexandre faz o gesto que informa a sua condição. A voz não é a mesma que havia escutado antes, a recepção dessa vez é amistosa e tudo indica que agora esses homens buscam verdadeiramente um naufrago, e não um vilão. Ao ser resgatado, ele é logo encaminhado para um hospital, e lá encontra Andrews, visivelmente transtornado. Àquela altura, o homem parece realmente preocupado com a condição física de Alexandre.

Desde o encontro com Pandora e aquele sequestro, havia se passado uma semana e, segundo informações, as buscas tinham sido intensas para localizá-lo. A sua condição era bastante debilitada. Após passar por diversos exames, o médico de plantão recomenda repouso absoluto para que ele possa se reestabelecer.

A equipe de resgate estranha as condições de localização de Alexandre. Aquele trecho fazia parte da rota de buscas e, nos últimos dias, não fora encontrado nenhum vestígio da embarcação e do homem procurado.

Tudo levava a crer que seus sequestradores haviam retirado de cena indícios que pudessem localizá-lo, o que colocava em dúvida os depoimentos de Alexandre.

— Ele está emocionalmente muito abalado — explica um médico para um investigador de polícia, destacado para apurar o desaparecimento do rapaz. — Desde que chegou ao pronto atendimento ele tem falado coisas estranhas, que ainda não conseguimos entender.

Alexandre sabe que “as coisas estranhas” não são fantasias. Com receio de passar qualquer informação que pudesse revelar a existência de Pandora, resolve simular uma amnésia. Sem confiar em ninguém, ainda no hospital, decide descobrir, por conta própria, quem estava por trás de tudo aquilo e por quê.

Aventuras e desventuras de mundos diferentes

Alguns dias haviam passado desde o episódio com Pandora e Alexandre. Nas profundezas do mar, a rotina se mantinha normal para toda a comunidade, exceto para aquela jovem sereia. Ela sabia que logo seu pai a chamaria para justificar o seu afastamento da comunidade naquela noite, e seu coração está angustiado com a ausência de notícias de Alexandre.

Os princípios entre os membros de uma comunidade de sereia são bem claros, e um deles é que jamais deve tentar contato com um humano. Apesar disso, muitos jovens curiosos se aproximavam de grandes embarcações para fazer brincadeiras.

Pandora, uma das mais curiosas e sapecas do grupo, é uma das primeiras a sugerir as brincadeiras. Ela é bastante ligada aos golfinhos e mantém um excelente relacionamento com eles. Nas brincadeiras, quando decidem confundir os humanos, ela se mostra rapidamente entre os amigos golfinhos.

Nereu, o rei das sereias, não aprova essas brincadeiras. Sabe dos perigos que podem colocar em risco toda a espécie, mas entende a curiosidade juvenil e se diverte com os relatos das peripécias de sua filha. Porém, dessa vez foi diferente. Ele percebe que o afastamento de Pandora a colocou em sério risco e precisa saber o que realmente havia acontecido. Como líder de uma grande comunidade, não pode deixar passar sem uma correção a irresponsabilidade da filha. Quando observa que Pandora já está reestabelecida do susto, ele a chama.

— Minha filha, precisamos conversar agora. Estou muito preocupado com as suas atitudes.

— Pai, eu não estou totalmente recuperada. Não podemos conversar em outro momento? — responde, na tentativa de adiar aquela conversa.

— Não, Pandora. Quero saber exatamente o que aconteceu com você e por que a encontramos desacordada em um território no qual

não devemos permanecer.

— *Desculpe! Eu sei que errei. Estava sem sono, saí por aí e perdi a noção de tempo e espaço.*

— *Pandora, eu não quero rodeios. Você sabe os perigos que corremos. Eu a conheço o suficiente para suspeitar que a curiosidade a levou para lugares aonde não deveria ir. Vamos lá. Me conte tudo agora.*

Naquele momento, Pandora sabe que não tem como escapar. Seu pai é muito esperto e, em diversas conversas, já havia falado sobre os perigos de contato com os humanos. A dificuldade, agora, é explicar que além de ter se afastado sozinha, também teve um contato bem próximo com um humano e estava apaixonada.

— *Desculpe-me. Eu errei. Sei que não deveria ter me afastado.*

— *Pandora! Eu quero detalhes do que aconteceu naquela noite. Apenas pedir desculpa não é o suficiente. Quero que me conte o que realmente aconteceu. Tenho notado você muito pensativa e, muitas vezes, tem se afastado do nosso bando solitariamente. Você está fazendo algo que me desagradaria, Pandora?*

— *Sim. Certamente, o senhor não vai gostar muito do que aconteceu, mas, por favor, tente me compreender.*

— *Tentarei, desde que você não esconda nenhum detalhe. Vamos, comece.*

Pandora não sabe como iniciar aquela conversa. Teria de expor sentimentos para explicar suas atitudes. Mantinha um contato bom com seu pai, mas naquela circunstância não tinha ideia de qual seria a sua reação.

— *É possível uma sereia se relacionar com um humano?*

— *O quê? Eu não entendi direito sua pergunta — responde Nereu, procurando não demonstrar seu espanto.*

— *Isto mesmo. O senhor entendeu, sim. Uma das coisas mais importantes que eu aprendi na nossa comunidade é que jamais devemos enganar alguém. A verdade é uma base forte de qualquer relacionamento, não é isso que o senhor nos ensina? Por isso, tenho certeza que posso confiar e abrir o meu coração agora.*

— *O que está acontecendo para você perguntar sobre isso, Pandora?*

— Há algum tempo eu tenho observado um humano. Não sei elucidar o motivo, mas diferente de qualquer outro, ele chama a minha atenção desde a primeira vez que o vi. Isso já faz algum tempo, mas eu nunca comentei nada com ninguém. Só que, de uns tempos para cá, ele tem aparecido com mais frequência. Ele me parece diferente.

— O que você quer dizer com diferente, Pandora?

— Eu conversei com ele, aliás, por causa dele eu não fui engolida por um tubarão.

Ao ouvir isso, Nereu fica nitidamente transtornado, mas Pandora não omite nenhuma informação. É sincera e confia no seu pai. Sem esconder nenhum detalhe, ela conta tudo que havia acontecido e o motivo de ter sido encontrada naquelas condições.

A memória dos ancestrais das sereias é algo precioso entre eles e, por esse motivo, prevaleceu. Nereu, o mais velho da sua comunidade, é o responsável por transmitir a cultura e a história da espécie. Ele reforça, com frequência, os perigos de qualquer tipo de relacionamento com um ser humano. Na história de sua existência, raríssimos casos desse tipo de relacionamento haviam sido bem-sucedidos. Em geral, a sereia padece da crueldade dos humanos e os poucos que decidem preservar em segredo a existência dessa espécie, nunca mais têm uma vida normal.

Quando o Rei Sereia reunia sua comunidade para falar sobre esse assunto, jamais declarava guerra aos humanos. Manter uma nação pacífica sempre foi um dos seus princípios. Porém, ao explicar as consequências de muitas atitudes humanas, os fatos denunciavam a crueldade de uma raça considerada evoluída.

— Minha filha! Você está me contando algo muito sério. Você tem noção das consequências de tudo isso?

— Para dizer a verdade, eu não pensei em consequências. A minha grande preocupação é saber como está Alexandre. Receio que ele esteja em uma situação difícil por minha causa.

— Pandora, o que você realmente sente por esse humano?

— Não sei explicar, mas é algo que eu nunca senti e, de alguma forma, noto que ele está preocupado comigo, e não é um humano ruim.

— Talvez tenha chegado o momento de revelar algo muito importante para você, Pandora. Esse humano é filho de um velho amigo meu.

— Como assim? O senhor também já teve contato com humanos?

— Talvez agora você não compreenda tudo que eu tenho para dizer, mas deve me prometer que não comentará sobre este assunto com mais ninguém.

— Sim, eu prometo, me conte tudo.

— O pai desse rapaz se chamava Alfred. Ele era um famoso cientista e descobriu a existência da nossa espécie nas profundezas do mar. Assim como você tem percebido nesse humano, eu também senti algo diferente em Alfred e permiti uma aproximação. Com o passar do tempo, nos tornamos amigos e confidentes. Eu aprendi muita coisa dos humanos com ele e, por sua vez, eu contei como é nossa vida. Durante muito tempo, mantivemos contato sem nenhuma interferência. Depois, ele começou a ser perseguido, porque suspeitaram da sua descoberta sobre a nossa existência. Para não colocar as sereias em risco, ele jamais revelou qualquer coisa sobre nós, foi tremendamente perseguido por isso, mas se manteve fiel.

— Nossa! Então Alexandre pode sofrer o mesmo tipo de perseguição? Estou surpresa com tudo isso. Achei que o senhor não me entenderia.

— Sim, Pandora. Alexandre pode ser perseguido e, por isso, preciso alertar você. Hoje, o anseio em capturar sereias é muito maior. Precisamos manter a nossa tradição e continuar nos escondendo dos humanos.

— Mas o que aconteceu com o seu amigo?

Ao ouvir essa pergunta, Nereu dá um jeito de encerrar a conversa. Já tinha passado informação demais para sua filha e considerava suficiente a conversa naquele dia. O segredo não havia sido todo revelado, mas não era o momento apropriado para isso. Precisa preservar o coração da filha e a vida da comunidade.

— Mas, o que eu faço para ter notícias de Alexandre? Eu preciso saber como ele está.

— Pandora, por enquanto eu quero que você fique quietinha no seu canto. Depois pensamos em uma forma de ter notícias dele. Posso confiar em você?

— Estou muito ansiosa. Não sei se conseguirei permanecer muito tempo sem notícias.

— Por enquanto é melhor não arriscarmos, Pandora. Confie em mim. Eu também tenho vontade de saber como está esse rapaz. Vamos dar tempo ao tempo e observar. O fato de você ter sido vista em sua companhia pode trazer sérias consequências para ele e para nós.

— Sim, pai. Compreendo. Confio no senhor. Vou esperar.

Com o passar dos dias, os dois não tocaram mais no assunto, mas Nereu observava a inquietação de Pandora. Ela se recuperou do ferimento no braço e fisicamente está muito bem, mas seu coração sofre. A vontade enorme de estar perto de Alexandre a deixa ansiosa. Sereias sentem de maneira diferente dos humanos. Por causa disso, as sereias mais maduras permanecem atentas a qualquer movimentação. Elas sabem o quanto ela é impulsiva e isso poderia ser até mais forte do que o compromisso assumido com seu pai.

Riscos e desafios

A espera é algo que agonia Alexandre. Uma semana se passou desde que saiu do hospital e sua aspiração é retornar ao mar para reencontrar Pandora, mas tem receio de colocá-la em risco novamente. Precisa observar à sua volta e ser prudente, pois não sabe em quem confiar. Desde o aparecimento dos homens estranhos naquela manhã aterrorizante, em que Pandora quase foi descoberta, ele sabe das possíveis ameaças. Agora, compreende que outras pessoas ou organizações estão em busca das mesmas informações e podem chegar às últimas consequências para conseguir o que querem.

Toda a ação de resgate deixou claro que aqueles homens desconhecidos calculam os mínimos detalhes para não levantar nenhuma suspeita. Tudo leva a crer que a sua libertação havia sido muito bem planejada e pressente que a intenção é ampliar o terreno para que tenham uma nova oportunidade de capturar a sereia.

Alexandre teme essa situação. Quer rever Pandora, mas o fato de colocá-la em risco o imobiliza. Ele pensa em uma estratégia, mas antes precisa descobrir quem está por trás daquela situação.

A notícia do seu desaparecimento não gera grandes repercussões. Quando retorna ao laboratório, os colegas de trabalho o acolhem sem alardes, pois não sabem que o tempo de afastamento não fora planejado, e isso evita comentários sobre o assunto. Sem que Alexandre saiba o real motivo, somente Andrews parece ansioso com o seu retorno.

— Olá, Alexandre, seja bem-vindo! Você faz falta neste laboratório.

— Bom dia, professor Andrews, eu também senti falta deste ambiente. Como estão as coisas por aqui?

— Tudo sem novidades. Com a sua volta, espero que as coisas mudem. Eu já estava ficando preocupado com o andamento do nosso trabalho. Na nossa última conversa, você ficou de elaborar um

relatório, mas acredito que fez um resumo de tudo que vem pesquisando, estou certo?

— Não entendi, professor. Os relatórios que entrego ao senhor têm uma descrição exata das minhas observações. Existe uma coisa específica que o senhor queira saber e eu não tenho apontado de forma clara? — pergunta, tentando entender as expressões do chefe.

— Estou brincando com você, Alexandre — replica Andrews, procurando desviar o foco daquela conversa. — Você pode retomar seu trabalho, e se houver qualquer novidade, conversaremos, pode ser assim?

Alexandre sente algo estranho naquele diálogo, mas procura demonstrar naturalidade. Em seguida, o celular de Andrews vibra e, ao olhar o visor, ele demonstra certo nervosismo e pede licença para se retirar. Num ambiente reservado, sem a possibilidade de que qualquer pessoa ouça a sua conversa, ele atende.

— Oi! O que você quer comigo a essa hora?

— O que eu quero de você? Ah! Não me faça rir. Você está brincando ou ironizando uma situação tão séria? — objeta a voz do outro lado.

— Nem uma coisa nem outra. Só preciso que você se limite a ligar no horário combinado, só isso.

— Quem costuma romper acordos é você, por isso eu tomo a liberdade de ligar a hora que eu bem entender. E, para não perder tempo, quero deixar claro uma coisa. Você deve seguir todos os passos desse rapaz. Estamos com todo o trabalho sujo e o seu dever é apenas nos passar informações, mas parece que nem isso você é capaz de fazer com eficiência. Liberamos esse rapaz e conseguimos abafar qualquer repercussão na imprensa com relação ao seu desaparecimento. Agora é responsabilidade sua manter o controle de cada passo dele. Ele sabe da existência das sereias, teve contato com uma e queremos que nos dê o paradeiro delas.

— Alexandre é uma pessoa muito reservada e não vai adiantar vocês me pressionarem. Estou fazendo o possível para ter novidades, mas preciso que tenham paciência.

— Não temos mais paciência, Andrews, queremos resultados. Este assunto vem se esticando por muito tempo. Naquela manhã,

uma sereia foi vista na companhia desse rapaz. Já temos provas suficientes da existência desses seres e a nossa ambição é dominar as profundezas do mar. Só nos falta achar seu esconderijo.

— Vocês estão perdendo a coerência. Dominar o mar para quê? Sabemos agora, que as sereias são seres vivos e por isso precisamos preservá-las.

— Parabéns, Andrews! Estou sensibilizado com o seu discurso — rebate o homem ironicamente. — Mas um de nós dois está com alguma crise de amnésia. Quem de nós decidiu passar amigos para trás para roubar informações e conquistar fama e dinheiro? Agora o senhor resolveu mudar de lado.

— O relacionamento com você me fez enxergar que a ganância só gera problemas e não faz bem nenhum para a humanidade.

— Se eu estivesse no circo, certamente, aplaudiria a sua piadinha, mas estamos falando da vida real, de interesses e de envolvimento que não voltam. Se você está arrependido, o problema é único e exclusivamente seu. Então, agora, se mexa.

— E se eu me recusar a obedecer às suas ordens?

— Se eu fosse você, não pagaria para ver. — Logo após essa frase, um silêncio absoluto fez Andrews perder a noção do tempo e do espaço, o que foi interrompido apenas com a chegada de Alexandre.

Àquela altura, Andrews não sabe mais o que fazer. Está arrependido por ter se metido nesse negócio, mas não via meios de voltar atrás. Precisava se manter calmo para resolver aquela questão que, no fundo, não via nada de promissor para si mesmo. Além disso, sabia que a vida de Alexandre está ameaçada e começava a ter remorsos.

— Algum problema, professor? — pergunta Alexandre.

— Não. Nenhum problema, rapaz — responde, tentando dar um tom natural à sua voz. — Vamos ao trabalho. Temos muito a fazer.

Alexandre percebe que Andrews está realmente envolvido com os últimos acontecimentos na sua vida, mas, sem provas, mantém seu ritmo de trabalho

Enquanto procura levar a sua vida da forma mais normal possível, Alexandre não consegue parar de pensar no seu primeiro encontro com Pandora. Quanto mais relembra aquela circunstância,

mais vontade sente de se aproximar, de reencontrá-la e de poder dizer muitas coisas. Está perdidamente apaixonado por uma sereia.

O tempo passa e Andrews apresenta um comportamento distante e apático. Nas últimas semanas, havia se afastado do trabalho por recomendação médica por duas ocasiões, e Alexandre aproveita a oportunidade para planejar navegar em alto-mar, na tentativa de reencontrar Pandora.

No decorrer do mês, desde o primeiro encontro, evitava fazer qualquer tentativa de aproximação. Temia que alguém o seguisse e que, se por ventura, Pandora tentasse contato, ela pudesse ser capturada. Durante esse tempo, trabalhava minuciosamente em uma estratégia para seguir em alto-mar sem risco de ser surpreendido. Observava que seus passos são vigiados e até no laboratório percebia que seus registros eram constantemente rastreados. Desconfiava de tudo e de todos.

— Não posso mais viver nessa inércia — pensa Alexandre, enquanto segue na estrada, rumo à sua casa. — Eu preciso reencontrar Pandora. Até que ponto o nosso primeiro encontro foi importante para ela? Será que a perseguição dos homens pode tê-la assustado e desistido de me encontrar? — Estas e muitas outras questões cercavam os pensamentos de Alexandre. Ele anseia por esse final de semana e por um novo encontro.

Ao chegar à casa do pai, aonde ia somente aos finais de semana, ele começa a se preparar para colocar um plano em prática. Durante todo o percurso, observa atentamente se alguém o segue. Também, na região, toma cuidado para não ser surpreendido. Ao amanhecer, ele coloca uma roupa confortável, com touca de lã e cachecol para esconder o rosto, pega a mochila e segue até a marina, entra no seu barco e segue para alto-mar.

A noite fria parece ter ficado mais longa. Os primeiros raios de sol custam a sair. Mesmo assim, ele organiza os apetrechos e decide colocar o som desconhecido no mar. A espera é longa, mas surgem alguns golfinhos que circulam a embarcação como se estivessem

reconhecendo a origem do som. Nas profundezas do mar, Pandora é avisada por seus amigos sobre Alexandre.

Sem pensar em nada, ela segue os amigos ao encontro daquele homem. Pandora age rápido e as outras sereias nem se dão conta do seu distanciamento. Pensa na hipótese de desagradar a seu pai, mas o anseio de ver Alexandre é mais forte.

Assim como os golfinhos, as sereias têm uma habilidade incrível e nadam quilômetros em um tempo curto. De longe, Pandora vê a embarcação indicada por seus amigos. Para atrair a atenção de Alexandre, ela pede que os golfinhos façam manobras no ar, para que ela possa saltar com eles e, ao mesmo tempo, verificar a existência de qualquer perigo.

— Ei, Pandora, eu vi você! Apareça, não corremos riscos. Eu preciso falar com você — chama Alexandre, desesperadamente, enquanto acena os braços. Com a agitação dos golfinhos, o som da sua voz parece sumir no horizonte.

— Estou aqui. Não precisa gritar tanto — replica Pandora, do lado contrário de onde ele olhava para encontrá-la. Ao ouvir sua voz, vai rapidamente ao seu encontro e a ajuda a subir no barco. A essa altura, o dia já está claro.

— Que bom encontrar você. Tive tanto medo de não vê-la mais. Tive receio que aqueles homens a ferissem ou que nunca mais pudéssemos nos encontrar — enquanto fala, Alexandre abraça Pandora como se quisesse testificar que não estava vivendo um sonho.

— Eu também fiquei muito preocupada com você. Durante todo esse tempo, convivi com a dúvida. Eu não fazia ideia do que aqueles homens seriam capazes de fazer. Temi por sua vida.

— Durante esse tempo eu evitei procurá-la. Tive receio de que, por meu intermédio, eles chegassem até você, mas durante todo esse tempo eu não parei de pensar em nós dois.

— Nós dois? Então você pensou em nós dois? Alexandre, eu tenho pensado nisso há muito tempo. Ansiava por esse momento. Quero saber mais de você e contar mais de mim.... — Inesperadamente, ele a interrompe com um beijo ardente. Seus corpos estremecem.

— Pandora, depois daquela noite que passamos no barco, algo diferente aconteceu. A existência de sereias era algo inconcebível para mim até que eu a encontrei.... Ou você me achou — fala, num misto de admiração e encanto.

— Você não precisa explicar. Os humanos sempre querem elucidação para tudo. As sereias percebem as coisas com o sentir.... É importante deixar o coração falar, a intuição nos guiar.... Quando permitimos que isso aconteça, a vida nos leva para lugares mais seguros...

— Eu não sei se é tão seguro assim você seguir o seu coração para me encontrar — responde Alexandre.

— Neste momento, o mais importante é estar aqui. Viver o instante, aproveitar a sua presença, ouvir a sua voz, olhar nos seus olhos...

— Você tem razão. Muitas vezes eu me pego pensando em tantas barreiras, em padrões, em contextos sociais que até esqueço qual é a minha verdadeira essência.

— A sua essência está aqui — fala Pandora, apontando para o coração de Alexandre.

— Eu não sei quanto tempo teremos para conversar, mas quero que saiba que este momento é muito importante para mim.

— Então, já que não sabemos o que nos aguarda no futuro, vamos viver o agora. — Ao dizer isso, ela se aproxima do rosto de Alexandre e o beija demoradamente. Após a emoção dos primeiros momentos, os dois se recolhem num canto do barco e iniciam uma agradável conversa.

Alexandre e Pandora parecem se conhecer há muito tempo e não se constrangem em abrir o coração e expor sentimentos. Eles trocam confidências e nem sentem o tempo passar. Já é início da tarde quando Pandora avisa que precisa ir.

— Por mim, eu ficaria ao seu lado a minha vida inteira, mas preciso voltar. Minha família já deve estar à minha procura e eu não quero desapontar meu pai.

— Gostaria de conhecer a sua família, o seu pai, as sereias que convivem com você.

— Se você tivesse a opção, viria viver comigo nas profundezas do mar?

— Sinceramente!? Se eu pudesse, iria com você agora mesmo. Não hesitaria nesta escolha.

Ao falar isso, ele a toma nos braços e trocam intensas carícias. Pandora é tocada de uma forma que nunca havia permitido antes, e Alexandre é correspondido com a mesma intensidade. Algo mágico acontece naquele barco. Duas vidas se unem e se entregam ao amor.

— As nossas vidas agora são uma só. Para as sereias, quando um se entrega ao outro, tornam-se responsáveis pela felicidade do ser amado. E eu quero fazê-lo feliz, mas agora eu preciso ir.

— Mas quando vamos nos ver novamente?

— Eu não sei dizer isso agora, mas vamos arrumar um jeito.

— Com os recursos que temos na Era da Comunicação, para os humanos, bastaria pegar o número do celular ou qualquer outro contato em redes sociais e tudo estaria resolvido — explana Alexandre, procurando ganhar tempo. — Agora, você vai mergulhar nas profundezas desse mar... Isso tudo é uma loucura.

— Devemos viver o momento presente sem perder a tranquilidade. Eu ainda preciso aprender muito. Sou uma das mais inquietas do meu povo, mas vejo que estou muito além de você — responde com um sorriso apaixonado.

— É incrível imaginar que esse é o nosso segundo encontro e parece que já nos conhecemos há anos.

— Sinto a mesma coisa. Só que não posso mais ficar aqui. Preciso voltar.

Ao dizer isso, ela se posiciona e, como uma acrobata, se lança ao mar. Em silêncio, Alexandre observa o movimento das águas e percebe que um sentimento estranho invade o seu coração. Quer e precisa ter esperança no reencontro. Sua vontade é viver ao seu lado o resto da vida. Naquele momento, ele se dá conta de que sua vida tem um novo divisor: antes e depois de Pandora.

Os sonhos, perspectivas e anseios antes de conhecê-la perderam o sentido. Sente-se limitado a fazer planos. O Universo que se apresenta a ele é cheio de imensuráveis possibilidades, mas todas elas fora do seu controle racional. Isso o assusta e, ao mesmo tempo,

o fascina. Agora, com esse novo “adeus”, só lhe resta alimentar a esperança de um novo encontro.

A força da confiança e da cumplicidade

Conduzida por seus amigos golfinhos, Pandora avança para as profundezas do mar com uma velocidade incrível. Teme que sua ausência seja notada. Sabe o quanto seu pai é tolerante, mas ficaria muito zangado com a sua desobediência.

Ao avistar a gruta harmoniosamente decorada com corais coloridos e pedras semipreciosas, ela desacelera o ritmo e procura seguir descontraidamente, como se estivesse distraída com as brincadeiras de seus amigos.

— Pandora! Pandora, onde você estava? — chama a atenção da jovem uma das sereias mais velhas da comunidade.

— Eu?! Eu estava brincando com os golfinhos — retruca, ainda um pouco trêmula.

— Ora, ora, ora, Pandora, brincando com os golfinhos?! Quer me enganar? Está no seu rosto que isso é mentira. Sei muito bem onde e com quem você estava.

— Como assim? Não estou entendendo.

— Você não está entendendo. Oh! Minha princesa inocente e lindamente apaixonada, vem comigo, porque precisamos conversar.

— Você pode adiantar qual é o assunto? Eu pretendia fazer outra coisa agora — responde, tentando evitar a misteriosa conversa.

— No seu lugar, eu não retrucaria. Quero conversar com você sobre algo que é estritamente da sua utilidade.

Pandora fica intrigada e muito curiosa. A sereia não parecia brava. Ao contrário, demonstrava estar animada e deixava dicas bem direcionadas sobre o assunto.

— Está bem. Já que a senhora insiste, vamos conversar. Estou pronta.

— Não precisa ficar com receio da nossa conversa, Pandora. Nem omitir o seu paradeiro nas últimas horas. Eu sei onde você estava e seu pai também sabe. Você é muito especial para nós e as suas aflições e aspirações também são nossas.

— Sobre o que a senhora está falando, não estou entendendo?
— fala Pandora, buscando entender qual seria o rumo daquela conversa. Até então, imaginava que ninguém soubesse do seu paradeiro.

— Deixe de fazer esforços desnecessários, Pandora. Nos últimos tempos, temos observado você atentamente. Desde o episódio em que você se feriu e foi encontrada desacordada, a nossa atenção tem sido redobrada, não para vigiá-la, mas para saber o grau da sua maturidade.

— Como assim? Eu já não sou criança e não preciso ser vigiada.

— Sim. Isso mesmo, minha princesa. Você não é mais criança e é por isso que estou aqui para ter essa conversa com você. Digamos que é um bate-papo de sereia para sereia. Depois, dependendo do que falarmos, o próprio Rei falará pessoalmente com você.

— A senhora está deixando-me curiosa. Então vamos começar logo essa conversa — responde Pandora, com um sorriso mais descontraído. Até aquele momento, permanecia na defensiva. Como desacatara a ordem de seu pai e permanecera muito tempo fora, em companhia de um humano, podia apostar que levaria uma bronca, mas já conseguia perceber que aquele momento poderia ser muito especial para ela.

— Quando você era ainda bebezinha, uma fatalidade tirou a sua mãe do nosso meio, e com isso todas as sereias se consideram responsáveis por você. A sua integridade física, a sua felicidade, as suas emoções.... Amamos você e desejamos vê-la sempre feliz.

— Sim! Eu me sinto realmente muito segura e amada, por meu pai e por todos vocês.

— Por isso, irei direto ao assunto. Quero saber quais são os seus reais sentimentos por aquele humano.

— Desde muito pequena, eu aprendi com vocês e meu pai que a mentira é algo abominável, mas receio que, ao contar a verdade, eu os desaponte.

— Minha princesa, a verdade é sempre o melhor caminho. As mentiras são atalhos que atrasam a nossa vida, geram desconfiança

e turbulências nos relacionamentos, então, seja qual for a verdade, ela é sempre melhor.

— Confio na senhora e realmente preciso falar com alguém sobre isso. Eu nunca senti nada parecido. Sinto tesão em saber dele, cuidar, fazê-lo feliz... e as nossas diferenças me angustiam. Por outro lado, no meu íntimo, sinto que não vou mais perdê-lo. É estranho isso. Eu não consigo explicar, mas existe em mim a convicção de que fomos feitos um para o outro. Como pode ser? Eu não entendo.

— Isso se chama amor, Pandora. Quando amamos, queremos fazer o outro feliz. Por amor somos capazes de fazer loucuras. Por amor, desejamos o bem e doamos o melhor de nós para o outro. É a grande riqueza da vida. É o que a movimenta.

— Mas o que devemos fazer quando o amor invade o coração, a vontade é permanecer perto e as diferenças não permitem?

— Mesmo assim você deve cultivar o amor. Ele deve ser doado para todos os seres que nos rodeiam, sem interesses ou discriminações, entende?

— Eu entendo, mas agora, neste momento, eu quero saber o que fazer com o amor que invade o meu coração, se entre mim e aquele a quem desejo me doar existe um universo de diferenças.

— Você saberá. No momento certo, saberá. O mais importante, agora, é se manter paciente. Nós a observamos nos últimos meses e notamos muitas mudanças no seu comportamento. Mudanças que não são nem boas nem ruins, mas precisam ser bem conduzidas. O fato é que seus olhos e coração estão voltados para uma espécie diferente da nossa, e isso nos preocupa.

— Isso também me preocupa. Tenho aprendido o quanto é delicado o relacionamento de sereias com os humanos. Em geral, nossa espécie sofre sérias consequências, mas Alexandre é diferente. Ele é uma pessoa sensível, que se importa com o sentimento e bem-estar do outro. Sinto que ele também tem uma afeição forte por mim. Na ocasião em que nos conhecemos, ele poderia ter se aproveitado da minha vulnerabilidade e me colocado à mercê daqueles homens, mas não. Ele me protegeu e hoje fiquei sabendo quanto sofrimento ele passou para não revelar a minha existência. Isso também é amor, não é?

— Sim. Isso é amor, Pandora. Um amor puro.

— Agora, tenho uma curiosidade grande. Não existe, em nosso meio, nenhuma história de amor entre ser humano e sereia? Não é possível que por toda a nossa existência isso nunca tenha acontecido. O que sinto por Alexandre é muito forte e não seria possível se não houvesse nenhuma ligação mais intensa e profunda entre as espécies.

Ao dizer isso, Pandora percebe a aproximação de Nereu. Seu pai já acompanhava a conversa há algum tempo e, sem sinuosidades, se dirige à filha.

— Minha filha, você é realmente uma princesa encantadora e muito inteligente. Escutei a sua conversa e confesso que ainda não tinha percebido que você cresceu. Mas você sempre será a minha doce e pequena sereia.

— Desculpe-me, não o vi chegar — fala desconfiada.

— Não precisa se desculpar, minha filha. E também não precisa ficar com receio do que eu possa ter escutado. Existem coisas entre a terra e o mar que ainda não conhece e decidimos revelar a você algumas delas. A mais importante é começar a separar o homem do seu comportamento. Jamais devemos considerar que todos os humanos são degradadores de espécies. Isto não é verdade.

— Mas desde pequena eu ouço dizer que não podemos nos aproximar dos humanos, porque são perigosos e malvados.

— Para não colocar nossa espécie em risco é melhor que todas as crianças entendam desta forma e sejam precavidas, mas assim como estamos colocando para você agora, há exceções.

— Então posso considerar que Alexandre é uma exceção?

— Sim! Você pode considerar desta forma.

— Por que ele tem este privilégio? Quais os motivos que levam o senhor a acreditar que ele não é um humano perverso, se nem ao menos o conhece?

— Você é muito observadora — responde o pai, conduzindo a filha pelo braço para um lugar mais afastado. — Cada sereia tem o seu tempo para certas descobertas, mas você é prematura em quase tudo, minha filha. Todos os membros da nossa comunidade são acompanhados de uma forma bem próxima e, conforme observamos

as curiosidades e os avanços, nós cuidamos em passar informações que ajudarão no desenvolvimento de cada um. Você parece-me apressadinha em tudo — comenta num tom descontraído.

— Devo entender isso como um elogio ou algo para me preocupar? — pergunta Pandora, buscando nos olhos do pai uma resposta.

— Você é demais, Pandora. Sabe direitinho como buscar as respostas sem dar voltas. Gosto muito disso. Agora, vamos ao que realmente viemos fazer aqui. Estamos diante dessa gruta e, hoje, você terá acesso a muitas informações importantes, mas preciso, desde já, que faça um pacto comigo. Após sairmos deste lugar, você não deve falar nada do que viu e sobre o que conversamos com mais ninguém. Podemos combinar assim?

— Nossa! Quanto mistério. Fico até com receio de entrar nesse lugar — disse ao pai, já arrastando o rei para o interior da caverna. No centro daquele ambiente, até então desconhecido, Pandora fica boquiaberta com o número de registros desenhados nas pedras e solta um suspiro de admiração. Seu pai a observa e espera que ela faça um reconhecimento da área. Não demora muito para que a doce sereia verbalize os seus pensamentos.

— Nossa! Que lugar é este? Como eu não cheguei até aqui antes? Isto é fascinante e, ao mesmo tempo, gera algo estranho no meu coração. Por que o senhor me trouxe aqui?

— Qual era o assunto que você discutia com a nossa guardiã antes que eu chegasse?

— Ora, não importa. Ela explicava algumas coisas que eu preciso saber — responde desconfiada, tentando desviar a atenção do pai. Teme aborrecer o rei com algo que para ela era muito importante.

— Minha filha, o assunto que você tratava com a guardiã também é do meu interesse. Tudo que diz respeito a você me interessa e este lugar também está relacionado aos últimos acontecimentos da sua vida.

— O que o senhor quer dizer? Não entendo aonde quer chegar.

— Quero chegar ao mais íntimo do seu coração, Pandora. Você é uma preciosidade para mim e me preocupo com você. Tenho observado seu comportamento e notado o quanto você anda

pensativa e triste. Sei também que, depois de muito tempo, você voltou a encontrar aquele humano. Não se assuste. Não estou aqui para repreendê-la. Pelo contrário. Quero ajudá-la a entender seus sentimentos e, juntos, tomarmos uma importante decisão.

Ao escutar o pai, Pandora explode num choro compulsivo. Até então, procurava se mostrar despreocupada, sem anseios, mas, naquele momento, descobre o quanto está realmente angustiada. Ama Alexandre e deseja viver este amor, mas não enxerga nenhuma possibilidade de concretizar sua aspiração. Também se sente amada e respeitada ao seu lado, mas uma série de interrogações invadem sua mente e a falta de respostas sufocam o coração.

— Eu não consigo mais esconder o que realmente sinto. Certamente, o senhor me conhece o suficiente para saber o quanto sofro. Venho tentando agir naturalmente, mas, na verdade, não há um só dia que eu deixe de pensar na possibilidade de viver com o Alexandre. Não me pergunte o que está acontecendo, porque eu não sei explicar. Nem sei descrever este sentimento, só consigo senti-lo dentro de mim, como se algo vivo pulsasse no meu coração, e alimentar a esperança de tornar a vê-lo é o que me faz respirar. Como posso conviver com isso? Eu já não sei o que fazer. É algo intenso e muito verdadeiro dentro de mim.

— O que você sente por esse humano se chama amor. É o sentimento mais nobre que pode existir no planeta. Por amor, somos capazes de fazer coisas impossíveis. Sua mãe fez despertar isso em mim e, depois que ela partiu, nunca mais consegui sentir nada parecido. Amei sua mãe e, com ela, descobri que o amor pode romper barreiras.

— É bom acreditar nisso, mas será possível romper barreiras entre uma sereia e um humano? O amor entre a mamãe e o senhor pôde ser vivido, vocês eram da mesma espécie, mas o que eu posso esperar do amor de uma sereia por um humano? Como viver isso? Por mais que eu acredite em possibilidades, não vejo saída para a minha situação.

— Para tudo existe uma saída, Pandora, e por isso eu trouxe você a este lugar. Existem muitas coisas que você ainda não conhece e, talvez, o que eu vou expor hoje pode dar outro rumo à sua vida.

— Isso tem a ver com Alexandre?

— A ansiedade impede que você tenha as respostas, Pandora. Procure se acalmar e preste atenção no que tenho para dizer. Depois que eu falar, você pode perguntar o que quiser, mas, primeiro, me ouça. Você está em um lugar secreto. Temos preservado essa gruta há centenas de anos. Sua história vem sendo passada de geração em geração, mas muitos da nossa própria comunidade não sabem da existência deste local. Aqui é o nosso canto sagrado. Nossos ancestrais concentraram muitos registros, e o que você vê gravado nas paredes desta gruta vai fazê-la compreender a história da nossa espécie, aliás, muito mais que isso.

— Nossa, ao mesmo tempo em que este mistério fascina, também assusta. Não estou entendendo as razões que fizeram o senhor me trazer até aqui. Eu preciso que seja mais claro comigo. O que o senhor quer com tudo isso?

— Realmente é fascinante, mas não precisa ficar assustada. Agora é membro de um grupo bastante seletivo. Aliás, na história das sereias, você é a mais nova a ter acesso às informações que vou passar hoje. Por isso, insisto no acordo de silêncio sobre este lugar. Minha querida, já faz algum tempo que você tem conhecimento que os humanos são descendentes das sereias. Cada desenho aqui retrata como isso aconteceu. Há milhões de anos, tudo neste planeta era coberto por água, e os seres marinhos viviam em perfeita harmonia, até que um dia, devido à curiosidade de sereias como você, alguns membros decidiram, por conta própria, explorar os espaços terrestres e gostaram da experiência. Assim, começaram a desenvolver competências e habilidades diferentes das que tinham no mar e se deixaram seduzir pela terra.

— Eu sabia disso, mas não tinha pensado sobre o que realmente significava, muito menos de que forma poderia interferir em nossa vida hoje.

— Isso não é só com você, Pandora. As poucas sereias que tiveram acesso a essas informações também não imaginavam como o processo foi desenvolvido. Apesar da curiosidade, se limitam à ideia de que humanos têm, em sua genética primária, o DNA híbrido.

Pacientemente, seu pai passa horas explicando para Pandora o significado de cada gravura. O que à primeira vista parece um monte de desenhos sem conexão, é decifrado numa ordem histórica que não deixa dúvidas sobre a evolução da espécie marinha.

— Para uma sereia viver em terra é necessária uma adaptação delicada. De alguns séculos para cá, algumas sereias tiveram a curiosidade e o desejo de viver longe do mar. O comportamento humano tem assustado e afastado essa possibilidade. É por esse motivo que aperfeiçoamos a habilidade de criar esconderijos que não permitam o acesso à nossa espécie. Hoje, entre os humanos, existem muitas lendas a nosso respeito, como afirmações de que nossa espécie é perigosa, capaz de enfeitiçar pessoas e, pior, que nós atraímos os humanos para a morte.

— É incrível imaginar que os seres humanos, que são uma evolução da nossa espécie, nos enxerguem de uma forma tão distante da realidade.

Enquanto Pandora escuta as revelações do pai, sua mente procura entender de que forma tudo aquilo poderia ligar sua vida à de Alexandre. Todas as informações são curiosas e interessantes, apesar disso, sua mente não consegue desviar daquele humano.

— Os humanos contam que as sereias são malvadas simplesmente porque deixamos nos levar por sentimentos e instintos. O que, do nosso ponto de vista, é um ato de amor, para eles é uma forma selvagem de vida.

— Eu tenho que fazer uma pergunta que para mim é muito importante. Me perdoe se com isso eu o ofenda, mas não posso mais esconder do senhor algo que jamais senti antes — ao dizer isso, Pandora olha profundamente nos olhos do pai. Tem receio do que poderia escutar, mas o carinho e a atenção do rei a encorajam.

— Vamos lá, minha filha. Já dei provas de que confio em você. Como pai, estou aqui para ajudá-la a tomar as decisões certas e estimulá-la a realizar seus sonhos e suas aspirações. A vida é movida a sonhos e nada é impossível quando realmente desejamos algo.

Com isso, Nereu pretende facilitar as coisas para a filha. Ele havia percebido a paixão dela por Alexandre e sabe que aquele sentimento não é algo passageiro. Há entre os dois um ligação muito

além da curiosidade. As reações e comportamentos da filha, após o primeiro encontro, denunciavam que algo arrebatador acontecera entre eles.

— Se hoje eu desejasse viver com um humano, isto seria possível?

— Boa pergunta, minha filha. Gosto da sua forma direta de questionar. Isto facilita as coisas e deixa claro quais são os seus verdadeiros desejos. Como já disse, nos últimos séculos, poucas sereias tiveram a curiosidade e a vontade de experimentar a vida fora do ambiente marinho, porque as atitudes dos seres humanos têm sido destruidoras. O respeito pela vida tem sido quase zero. Talvez, por ganância, arrogância ou simplesmente por uma competição insana, a vida da nossa espécie tem sido banalizada. Parece ter ocorrido uma espécie de mutação genética desorganizada, que tornou alguns descendentes frios e maldosos.

— O senhor disse “alguns descendentes”, então isso quer dizer que, apesar de tudo, ainda existem seres humanos que preservam a vida, o respeito ao próximo e às espécies?

— Isso mesmo, Pandora.

— Então, chegamos ao ponto que realmente nos trouxe até aqui. Alguns humanos mantêm, em seu DNA, genes primários da composição física e neurológica das sereias. Cientificamente, eles não têm conhecimento disso, mas possuem atração especial pela vida marinha. Os humanos tratam isso como aptidão, porém, entendemos que é um instinto primário que se sobressai. Por isso a atração entre vocês foi tão forte. Não é acaso. Há uma ligação forte entre vocês.

— E como pode saber tudo isso?

— Assim como os humanos buscam informações sobre a nossa espécie, existem, entre nós, estudiosos sobre o desenvolvimento e a evolução das sereias. Também observamos os humanos e sabemos distinguir aqueles que mantêm suas origens dos que perderam os instintos primitivos.

— Eu nunca imaginei essas possibilidades. Achei que já sabia muitas coisas, mas acabo de constatar que tenho muito a aprender. Agora, pelo que eu entendi, ainda hoje, tanto sereias como humanos

podem optar pelo seu habitat natural? É isso mesmo ou não entendi nada?

— É isso mesmo, porém os humanos têm tornado essa possibilidade cada vez mais distante. As sereias têm muito mais facilidade de adaptação fora das profundezas do mar, por outro lado, os humanos, que mantêm a genética híbrida desenvolvida, podem voltar às suas origens com uma adaptação incrível, principalmente quando são impulsionados por forte pressão e estresse.

— Um ser humano pode viver como sereia no fundo do mar? Então viver com Alexandre não é impossível? É isso mesmo?

— Sereia esperta, você. Entende agora por que este lugar e todas as informações devem ser mantidos em sigilo? Alguns seres humanos, com genética híbrida preservada, não conseguiram viver na terra e optaram por voltar para o mar. Eles permanecem em nosso meio sem que muitos da nossa espécie consigam distingui-los.

— Uau! Isto é demais. Eu preciso contar para Alexandre. Eu preciso encontrá-lo novamente. Como eu posso fazer isto?

— Calma, Pandora, pode acalmar os seus ânimos. Se lembra de que fizemos um acordo de silêncio? Nenhum humano deve ser influenciado a voltar à vida no mar. Quando isso acontece, ele age por instinto. Optar por viver na terra ou no mar não é uma decisão racional. Sua genética primária é que o impulsiona.

— Mas ele nem sabia da existência da nossa espécie, então como poderá tomar esta decisão sem pensar a respeito?

— Alexandre tem ações e reações que nem mesmo ele entende, mas no momento certo saberá o que fazer. Na vida, o que mais importa é que sejamos felizes e vivamos prazerosamente dia a dia. O homem tem desaprendido isso, mas como sereias conseguimos preservar a essência do amor.

— Preciso pensar com calma a respeito de tudo isto. É tudo muito novo para mim. Teremos a oportunidade de voltar a este lugar e conversar mais a respeito?

— O tempo vai nos mostrar se é necessário ou não. Por enquanto, reflita sobre tudo que falamos e siga os seus instintos. Isso é que tem nos preservado da extinção. Somos uma raça forte e temos

resistido às ameaças justamente porque deixamos o instinto falar mais alto.

— Obrigada por confiar em mim, pai. Vou pensar sobre tudo isso e prestar mais atenção aos meus instintos. Só tem uma coisa, eu não sei se já tenho habilidade para escutá-los. Quando me dou conta, já estou inteiramente envolvida com coisas que nem passaram pela minha cabeça.

— Isso é instinto, minha filha — responde Nereu, com uma descontraída gargalhada. — Agora vamos aproveitar os prazeres que este mar inteiro tem a nos oferecer.

Ao dizer isso, os dois saem da gruta e retornam ao convívio da comunidade. Pandora deseja rever Alexandre, mas está convencida de que não deve se precipitar. Decide viver um dia de cada vez, tentando não permitir que a ansiedade atrapalhe seu destino.

O destino sob uma nova perspectiva

A vida de Alexandre passa por vários processos. Mudou ainda mais após conhecer Pandora, e tudo passa a ter novo sentido após o segundo encontro com aquele ser metade mulher, metade peixe. Sua rotina é mantida sem grandes alterações, mas as expectativas são tão diferentes, que nem ele mesmo consegue decifrar. No laboratório, o reconhecimento profissional evolui. Em muito pouco tempo, Alexandre apresentou respostas importantes em pesquisas que ajudariam no desenvolvimento da humanidade.

Secretamente, mantinha determinadas linhas de pesquisas sobre a vida das sereias, mas se comportava discreto e reservado sobre o assunto. Temia despertar a atenção de pessoas não confiáveis. Passadas umas semanas do misterioso sequestro, ele apenas suspeitava intuitivamente quem poderia estar envolvido.

O afastamento do professor Andrews, devido intenso esgotamento emocional, conforme diagnosticaram os médicos, coincide com certa tranquilidade sobre o andamento do seu trabalho, que agora é desempenhado com mais liberdade. Está disposto a defender o universo de Pandora com todas as suas forças. O que conhece dela é suficiente para a tomada da decisão. Ama aquela sereia e sente uma identificação inexplicável com ela. Não fazia ideia de quando a veria outra vez, mas aguardava este dia com muita expectativa.

Alexandre seguia regularmente para seu refúgio, afastado da rotina habitual, pegava seu barco e navegava, sem rumo, em alto-mar, na esperança de reencontrar Pandora. Fez isso muitas vezes, sem obter sucesso, até que decidiu fazer algo diferente. Preparou equipamentos de mergulho e, próximo ao local onde encontrou Pandora na segunda vez, investe em uma aventura solitária rumo às profundezas do mar. No seu racional, isso parece um absurdo, mas no seu coração, algo indica que, desta forma, poderia mostrar, com atitudes, o quanto deseja manter contato com ela.

Não demora muito e surgem alguns amistosos golfinhos que o cercam. Parecem dar as boas-vindas e Alexandre se sente confortável com aquela situação. Levado por impulso, abraça um dos golfinhos e, inesperadamente, é levado por entre jardins de corais. As cores e formas das plantas marinhas geram deslumbre e fascínio, um verdadeiro espetáculo da natureza. Como se tudo aquilo não bastasse, quando menos espera, vê Pandora, que se aproxima com graça e leveza. A emoção é indescritível. Os golfinhos se afastam e os dois amantes podem se abraçar com intensidade. Com os olhares mantêm a comunicação. Não precisam de palavras para expor seus sentimentos. Como uma criança feliz, Pandora segura forte a mão de Alexandre e o conduz num inusitado passeio ao inexplorado jardim oceânico.

Eles transitam livremente por entre peixes, rochas e montanhas, que parecem verdadeiras obras de arte. Tudo é incrível e fantástico. Como uma anfitriã atenciosa, Pandora apresenta as profundezas do mar sob uma nova perspectiva.

Sem que outras sereias percebam a passagem do inusitado casal, Pandora aponta um grupo de hominídeos concentrado em uma atividade. São dezenas deles, organizados de forma bem estruturada, e cada integrante desempenha uma função. Alexandre vê uma colônia de sereias inteligente e civilizada.

Rapidamente, ele observa que as sereias formam um tipo de sociedade em que os seres vivem de forma complexa e se caracterizam pela valorização e respeito das gerações, cuidado cooperativo com a prole e divisão de tarefas de acordo com as habilidades de cada um.

Na comunidade das sereias, Pandora é uma das responsáveis pela pesca. Além das algas, corais e anêmonas, as sereias se alimentam de ostras, cavalos-marinhos, peixes, crustáceos, lulas e sardinhas. Com os amigos golfinhos, Pandora ama sair para a pesca e assume a sua responsabilidade com alegria e muito divertimento.

Ela fica admirada com o deslumbre de Alexandre. Como se o chamasse à realidade, ela toca em seu braço e, orientada por seus instintos, o conduz ao lugar secreto que seu pai havia apresentado. Ela lembra claramente as orientações dele... “Você não deve contar

sobre este lugar para ninguém, a menos que seu instinto a direcione para isso.”

Ao entrar naquela gruta, Alexandre percebe que está em um lugar repleto de registros históricos, com desenhos de ancestrais de sereias e algo que o remete a uma árvore genealógica. Guiado pela curiosidade, ele observa cada registro, enquanto Pandora permanece quieta ao seu lado. Ficam assim até que o nível de oxigênio de Alexandre dá sinal de alerta. Ele se assusta. Não tem noção de quantos metros está abaixo da superfície do mar.

Pandora percebe o olhar de Alexandre e o puxa pela mão. Com uma agilidade incrível, o conduz de volta pelo mesmo lugar que passaram e logo percebem a luz solar penetrando o mar. Em poucos minutos, estão perto da embarcação. Assim que pode, tira a máscara e fala para Pandora:

— Que maravilha reencontrar você e fazer este incrível passeio. Tive a impressão de que você estava me esperando.

— Eu o espero todos os dias e fiquei muito feliz por você ter decidido vir ao meu mundo.

— Fiquei maravilhado com a colônia de sereias naquele ritmo harmonioso de trabalho. Pelo pouco que pude observar, entendi que há um respeito pela atividade individual e a consciência de que o resultado é consequência dessa unidade.... Ah! Nem consigo explicar direito.

— Não tem muito o que explicar, Alexandre. As comunidades de sereias adotam o cooperativismo no desenvolvimento das atividades. Esta é a forma de manter presentes, em nosso meio, valores como a ajuda mútua, o compromisso de cada um com a atividade desenvolvida e a igualdade entre os indivíduos. Nas profundezas do mar, trabalhamos pelo desenvolvimento sustentável das comunidades, com a ajuda e aprovação dos membros. Não há disputa de poder, de títulos ou qualquer outra coisa do gênero.

— Isso é surreal. Entre os humanos existem excelentes iniciativas, mas as coisas que tenho conhecido nos últimos tempos superam tudo o que conheci na minha vida. E aquele outro lugar maravilhoso?

— É uma gruta secreta que eu conheci há pouco tempo. Meu pai me levou para aquele lugar e mostrou todos aqueles registros que você acabou de ver. Fizemos um pacto de silêncio e isto significa que eu não deveria revelar o segredo para ninguém, a menos que meu instinto me impulsionasse para isso. Quando o vi, não tive dúvidas de que deveria levá-lo para lá. Obedeci às sábias orientações de meu pai.

— Pandora, eu tive uma sensação estranha quando entrei naquele lugar. Não sei explicar ao certo, mas a impressão é que eu retornava para um ambiente que eu já conhecia. Ao olhar aqueles desenhos, era como se eu estivesse revendo um álbum de fotografia. Não me parecia nada novo, mas, ao mesmo tempo, eu não me lembro de ter visto nada parecido. Como posso elucidar isto?

— Alexandre, eu aprendi com meu pai que existem coisas para as quais, muitas vezes, não encontramos explicação. Nessas circunstâncias, é a voz da intuição que deve prevalecer. Isso implica dar espaço para o seu subconsciente. Eu não sei para onde tudo isso nos conduzirá, mas sinto que fiz o que era certo. Segundo meu pai, poucas sereias já tiveram acesso àquele lugar.

— Pandora, o que realmente significa tudo aquilo? Por favor, me explique.

— Olha, quando o vi, eu senti que deveria levá-lo para aquele lugar. Não sei explicar o motivo. Você deve entender por si só. Como será isso, eu não faço ideia, mas você encontrará as respostas. Agora, precisamos voltar.

— Espere. Fique mais um pouco. Quando nos despedimos não sabemos quando voltaremos a nos encontrar. Sinto a sua falta! Sinto prazer em estar com você, tocá-la, olhar nos seus olhos, conversar... Vivo cercado por muitas pessoas, mas nada é capaz de superar o prazer que sinto quando estou com você. Parece que nos entendemos com um simples olhar.... Acho que estou ficando mole demais — completa Alexandre, com um sorriso sem graça.

— É muito bom escutar isso de você. Sinto a mesma coisa. Talvez a única diferença seja o fato de eu poder compartilhar sentimentos com meu pai. Me sinto mais segura e confiante.

— O que a deixa confiante, Pandora? O que quer contar?

— Alexandre, eu preciso ir embora. É uma pena, mas hoje não podemos conversar muito neste lugar.... Sinto a vibração de sons e isso é muito perigoso para nós dois. Eu não quero colocar a nossa vida em risco. Vamos nos encontrar muito em breve.

— Como pode ter certeza disso?

— Este é o meu desejo, e acredito que tudo o que desejamos intensamente somos capazes de realizar — fala Pandora, com um sorriso sedutor.

— Eu também quero ficar sempre ao seu lado — responde Alexandre, olhando profundamente nos olhos de Pandora.

— Então vamos cuidar da nossa relação e deixar que o tempo nos dê respostas. Agora, eu preciso ir. Não podemos ficar mais tempo aqui... Nos vemos em breve.

Antes de Pandora mergulhar de volta às profundezas do mar, eles se abraçam. A adrenalina agita no corpo dos dois. A vontade deles é repetir o inesperado e intenso momento de amor que viveram no último encontro. Com a respiração já descompassada e ofegante, eles se beijam.... As mãos firmes de Alexandre percorrem o corpo de Pandora. Os dois se excitam e já não pensam no perigo iminente de serem surpreendidos. Um deseja com intensidade fazer parte do outro, sentir a pele, o calor dos corpos, e se entregam com os lábios grudados enquanto os corpos tremem até chegar ao ápice da paixão e da entrega. Em poucos minutos, Alexandre e Pandora vivem sentimentos e sensações indescritíveis.

De repente, Pandora arregala os olhos e, com o dedo em riste nos lábios, ela pede que Alexandre fique quieto...

— Agora preciso ir... O som que ouvia muito longe está se aproximando. Não podemos mais ficar aqui.... Ela pula rapidamente de volta ao mar e, minutos depois, Alexandre enxerga, ainda bem longe no horizonte, uma lancha que se aproxima em passo acelerado.

— Mais uma vez essa sereia me surpreende. Que capacidade auditiva incrível — fala baixinho, enquanto procura controlar o

nervosismo, organizando os equipamentos de mergulho na sua embarcação.

A lancha ocupada por dois homens chega bem perto e permanece circulando o barco, até que um dos ocupantes se dirige a Alexandre:

— Boa tarde. Tudo bem por aqui?

— Sem nenhum problema. Está tudo certo aqui. Vocês estão com alguma dificuldade?

— Estamos apenas numa averiguação nesta região e vimos o seu barco parado.

— Não se preocupem. Estou curtindo um pouco a tranquilidade em alto-mar.

— Está fazendo o passeio sozinho? É um navegante solitário?

— pergunta um dos tripulantes da lancha, procurando ampliar a visão para ver o interior do barco de Alexandre.

— Sou um navegante solitário, sim, e há algum problema nisso?

— As ondas sonoras que capturamos em alguns radares nos dizem o contrário. — Ao ouvir isso, Alexandre estremece. Rapidamente, associa o comentário daquele homem ao encontro dele com Pandora.

— Estamos com alguns estudos em andamento nesta região e observamos imagens interessantes de um mergulhador com uma espécie bem diferente. Ao captarmos os sinais, o encontramos aqui, e por isso nos aproximamos. Podemos fazer uma busca em seu barco?

— Fazer uma busca? Com a ordem de quem e por qual motivo? Assim como vocês dizem realizar pesquisas, eu venho fazendo o mesmo, mas com patentes de órgãos competentes e sem incomodar ninguém. Eu desconheço qualquer autorização para pesquisas autônomas nesta região. De qualquer forma, vocês podem ficar à vontade. Não há nada aqui que sirva de estudo.

— O rapazinho é bastante seguro e atrevido. — Quando ouve a voz do outro homem, Alexandre a reconhece.

Apesar de nunca ter visto o rosto dos sequestradores, ele reconheceria aquela voz cortante em qualquer ocasião. Está diante de um dos participantes daquele misterioso sequestro. Sente um calafrio

percorrer a sua espinha e, desta vez é de pavor, mas procura não demonstrar seus sentimentos.

— Não estou entendendo. O que está acontecendo?

— Alexandre, há alguns meses estamos acompanhando os seus passos. Temos curiosidade precisamente em uma espécie que permitiu contato com você. Seria bastante inteligente, da sua parte, revelar o que descobriu sobre as sereias até aqui...

— Sinceramente, não estou interessado em suas ameaças, ainda mais pelo fato de não ter ideia a que vocês se referem. Eu não sei quem são vocês, por que me perseguem e muito menos sobre sereias. Por favor, deixe-me sossegado e continuem as suas investigações ou pesquisas da forma que quiserem, mas longe de mim.

Sem nenhuma explicação, eles manobram a lancha e se distanciam. Quando se vê novamente sozinho, Alexandre desaba. Da sua testa escorre suor frio e suas pernas bambeiam. Não tem receio do que podem fazer com ele, mas teme que algum mal aconteça com Pandora. Certo de que ela estaria longe naquele momento, se sente aliviado. Organiza as suas coisas com rapidez e retorna para sua casa.

Caminhos paralelos

No hospital, com a saúde bastante debilitada, Andrews recebe a visita de dois homens muito bem vestidos e educados, que buscam, com médicos e enfermeiros, informações sobre seu estado de saúde. Apesar do comportamento amistoso, quando entram no quarto, a reação do paciente é de extremo nervosismo e sua expressão é de medo. Com dificuldade para falar, em virtude dos aparelhos que o auxiliam na respiração, os olhos arregalados e o corpo teso, ele emite sons estranhos e balança a cabeça de um lado para outro.

A enfermeira, que acompanha os visitantes, se aproxima do leito em passo acelerado e injeta uma dose intravenosa de calmante, para manter o paciente menos agitado. Depois se aproxima de um dos homens que, discretamente, coloca no seu bolso um maço de dólares. Com um sorriso circunspecto, ela inclina a cabeça e sai do quarto. Assim que a porta é fechada, eles chegam perto do homem deitado, indefeso, e iniciam uma conversa nada amistosa.

— Você está na reta final, Andrews, mas ainda tem chance de viver com dignidade o pouco tempo que lhe resta. Há anos investimos muito alto para mantê-lo como integrante da nossa organização, e devo reconhecer que, até certo tempo, o seu empenho foi elogiável. Com a sua intervenção, tivemos acesso a órgãos importantes, conquistamos espaço no campo da pesquisa e encaminhamos muitos estudos da forma que intencionávamos. Confiávamos no seu trabalho, mas, por algum motivo que ainda desconhecemos, o senhor decidiu bloquear informações importantes, nos impedindo de chegar ao nosso verdadeiro objetivo.

— Estou muito fraco e doente, será que vocês podem, ao menos, respeitar a minha condição? — Andrews fala com extrema dificuldade.

— Vamos deixá-lo descansar, sim. Você terá muito tempo para isso.... Podemos até apressar o seu descanso eterno. Isto é muito tranquilo para nós, mas antes você deve ter muitas coisas para nos contar.

— Não sei do que estão falando — responde, tossindo e com dificuldade para respirar.

— Chegaremos às informações que desejamos de qualquer forma, mas se você colaborar, todos nós ganhamos. Você termina seus dias de forma mais tranquila e fica livre de nossa presença. Este é um bom negócio para todas as partes, não acha?

— Por favor, abra o oxigênio — suplica o enfermo. — Não tenho nenhuma informação nova para passar.

— Sr. Andrews, então vou procurar refrescar a sua memória. O senhor passou para aquele rapazinho metido uma série de gravações do “Bloop”. Sabemos que ele avançou nas pesquisas e, no início, passou informações importantes para o senhor. Queremos saber por que você não nos comunicou esses avanços.

— Não tenho nada a pronunciar. Vocês estão enganados.

— O senhor perdeu a nossa confiança e o crédito. Estamos com informações importantes, que colhemos no seu laboratório e na sua residência. Percebo que seu problema de saúde tem afetado gravemente a sua memória, mas vamos ajudar a resgatá-la.

Ao dizer isso, o homem bem alinhado retira de uma pasta um calhamaço de anotações. Andrews logo reconhece o seu livro de apontamentos. Um diário, com informações secretas que ninguém mais sabia.

— Como vocês tiveram acesso a isso?

— Mesmo com tantos anos de convivência com a nossa organização, você ainda não aprendeu que sempre encontramos meios para atingir nossos objetivos. Nossos alvos são as sereias e aqui o senhor descreve tudo de que precisávamos. O que queremos saber, na verdade, é: quem mais teve acesso a essas informações?

— Elas são minhas informações e estavam no cofre da minha casa. O que vocês estão fazendo é um crime.

— Você quer que chamemos a polícia, Sr. Andrews? — pergunta, de forma irônica, o homem que detém a papelada nas mãos. — Posso, perfeitamente, cumprir o seu querer, mas garanto que, se você sair vivo daqui, vai direto para a cadeia. Quem mais sabe dessas informações? Aquele rapazinho desconfia de que você foi assessor do pai dele e traiu a sua confiança?

— Não diga isso. Vocês me forçaram a trair um amigo.

— Você não foi forçado a nada. Desde o início, sabia muito bem que nosso negócio era ter acesso às informações sobre as sereias e se fez amigo justamente para isso, já que o seu maior interesse sempre foi fama e dinheiro. Você conquistou isso e sentiu o sabor do poder. Por isso traiu seu amigo. Estamos numa guerra e, neste campo, o seu remorso não nos comove em nada.

— Alexandre não sabe de nada sobre o meu relacionamento com o seu pai. Ele também não tem acesso às informações que vocês roubaram, mas certamente fez descobertas importantes que também não revelou. Estou arrependido de tudo que fiz e não quero que nada de mal aconteça a esse menino.

— Agora é tarde para o seu arrependimento. Temos informações de que a Marinha tem avançado em investigações no fundo do mar e encontraram indícios da existência de sereias. Ao contrário do que prevíamos, eles chegaram a conclusões mais rápido do que nós sobre o “Bloop”, graças à sua incompetência. Já investigamos o seu cientistazinho e não encontramos vestígios de que ele esteja preocupado com esses sons. Consideramos estranha essa repentina falta de interesse, mas ainda não conseguimos resposta sobre isso. De qualquer forma, vamos apertar o cerco, e não nos responsabilizamos por quem entrar no nosso caminho. Homens da nossa confiança, infiltrados em importantes organizações, nos avisaram sobre um avanço específico no fundo do mar, e vamos nos aproveitar disso para alcançarmos nossos objetivos. Ainda não sabemos o dia, mas esta ação acontecerá muito em breve. E você, Andrews, já não nos interessa mais.

— Preservem a vida de Alexandre. Não façam com ele o mesmo que fizeram com seu pai. Naquela noite, eu acompanhei o sofrimento daquela criança e, apesar de nunca terem assumido, nada tira da minha cabeça que vocês foram os responsáveis pelo desaparecimento daquele homem.

— O senhor é muito inocente, Andrews... Jamais negaríamos caso o desaparecimento do seu “amigo do peito” tivesse acontecido sob o nosso comando. Tantos intrusos foram tirados do nosso caminho, ele seria apenas mais um.

— Não acredito em vocês.

— Basta! Não precisamos que você acredite ou não. Mantenha-se calado e não se atreva a buscar por justiça a esta altura do campeonato. Aconselho que você tome cuidado até com seus próprios pensamentos. De nossa parte, saiba que faremos de tudo para atingir nossos propósitos. Já dominamos muitos setores na sociedade e agora vamos conquistar as profundezas do mar.

— Esperem! Por favor, não tomem nenhuma atitude contra Alexandre ou irei denunciar vocês.

— Já não posso garantir nada sobre essa questão. Isso dependerá mais dele que de nós. Esperamos que ele tenha amor à própria vida e não atravesse o nosso caminho. Agora, se preocupe em encomendar a própria alma, pois algo me diz que seus dias, ou horas, estão contados — completa com tom sarcástico.

Ao dizer isso, os dois homens saem do quarto. Em seguida, a enfermeira aproxima-se do paciente, injeta um líquido transparente no frasco de soro e segue normalmente com as suas responsabilidades. Horas depois, o médico de plantão escreve falência múltipla de órgãos na certidão de óbito de Andrews. No corredor do hospital, uma enfermeira fala ao celular: — Arquivo enterrado.

Do caos para um novo horizonte

No mundo científico, tudo caminha aparentemente sem novidades, até que um furo de reportagem denuncia suposto envolvimento do governo na realização de testes com sonares no fundo do mar. A notícia traz à tona exageros cometidos com equipamentos de última geração nocivos à vida marinha. Com a repercussão do caso, durante uma coletiva de imprensa, o representante da organização se isenta de qualquer responsabilidade e declara desconhecimento dos fatos.

— Abriremos uma sindicância para descobrir os responsáveis por essa ação numa região de domínio restrito. Não há envolvimento do governo com esses equipamentos, mas uma investigação sigilosa, realizada há meses, aponta a exploração realizada por uma facção inescrupulosa. Em breve, teremos mais informações, mas já podemos adiantar que muitas mortes de espécies marinhas, ocorridas nos últimos anos, são resultado de um trabalho irresponsável que não tem nenhuma relação com as pesquisas sérias realizadas pela nossa corporação. Providências vêm sendo tomadas e há a possibilidade de um confronto em alto-mar com o intuito de barrar esse trabalho desenfreado.

Ao acompanhar a notícia, Alexandre observa que a região em que estão fazendo novos testes com sonares é justamente onde ele esteve com Pandora por duas vezes. Sem saber direito o que fazer, ele segue à base do governo e busca informações sobre esses atos. A organização havia encontrado diversos equipamentos não autorizados instalados no fundo do mar, e alguma providência seria tomada nos próximos dias.

Desesperado, Alexandre precisa avisar Pandora sobre possíveis ataques submarinos. Quando chega à marina, nota movimentação estranha e é avisado sobre a suspensão de liberação de barcos naquele dia. Tenta negociar de todas as formas até que o velho amigo do seu pai libera a sua saída, já que o bloqueio dos barcos não havia

sido solicitado pela Capitania dos Portos. Sabia que naquela época do ano, aquela era a região de passagem migratória de baleias e comunidades de sereias. Teme que algum membro da espécie seja capturado.

Não há movimentação em alto-mar. As águas estão agitadas. Num determinado trecho, Alexandre tira da sua mochila o aparelho que emite o som dos golfinhos misturado com “Bloop”. Essa é uma forma de atrair a presença dos golfinhos e de Pandora. E logo surgem os primeiros amigos marinhos.

— Amigos, vocês correm riscos e Pandora também. Eu espero que vocês me compreendam. Se refugiem no mais profundo que puderem. Armas poderosas podem atingir vocês — Alexandre grita, abanando os braços, e os golfinhos, em vez de retornarem, fazem manobras à sua frente, e isso o deixa ainda mais nervoso. — Meu Deus, o que faço para impedir uma tragédia? — pensa em voz alta. Apesar de sua impaciência e nervosismo, os golfinhos ficam um tempo rodeando o seu barco.

Alexandre procura manter a tranquilidade quando os golfinhos somem naquele horizonte infinito. Sem a presença de outros barcos, decide fazer um mergulho. Ajusta a roupa, os aparelhos e desce ao fundo do mar. Tem a esperança de reencontrar Pandora e avisar sobre as notícias veiculadas.

A dezenas de metros abaixo da superfície, Alexandre não sabe para onde se dirigir, muito menos como atrair a atenção da sereia. Permanece algum tempo flutuando entre corais e peixes. Aquela tranquilidade fê-lo se sentir como se estivesse saindo de um pesadelo. Aliviado, decide voltar à margem, quando nota uma movimentação diferente e logo percebe que os amigos golfinhos voltam ao seu encontro e, entre eles, Pandora.

Alexandre precisa falar o que está acontecendo, por isso, aponta à superfície para que possam conversar. Quando se acomodam na embarcação, ele retira a máscara de mergulho e logo dá um afetuoso abraço em Pandora, os dois reservam alguns minutos para matar as saudades que sentem. Um percebe claramente as batidas do coração do outro. Eles se beijam, abraçam, mas, como se voltassem à

realidade, Alexandre segura Pandora pelos braços, olha profundamente em seus olhos e explica o que está acontecendo:

— Pandora, preste muita atenção. Eu ainda não sei detalhes sobre uma operação que está para acontecer no fundo do mar, mas sei que é algo perigoso para todas as espécies marinhas, inclusive para você e toda a sua família. A Marinha se isenta de qualquer responsabilidade sobre a utilização de equipamentos poderosos, que alcançam lugares cada vez mais profundos. Você precisa avisar para o seu povo o que está acontecendo, está entendendo?

— Sim, Alexandre. Calma! Estou entendendo. Já notamos alguma movimentação estranha no fundo do mar. Já nos deparamos com equipamentos que vêm chegando a profundidades que antes não alcançavam. O meu pai está atento e vou passar as suas informações para ele. Fique tranquilo.

— Pandora, talvez eu não tenha sido tão claro. O noticiário tem retratado essa invasão humana no fundo do mar como uma verdadeira guerra. E, infelizmente, tem certos humanos sem nenhuma compaixão ou amor ao próximo que, para alcançar seus objetivos, são capazes de qualquer coisa.

— Eu entendo, Alexandre. Meu povo vem sofrendo há anos com as ações inconsequentes dos humanos. Isso tudo não é novidade. Talvez você esteja surpreso porque, agora, tem uma visão diferente da vida no mar e da perversidade do homem, mas isso tudo não é novidade.

Sem graça com a resposta de Pandora, Alexandre tenta se acalmar e aproveita aquele momento para conhecer um pouco mais sobre a vida da sua amada, mas a atração e o desejo dos dois fazem com que a conversa fique em segundo plano. Trocam intensas carícias, beijos apaixonados e afagos. O tempo passa e os dois só se dão conta quando um grupo de golfinhos chama a atenção. Numa conversa rápida entre eles, Pandora fica visivelmente transtornada. Alexandre percebe e fica nervoso.

— Pandora, o que está acontecendo? O que eles falaram para você?

— Alexandre, você tem razão. Os humanos são mais perversos do que podemos imaginar. Meus amigos acabam de avisar que um

som absurdo conseguiu atingir camadas profundas do mar e deixou muitos dos nossos feridos. Por causa dos ferimentos, eles não conseguiram se refugiar e estão presos em imensas redes.

— Mas onde está acontecendo isso, Pandora? O que podemos fazer para ajudá-los?

— Isso está acontecendo numa região bem perto daqui e existem outros barcos se aproximando de nós, mas eu não consigo escutá-los, o que é muito estranho.

— Pandora, talvez esse grupo tenha descoberto uma forma de navegar sem permitir que vibrações sonoras sejam percebidas. É muito provável que você tenha sido atingida por transmissores que impedem a audição e nem tenha notado.

— Como pode acontecer isso? Então corremos risco ainda maior do que imaginávamos. Alexandre, eu preciso ir...

— Pandora. eu vou com você, espere — enquanto fala, procura sua máscara de mergulho para acompanhá-la.

— Não faça isso, Alexandre. Nossa estrutura física é muito mais resistente que a sua. Se alguns dos meus não suportaram a esse ataque, certamente você não resistiria também. Fique aqui. Eu prometo voltar para dar notícias. Por favor, atenda ao meu pedido. Eu não quero perder você também.

Mesmo contra a sua vontade, Alexandre permanece no barco e vê sua amada mergulhar e seguir seus amigos golfinhos. A espera o deixa transtornado. Não sabe o que fazer, se sente completamente impotente.

Quando Pandora atinge certa profundidade, enxerga um cenário de guerra. Bolhas imensas surgem entre algas e plantas marinhas e, quando explodem, emitem uma vibração que atinge fatalmente muitas espécies. Quando chega ao local reservado de seu povo, observa que todos estão assustados e procuram se proteger.

— O que está acontecendo?

— Oi, minha filha, por onde você nadava? Estava preocupado com você. Estamos sofrendo um ataque jamais visto nas profundezas do mar. Precisamos nos proteger.... Eu não sei até onde eles irão com isso, mas certamente têm um alvo...

— Têm um alvo? Qual é o alvo?

— *Eles estão interessados em capturar sereias, Pandora. Muitos do nosso povo já foram capturados e eles ainda não se contentaram. Corremos sérios riscos. Precisamos migrar para outro local e isto tem que ser feito agora. Vamos.*

Com a afirmação de Nereu, Pandora pensa em Alexandre. Se fosse embora para outro lugar, certamente perderia o contato com ele. Seu coração fica oprimido. Sabe que, naquela circunstância, não teria muito a fazer, pois nem seu próprio pai sabe qual rumo seguirão.

— *Pai, eu preciso me despedir de Alexandre! Eu tenho que falar com ele, explicar o que está acontecendo. Ele está muito aflito. Sabe que algo estranho está acontecendo, mas não tem noção do que isto realmente significa para o nosso povo. Eu preciso avisá-lo.... Eu preciso me despedir dele!*

— *Não temos tempo para isso, Pandora. Alguns guardiões já iniciaram a viagem. Eles estão preparados para seguir adiante e nos avisar qual o melhor rumo a tomar. Eles sabem que correm risco de morte, mas estão dispostos a abrir caminho para nós.... Por isso não podemos demorar.*

Enquanto Nereu orienta Pandora, grupos de sereias se concentram nas profundezas do mar.

— *Pandora, estamos em risco, minha filha. Toda nossa comunidade corre risco. Você não tem noção. Agora chega de conversa e vamos embora. — O Rei Sereia tenta pegar a mão de Pandora, mas ela escapa. Ele tenta segurá-la novamente, mas não consegue, e, determinada, ela segue com uma velocidade incrível em direção à superfície. Seu único pensamento é avisar Alexandre.*

Ao chegar a determinado ponto, Pandora encontra alguns de seus amigos golfinhos. Eles tentam impedi-la de seguir adiante, porque observam a presença de outros barcos próximos ao de Alexandre. Como se estivesse cega, ela não se dá conta dos riscos e, quando chega à superfície, vê Alexandre rodeado por alguns homens com comportamento nada amistoso. Logo reconhece a voz deles e estremece.

De outro barco, um grupo vê Pandora e começa a vociferar, dando ordem para que a capturem. Aquela agitação inesperada deixa

a sereia atordoada. Sem ação, ela cai na rede lançada ao mar. Mexendo de um lado para outro, quanto mais se movimenta, mais presa fica.

— Soltem a sereia. Deixem-na ir embora — vocifera Alexandre, desesperadamente, enquanto tenta se desvencilhar das mãos dos homens que o detêm no barco. — Vocês estão cometendo um erro. Deixem-na em paz.

— Então, seu cientistazinho, você conhece essa sereia? Por que nunca revelou ao mundo científico o que descobriu? Essa sua atitude vai contra os princípios que deveria seguir como cientista — fala ironicamente um dos homens que o segura com força pelo braço.

— Vocês não sabem de nada. Deixem que ela vá embora.

— Você é quem não sabe de nada, Alexandre. Há anos estamos aguardando esta oportunidade. Trabalhamos arduamente para isto e agora chegou o momento. Levantem a rede, mas tomem cuidado. Eu quero esta espécie viva.

Assustada e com muito medo, Pandora se debate e faz um barulho estranho, estridente, quase ensurdecedor. É um pedido desesperado de socorro. Dos seus olhos saem lágrimas e, num determinado momento, ela e Alexandre cruzam olhares e se sentem impotentes ante aquela situação.

Quando acomodam Pandora no fundo de uma grande embarcação, eles dão ordem a Alexandre para que troque de barco e colocam os dois no mesmo lugar, mas não tiram Pandora da rede. Os homens suspeitam da ligação entre os dois, mas ficam admirados quando eles se abraçam.

— Então vocês já se conhecem bem. Bom saber. Além de uma surpreendente espécie marinha, temos ainda um humano que se relaciona com uma mulher-peixe? Como o destino me surpreende. Durante anos busquei a confirmação de uma suspeita e hoje estou aqui, com uma descoberta ainda mais interessante. Pensei que ficaria rico, mas agora vou ficar milionário com o casal que está à minha frente.

— Não façam nenhuma bobagem — pede Alexandre. — Não vale a pena sacrificar uma espécie em função de outros interesses. Posso ajudá-los a entender sobre as sereias, então não façam nada de

mal a ela. Talvez as minhas vontades estejam bem alinhadas às suas e, sendo assim, podemos fazer um acordo.

— Um acordo? O que você quer dizer com isso?

— Queria ganhar terreno para trazer à tona esta descoberta, mas vocês me interromperam. Posso ajudá-los. Podemos ganhar muito dinheiro juntos. Tenho informações preciosas que ela mesma me passou. Estou disposto a colaborar com vocês.

Pandora entende cada palavra de Alexandre e o medo cresce dentro dela. Havia confiado nele, revelado muitos segredos sobre o seu povo e agora se sentia traída com raiva e triste. Seria possível isso?

— Isso é melhor para todos nós. Assim não desperdiçamos tempo. Tirem as cordas das mãos e pés dele. Deixem-no livre para que possamos conversar — ordena o homem.

Com esta ordem, Alexandre é solto e mantém a sua atenção no interlocutor. Suas atitudes se tornam frias e seu tom de voz totalmente diferente daquela pessoa envolvente e atenciosa que havia despertado um novo sentimento em Pandora. Acuada, rodeada por pessoas curiosas, ela não vê saída para a situação. Está refém da curiosidade e da ganância humana. A tristeza chega a doer no peito quando pensa na possibilidade de ter sido usada pelo Alexandre.

— Como vocês já devem ter conhecimento, desde o tempo em que iniciei o trabalho no laboratório, por intermédio do professor Andrews, fui encarregado de analisar e investigar a origem de um “Bloop” misterioso. Durante muitos meses, tudo parecia não fazer sentido, até que um dia encontrei uma linha de pesquisa que me levou ao encontro desta espécie. Desde que a encontrei, mantive comunicação e, de certa forma, consegui adestrá-la. Ela obedece aos meus comandos. Posso mostrar isto a vocês em uma rápida apresentação. Descobri que, após algum tempo fora da água, ela não tem coordenação e seus movimentos ficam limitados, por isso não precisam ter receios.

Nesse momento a Pandora fica chocada, ela sente raiva e nojo do Alexandre. Como poderia ter sido tão enganada por ele. Não é possível que tudo foi uma grande mentira. Ela tinha que escapar e avisar seus familiares.

Ainda com certa desconfiança, aquele grupo ávido por fama, poder e muito dinheiro, não enxerga à frente a fragilidade de uma espécie. Eles sacrificariam qualquer coisa para atingir seus objetivos e, entre eles, preservar uma sereia não está no topo da lista.

— O quê? Essa sereia entende o nosso idioma? Ela é capaz de responder aos seus comandos? — pergunta um dos homens.

— Ainda não descobri se ela fala o nosso idioma, mas acredito que possa aprender rápido. Também não sei exatamente qual o grau de inteligência desta espécie, mas tenho certeza de que é capaz de entender muitas coisas e que isso pode gerar milhões... O que importa é a fama, o reconhecimento, o poder e os valores que podem transbordar em nossas contas bancárias com essa descoberta, vocês concordam comigo?

— Sim, concordamos — responde o líder do grupo, que, até então, parecia ser o mais frio, calculista e agora demonstra um entusiasmo quase infantil. Cegos pela ganância, a presença de Pandora também deixa cada um deles em estado de choque, anseios e medo.

— Estamos surpresos com esta inusitada aparição. Quero que nos mostre como conseguiu manter contato. Vamos conquistar as profundezas do mar, então nos diga o que devemos fazer.

— O primeiro passo é livrar a sereia da rede. Ela é inofensiva e está acuada. Não vai adiantar nada uma sereia morta. Ela não fará nada contra qualquer um de nós e nem tentara escapar pois ela tem medo de humanos.

— Você tem certeza disso?

— Sim, essa sereia é mais dócil que um golfinho. Não precisa se preocupar e, além do mais, se ela fosse um risco para nós, eu mesmo jamais deixaria que a soltasse.

— Homens, obedeçam à ordem. Tirem a rede do corpo da sereia.

— Apesar do comando, nenhum dos homens toma a iniciativa. Estão com medo.

— Já que ninguém tem coragem de chegar perto, eu mesmo farei isso. — Quando Alexandre se aproxima, Pandora chora de cólera. Ela tenta resistir se debatendo com força. Sente ódio e desespero, mas o Alexandre logo a reconforta falando bem baixinho - Eu te amo, fuge o

mais longe possível.... Ela imediatamente entende que aquilo tudo era uma encenação para ganhar tempo e salvá-la. Calculadamente, ele desvencilha a rede do corpo de Pandora, envolve-a nos braços e, num movimento que surpreende a todos, lança-a ao mar.

— Seu cretino mentiroso — berra o chefe da equipe, ao mesmo tempo em que acerta um forte soco no rosto de Alexandre. — Todos em alerta, recuperem essa sereia. Ela não deve ir muito longe. Vamos todos, rápido.

Nessa confusão, Alexandre também mergulha rapidamente, mas consegue avançar pouco, pois logo é agarrado por homens, que estão em outra embarcação e foram mais rápidos na sua captura.

A confusão é tremenda. Dentro d'água, Alexandre tenta se desvencilhar daqueles homens, quando percebe que Pandora vem ao seu encontro. Ela se aproxima e acerta os dois com a cauda. Em seguida, faz um movimento brusco, gerando uma espécie de ciclone ao seu redor.

Alexandre é atingido pela força do turbilhão, mas se reequilibra rapidamente e segue Pandora. Ele nada para as profundezas do oceano com uma facilidade incrível e nem percebe que está sem máscara de oxigênio. Apesar disso, a sua capacidade de respiração é ampliada, e ele desce, desce cada vez mais para o fundo. Quer viver, mas daria a própria vida para salvar Pandora. Se voltar à superfície, certamente seria torturado e morto. Aqueles homens não estão para brincadeira.

A pressão é enorme. Uma dor forte pressiona os tímpanos de Alexandre. Ele aperta a cabeça entre as mãos. Sente seus pulmões dilatando. E, mesmo com muita dor, empenha todas as suas forças em direção ao fundo do mar. Quando está para perder os sentidos, é amparado por Nereu, que olha profundamente em seus olhos e começa a falar para o Alexandre:

— O contato das sereias com os terrestres seria desastroso. Toda a comunidade seria dizimada. Entre muitos humanos não há o respeito próprio, muito menos com o diferente. Na terra, seríamos fatiados em mesas de cirurgia ou presos em imensos aquários para a visitação em zoológicos. Você já descobriu que aqui é diferente. Agora cabe a você escolher onde viver nos próximos anos da sua vida.

Pandora não se pronuncia, apenas observa as reações de Alexandre. Mesmo sem saber o desfecho daquela conversa, ela é grata por aquele homem arriscar a própria vida em sua defesa.

— Sei que minha filha o levou a uma gruta secreta. Eu disse a ela que só poderia fazer isso se os seus instintos a conduzissem. — Pandora olha assustada para o pai, pois não sabia que ele tinha conhecimento deste fato.

— Eu confio nos instintos da minha filha. Você mesmo só conseguiu chegar até aqui porque seus instintos o direcionaram. Não foi à toa que Pandora o encontrou. Você faz parte da sexta raça dos seres humanos capazes de viver em harmonia tanto na água quanto em terra, com uma consciência evolutiva. Agora chegou um momento decisivo. Cabe a você escolher. Temos de sair daqui rápido, os guardiões já nos indicaram um caminho. A comunidade de sereias sobreviverá, mas apenas se sairmos daqui agora...

Para Alexandre, respirar embaixo d'água é uma das fantasias mais simbólica da sua infância. Ele percebe que os seus pulmões estão retirando o oxigênio livre e que ele consegue respirar e ouvir; isso gera uma sensação de bem-estar e de flutuação. Ele sente que aqui sempre foi o seu lugar.

Ele procura, ao seu redor, qual direção seguir. Nereu e Pandora o acompanham sem dizer uma só palavra. Quando passam em frente à gruta secreta, ele entra e olha para cada desenho. Lembranças, anseios, inseguranças e uma intensa mistura de sentimentos fazem sua cabeça rodar. Em silêncio faz uma avaliação do mundo, das pessoas e da vida que pretendia para o seu futuro. A sociedade na imensa selva de pedra, o instinto agressivo que o homem permitiu tomar conta de seu comportamento, a valorização exacerbada de bens materiais.... Tudo isso o angustiava.

Quando volta sua atenção para os dois que aguardam uma resposta, ele nada ao encontro de Pandora, pega em sua mão, acena a cabeça positivamente e fala:

— Minha decisão está tomada. Não há outro caminho. Nada do que vivi na terra foi tão significativo quanto conhecer Pandora, descobrir que sou acolhido e posso viver nas profundezas do mar. Vamos ao encontro dos guardiões.

— *Confio nos seus instintos, rapaz. — Nereu troca olhares afetuosos com os dois e, juntos, partem ao encontro da comunidade que migra para outra região.*

Ao longe, quando Alexandre avista aquela multidão de sereias, observa adiante um líder com idade já avançada, mas aparência bastante familiar. Quando consegue enxergar com nitidez, uma palavra, represada no seu coração há muitos anos, ecoa na imensa profundidade do mar...

— *Paaaiiiii!*

O ancião olha para trás, com um largo sorriso no rosto, e abre os braços para Alexandre.

— *Meu filho! Esperei muito tempo por este momento e estou feliz porque descobriu que, dentro de você, tem fôlego de vida! Você fez a escolha certa...*

FIM

Sobre a Autora

Com mãe comissária de bordo e pai filósofo, a franco-mineira Béatrice T. Dupuy sempre viveu no mundo das viagens e dos livros. Morou na França e nos Estados Unidos, onde já foi recepcionista, garçoneiro, vendedora e baby-sitter.

Apaixonada pelo mar, Béatrice sonhava em ser bióloga marinha. Hoje, mestre em comunicação, exerce funções de liderança em comunicação corporativa.

Béatrice é casada, tem um filho e mora em São Paulo.

***GOSTOU DO LIVRO? TEM ALGO A DIZER?
COMENTE! A AUTORA FICARÁ FELIZ EM SABER A SUA
OPINIÃO.***

Entre em contato através das redes sociais:

[Fanpage](#)

[Instagram](#)

[Skoob](#)

Diagramação Digital: saga.llalves@gmail.com